



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA – TO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

ALBERTO GOMES DE ARAÚJO

**CULTURA, TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE DA TROPA DE ELITE
DA POLÍCIA MILITAR DO TOCANTINS – CIOE-PMTO**

**ARAGUAÍNA – TO
2021**

ALBERTO GOMES DE ARAÚJO

**CULTURA, TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE DA TROPA DE ELITE
DA POLÍCIA MILITAR DO TOCANTINS – CIOE-PMTO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território (PPGCULT), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, como requisito parcial e final à obtenção de grau de mestre em Estudos de Cultura e Território. Linha de pesquisa I: Natureza, Poder e Territorialidade.

Orientador: Prof. Dr. Braz Batista Vas
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a. Martha Victor
Vieira.

ARAGUAÍNA – TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A663c Araújo, Alberto Gomes de.
Cultura, Territorialização e Territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins - CIOE-PMTO. / Alberto Gomes de Araújo. – Araguaína, TO, 2021.
178 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2021.

Orientador: Braz Batista Vas

Coorientadora : Martha Victor Vieira

1. O Surgimento da Cultura, Doutrina e Simbologias das Operações Especiais. 2. A Criação e Consolidação da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar no Contexto de Criação e Estruturação do Estado do Tocantins. 3. Cultura e Territorialidade (I)Materiais dos Ex-Integrantes e Integrantes da CIOE-PMTO. 4. Considerações Finais. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALBERTO GOMES DE ARAÚJO

CULTURA, TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE DA TROPA DE ELITE
DA POLÍCIA MILITAR DO TOCANTINS – CIOE-PMTO

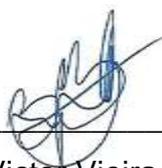
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território (PPGCULT), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, como requisito parcial e final à obtenção de grau de mestre em Estudos de Cultura e Território. Linha de pesquisa I: Natureza, Poder e Territorialidade.

Data de Aprovação 29 / 10 / 2021

Banca examinadora:



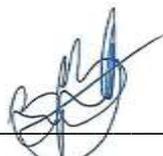
Prof. Dr. Braz Batista Vas, UFT/UFNT



Prof. Drª Martha Victor Vieira, UFT/UFNT



Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério, UFT/UFNT



Prof. Dr. Francis Albert Cotta Formiga, UEMG/UFMG

Ao meu pai, João Silva de Araújo (*In Memoriam*) e minha mãe Maria Gomes de Araújo por darem a educação e formado o meu caráter, para não desistir e nem ser corrompido por uma parcela da sociedade que pensa que ser desonesto é mais compensatório do que acreditar na educação como algo que modifica o homem.

Para os meus filhos: João Victor, Letícia, Albert, Bryan, ao meu neto, Pedro e para minha esposa Sandra, os quais são fontes de minhas inspirações.

A memória de meus irmãos, Caveiras: Macedo (CAVEIRA10); Moraes (CAVEIRA 20); Calaça (CAVEIRA 37); Manduca (CAVEIRA 46), que iniciaram essa jornada comigo em 2003 ao concluirmos o I-COEsp-PMTO. Para o meu irmão, Gustavo (CATEANO 33), o qual tive a honra de operar ao seu lado, mas que agora encontram-se ao lado do Senhor dos Exércitos, o nosso Poderoso Deus.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores professores doutores Braz Batista Vas e Martha Victor Vieira, pela paciência, dedicação e olhares atentos, o que muito contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual, pois a construção de uma dissertação não implica somente em um trabalho individual, mas na ajuda e participação de muitos. Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), o seu corpo docente, direção e administração pela oportunidade de obter o grau de mestre em Estudos de Cultura e Território. Aos meus colegas do mestrado, que incentivaram sempre nos momentos difíceis, quando nos víamos cansados e vulneráveis as armadilhas dos desânimos que queriam muitas vezes nos assolar. Ao Colegiado de História da UFT pelo acolhimento depois de vinte anos distantes dos bancos escolares, a prof. Dr^a Vera Lúcia Caixeta que me incentivou a dar prosseguimento aos estudos e não me contentar apenas com a graduação. Aos meus irmãos e irmãs de farda da tropa ordinária; meus camaradas de Operações Especiais, Caveiras e Cateanos, que sempre me apoiaram e muito contribuíram para que esta dissertação fosse possível de ser realizada. Pois, conto aqui a Cultura, Territorialização e Territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins - CIOE-PMTO. Aos meus irmãos, Pedro Gomes de Araújo (*In Memoriam*), Creusimar, Delfino, Ana Lúcia, Antônio Carlos, Silvinha, Reinalda, Luciane, os quais sempre foram meus amigos e inspiração. Para meus filhos, João Victor, Letícia, Albert, Bryan e o meu primeiro neto Pedro, os quais me dão motivação para continuar acreditando na possibilidade da construção de um mundo melhor e mais justo. À minha esposa, Sandra Costa Brito, pois sem a sua compreensão, paciência, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço não seria possível esta conquista. Aos meus pais, João Silva de Araújo (*In Memoriam*) e Maria Gomes de Araújo que apesar de todas as dificuldades que passaram foram os meus primeiros mestres, investindo na educação necessária para a formação dos meus princípios éticos e morais. Enfim, sem a minha crença em meu Poderoso Deus tudo isto não seria possível.

“E que nunca envergonhemos a nossa fé,
nossas famílias ou nossos camaradas.”
(Oração das Forças Especiais)

RESUMO

Esta dissertação trata do processo de territorialização da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins - CIOE-PMTO, ou seja, da organização e constituição simbólica dos ex-integrantes e integrantes da então Companhia Independente de Operações Especiais, pois no decorrer da pesquisa a CIOE foi elevada a Batalhão de Operações Especiais - BOPE. Trata-se de dar visibilidade a esses homens e suas estratégias de distinção na Polícia Militar do estado do Tocantins a partir da cultura e processo de territorialização. O referencial teórico, partiu-se da perspectiva de Pierre Bourdieu, em especial dos conceitos de *habitus*, *campo* e capital simbólico, na tentativa de compreender as razões da criação da CIOE e o processo de construção de suas marcas simbólicas, entre 2003 e início de 2021. A literatura utilizada dialoga com a Antropologia, a Sociologia, a Geografia e a História. As fontes utilizadas passaram por uma abordagem qualitativa e quantitativa, através da análise de documentos oficiais da corporação e aplicação de questionários estruturados a alguns ex-integrantes e integrantes da CIOE. Enfim, foi possível revelar a cultura e territorialização a partir das referências de Bourdieu, Denécé, Raffestin e Saquet, facilitando o entendimento quanto a cultura, territorialização, territorialidade e a construção de novos *habitus* nos integrantes da CIOE, que anteriormente faziam parte da tropa ordinária e a permanência desses *habitus* nos seus ex-integrantes. Estes *habitus*, como definido por Bourdieu estão presentes nas falas, gestos, comportamentos e valores do grupo. Ademais, percebeu-se a insistência recorrente de mobilizar argumentos para “fazer crer” na necessidade da criação de Forças Especiais de Polícia, mostrando a cultura, territorialização e territorialidade desta unidade distinta dos comuns, a saber: a tropa de elite da Polícia Militar do Tocantins.

Palavras-Chave: CIOE; PMTO; *habitus*; distinção; marcas simbólicas.

ABSTRACT

This dissertation deals with the process of territorialization of the Elite Troop of the Military Police of Tocantins - CIOE-PMTO, that is, the organization and symbolic constitution of former members and members of the then Independent Company of Special Operations, as CIOE during the research was elevated to Special Operations Battalion - BOPE. It is about giving visibility to these men and their strategies of distinction in the Military Police of the state of Tocantins from the culture and process of territorialization. The theoretical framework was based on the perspective of Pierre Bourdieu, especially the concepts of habitus, field and symbolic capital, in an attempt to understand the reasons for the creation of the CIOE and the construction process of its symbolic marks, between 2003 and the beginning of 2021. The literature used dialogues with Anthropology, Sociology, Geography and History. The sources used underwent a qualitative and quantitative approach, through the analysis of official documents of the corporation and application of structured questionnaires to some former members and members of the CIOE. Finally, it was possible to reveal culture and territorialization from the references of Bourdieu, Denécé, Raffestin and Saquet, facilitating the understanding of culture, territorialization, territoriality and the construction of new habitus in CIOE members, who were previously part of the ordinary troop and the permanence of these habitus in its former members. These habitus, as defined by Bourdieu, are present in the group's speech, gestures, behavior and values. Furthermore, the recurrent insistence on mobilizing arguments to "make believe" in the need for the creation of Special Police Forces was noticed, showing the culture, territorialization and territoriality of this unit distinct from the common ones, namely: the elite troop of the Military Police of Tocantins.

Keywords: CIOE; PMTO; habitus; distinction; symbolic marks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Brasil.....	22
Figura 2: Símbolo dos Comandos SAS Britânico.....	28
Figura 3: Brasão da CIOE.....	30
Figura 4: Transformação do Brevê do COEsp – PMTO.....	32
Figura 4a: Primeiro Brevê dos Caveiras do Sol.....	32
Figura 4b: Segundo Brevê de tecido.....	32
Figura 4c: Primeiro Brevê emborrachado.....	32
Figura 4d: Primeiro Brevê elíptico.....	32
Figura 4e: Atual Brevê emborrachado.....	32
Figura 4f: Primeiro Brevê de metal.....	32
Figura 4g: Adquirindo uma identidade própria.....	32
Figura 4h: Atual Brevê de metal.....	32
Figura 5: Brevê dos Caveiras do Sol.....	34
Figura 6: Marcas visíveis nos espaços ocupados/utilizados.....	36
Figura 6a: Treinamento em ambiente rural.....	36
Figura 6b: Uniforme preto (tradicional).....	36
Figura 6c: Brevê dos “Caveira do Sol”	36
Figura 6d: Brasão da CIOE – PMTO.....	36
Figura 6e: Base Avançada da CIOE em Araguaína – Tocantins.....	36
Figura 7: Mapa do Estado do Tocantins.....	64
Figura 8: Brevês dos CAVEIRAS da CIOE.....	66
Figura 9: Brevês dos Ações Táticas Especiais da CIOE.....	67
Figura 10: Moeda dos Caveiras do Sol.....	79
Figura 11: Brevês dos Ex-Integrantes.....	80
Figura 11a: Brevê dos “Caveiras do Sol”	80
Figura 11b: Brevê dos Cateanos da PMCE.....	80
Figura 11c: Brevê dos “Caveiras da Montanha” da PMMG.....	80
Figura 12: Brevês dos Integrantes entrevistados.....	108
Figura 12a: Brevê dos Caveiras do Sol.....	108
Figura 12b: Brevê dos Cateanos da PMESP	108
Figura 12c: Brevê dos Cateanos da PMPI.....	108
Figura 12d: Brevê dos Caveiras da PMAM.....	108
Figura 12e: Brevê dos Caveiras da PMGO.....	108
Figura 12f: Brevê dos Caveiras da PMRR.....	108
Figura 12g: Brevê dos Caveiras da PMRN.....	108
Figura 12h: Brevê dos Cateanos da PMMA.....	108
Figura 12i: Brevê dos Comandos do Exército brasileiro (EB).....	108
Figura 13: Brevê do CATE e Sede Própria do BOPE-PMTO.....	155

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro1: Organograma atual da organização da CIOE.....	15
Quadro 2: Organograma dos demais grupos que surgiram depois da CIOE.....	33
Quadro 3: Coordenações Regionais do PROERD.....	53
Quadro 4: Relação dos Primeiros Caveiras do Sol – COEsp 2003.....	61
Quadro 5: Distribuição do efetivo em 2003.....	63
Quadro 6: Organograma dos ex-comandantes.....	71
Quadro 7: Mandamentos e Oração de OE.....	75
Quadro 8: Curso e permanência na CIOE.....	78
Quadro 9: Curso dos Integrantes da CIOE.....	107
Quadro10: Organograma da Organização do BOPE-PMTO.....	156

LISTA DE SIGLAS

AC	Acre
AL	Alagoas
AM	Amazonas
ATIT	Assessoria Técnica de Informática e Telecomunicações
BA	Base Avançada
BG	Boletim Geral
BI	Boletim Interno
BOPE	Batalhão de Operações Especiais
BPCHOQUE	Batalhão de Policiamento de Choque
BPM	Batalhão da Polícia Militar
BPMA	Batalhão de Polícia Militar Ambiental
CAO	Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais
CAP	Capitão
CAT	Curso de Ações Táticas
CATE	Curso de Ações Táticas Especiais
CE	Ceará
CEL	Coronel
CF	Constituição Federal
CFSD	Curso de Formação de Soldado
CIOE	Companhia Independente de Operações Especiais
CIOPAER	Centro Integrado de Operações Aéreas
CIPAMA	Companhia Independente da Polícia Militar Ambiental
CIPM	Companhia Independente da Polícia Militar
CIRO	Curso de Intervenção Rápida e Ostensiva
CMT	Comandante
COC	Curso de Operações com Cães
COE	Comando de Operações Especiais
COESP	Curso de Operações Especiais
COR	Curso Operacional de Rotam
CPC	Comando do Policiamento da Capital
CPE	Comando do Policiamento Especializado
CPI	Comando do Policiamento do Interior
DEIC	Divisão de Investigações sobre Crimes contra o Patrimônio
DGP	Diretoria de Gestão Profissional
DOE	Diário Oficial do Estado
EAT	Estágio de Aplicações Táticas
EB	Exército Brasileiro
FEP	Forças Especiais de Polícia
GAECO	Grupo de Atuação Especial no Combate ao Crime Organizado
GIRO	Grupo de Intervenção Rápida e Ostensiva
GO	Goiás
GOC	Grupo de Operações com Cães
GOTE	Grupo de Operações Táticas Especiais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFTO	Instituto Federal do Tocantins
MA	Maranhão
MAJ	Major

MG	Minas Gerais
OE	Operações Especiais
OPM	Organização Policial Militar
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PA	Pará
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
PMESP	Polícia Militar do Estado de São Paulo
PMTO	Polícia Militar do Tocantins
POP	Procedimento Operacional Padrão
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas
QCG	Quartel do Comando - Geral
QOPM	Quadro de Oficiais da Polícia Militar
QPPM	Quadro de Praças da Polícia Militar
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio grande do Norte
ROTAM	Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas
RP	Rádio Patrulha
RR	Reserva Remunerada
RR	Roraima
SAS	<i>Special Air Service</i>
SD	Soldado
SGT	Sargento
SIAD	Sistema Integrado de Atendimento e Despacho
SIOP	Sistema Integrado de Operações
SP	São Paulo
TAF	Teste de Aptidão Física
TEN CEL	Tenente - Coronel
TFM	Treinamento Físico Militar
UPM	Unidade Policial Militar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DA CULTURA, DOCTRINA E SIMBOLOGIAS DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS	26
1.1 Cultura das Operações Especiais: breve histórico	26
1.2 Territorialização das Operações Especiais.....	34
1.3 Breve histórico da Polícia Militar em Goiás e no Tocantins.....	44
CAPÍTULO II - A CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA COMPANHIA INDEPENDENTE DE OPERAÇÕES ESPECIAIS DA POLÍCIA MILITAR NO CONTEXTO DE CRIAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS	51
2.1 Estado do Tocantins e a Polícia Militar: breve histórico	51
2.2 Criação e Estruturação da CIOE-PMTO: histórico	59
2.3 Perfil dos comandantes da CIOE	68
CAPÍTULO III - CULTURA E TERRITORIALIDADES (I)MATERIAIS DOS EX-INTEGRANTES E INTEGRANTES DA CIOE - PMTO	73
3.1 Cultura e Território	73
3.2 Ex-Integrantes da CIOE-PMTO	77
3.3 Integrantes da CIOE-PMTO.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	163
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO AOS EX-INTEGRANTES E INTEGRANTES DA CIOE	166
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS	167
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	171
ANEXO C – EXTRATOS DE OCORRÊNCIAS	174
ANEXO D – JORNAL DO TOCANTINS - 2003	175
ANEXO E – DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS	176

INTRODUÇÃO

Negligenciados pela historiografia até bem pouco tempo em razão de diversos preconceitos e estereótipos associados aos homens e mulheres de farda, os policiais militares raramente aparecem nos livros ao longo da história. Quando aparecem são retratados como opressores por uma parcela da sociedade, muito embora, contraditoriamente, haja um clamor desta mesma parcela da sociedade pelo aumento na atenção com a segurança pública.

Uma imagem de descrédito que circula na atualidade, em 2021, dos policiais militares, vai de encontro com a real missão destes agentes, a quem cabe o policiamento preventivo e ostensivo na preservação da ordem pública conforme consta no Art. 144 da Constituição Federal de 1988.

Desta forma, na tentativa de reduzir essa lacuna quanto a esses sujeitos sociais encarregados da segurança pública, busquei dar visibilidade sociocultural a esses profissionais que defendem a sociedade por meio do estudo da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins (CIOE-PMTO), a qual além de dar suporte ao policiamento convencional¹ também é preparada para agir em situações críticas.

Com o desafio de dar visibilidade a esses profissionais, investigo nessa pesquisa o processo de organização e constituição da identidade e suas estratégias de distinção como elementos da cultura, territorialização e territorialidade destes operadores² dentro da PMTO.

O intuito é chamar atenção para relevância social não somente desta Unidade, CIOE, mas também a todos os homens e mulheres de farda da instituição Polícia Militar do Tocantins, além de ressaltar questões de diferença entre presente e passado.

O Tocantins a exemplo de outros Estados da federação tem a Polícia Militar como a responsável pelo serviço preventivo e ostensivo na preservação da ordem pública, e como muitos outros Estados a Polícia Militar do Tocantins tem a sua tropa de Elite. Essa unidade é a CIOE, porém, ela não existiu desde sempre, ou seja, ela

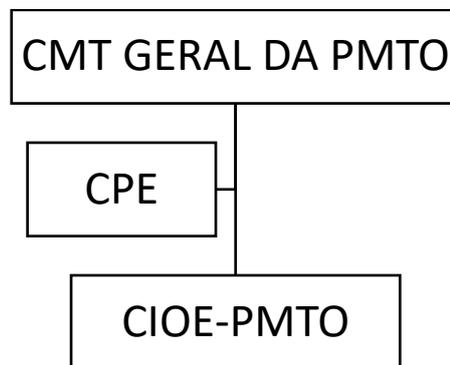
¹ Policiamento costumeiro.

² Policiais que atuam nas Operações Especiais.

possui uma trajetória de constituição e organização que foi se construindo temporalmente.

A Companhia Independente de Operações Especiais foi criada em 2003 para ser a tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins conforme já foi dito, ela é uma Unidade de pronto emprego subordinada ao Comandante Geral da Polícia Militar por intermédio do Comando do Policiamento Especializado (CPE), conforme visto no Quadro 1.

Quadro 1: Organograma atual da organização da CIOE



Fonte: Autor, 2020.

Faz-se necessário ressaltar que a CIOE se constitui na reserva tática e técnica do Comandante-Geral da PMTO. Ela tem por função ser empregada em crises que fujam ao controle do policiamento ordinário³, promovendo ações ou operações planejadas para manutenção e restauração da ordem pública em consonância com as prerrogativas do Estado democrático de direito quando esta vir a ser violada ou estiver na iminência de ser.

É preciso considerar que essa estrutura administrativa foi construída historicamente e nesse processo os antes policiais militares pertencentes a tropa ordinária constituiu-se como um novo grupo, a CIOE.

Para discutir e analisar esse processo de territorialização, territorialidade e as construções simbólicas da CIOE, particularmente os elementos simbólicos de distinção em relação ao efetivo ordinário da PMTO, utilizei os conceitos de *habitus*, *campo* e *capital simbólico* de Pierre Bourdieu⁴ (2018), de modo a mostrar a construção desta Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins.

³ Trata-se do policiamento regular.

⁴ Filósofo social francês (1930-2020).

O conceito de *habitus* foi utilizado para analisar o funcionamento social por investigações empíricas, superando falsas dicotomias dos modos de pensar as práticas sociais. Segundo Bourdieu (2018): “o conceito de *habitus* começa a partir de um enigma tanto experiencial quanto sociológico”. Logo:

No contexto da experiência, nós muitas vezes sentimos que somos agentes livres, mas baseamos as decisões cotidianas em pressuposições sobre o caráter, comportamento e atitudes previsíveis de outras pessoas. Sociologicamente, as práticas sociais se caracterizam por regularidades – filhos da classe operária tendem a obter empregos de classe operária, leitores de classe média tendem a apreciar leitura de nível intelectual médio, e assim por diante, mas não existem regras explícitas que ditam tais práticas. Tudo isso sugere questões fundamentais que o *habitus* pretende resolver. (BOURDIEU, 2018, p. 75).

Como ressalta o autor, o *habitus* deve ser entendido como construção sócio-histórica. Pois, é um conjunto de estruturas sociais que possuem uma relação entre o sujeito e a sociedade no tempo. Assim, o que ele chama *habitus* é algo aprendido e ensinado com uma finalidade.

No caso da CIOE esses comportamentos e atitudes são ensinados inicialmente durante os cursos de Operações Especiais (COEsp) e de Ações Táticas Especiais (CATE) na forma de instrução e treinamento, moldando assim a forma de ver o mundo de seus agentes.

Então, após passarem por um desses cursos com suas provas e exigências, aqueles aprovados passam a integrar a CIOE. A partir daí, eles passam a ter comportamentos, atitudes e práticas baseadas no espaço social ao qual agora pertencem, ou seja, as Operações Especiais.

Ao integrarem ao grupo, esses *habitus* são constantemente cobrados e reforçados, pois são eles que irão garantir a distinção e a coesão deste grupo, em relação aos ordinários da tropa, como ressalta Bourdieu:

O *habitus* é o elo não apenas entre o passado, o presente e o futuro, mas também entre o social e o individual, o objetivo e o subjetivo, a estrutura e a ação. [...]. O *habitus* liga o social com o individual porque as experiências do curso da vida de uma pessoa podem ser únicas em termos de seu conteúdo particular, mas são compartilhadas em termos de sua estrutura [...]”. (BOURDIEU, 2018, p. 78).

Compreende-se que o *habitus* não age sozinho, ele está relacionado ao *campo*, ou seja, com o capital que está posicionado dentro deste *campo*. Nesse sentido, o *habitus* é crença e prática de um determinado grupo.

No caso da CIOE, seus membros devem saber que estão numa situação de privilégio com relação aos soldados da tropa ordinária, em simultâneo, comportam-se como tal. Para Bourdieu (2018), a melhor maneira de explicar essa relação é o que ele chama equação: “nossa prática é o resultado das relações entre nossas disposições (*habitus*) e nossa posição num *campo* (capital), no estado atual do jogo nessa arena social (*campo*)”. Nesse sentido:

A relação entre *habitus* e *campo* é central para como o *habitus* funciona enquanto ferramenta explicativa. [...], tanto o *habitus* quanto o *campo* são estruturas relacionais e é a *relação entre* essas estruturas relacionais que fornece a chave para a compreensão da prática. (BOURDIEU, 2018, p. 84).

Ao analisar a prática conforme o autor, é necessário fazer a articulação entre o *habitus* e o *campo*, assim, no tocante ao conceito de *campo*, Bourdieu esclarece que não é suficiente somente olhar o que é dito ou que acontece, mas também é necessário examinar o “*espaço social*” onde as interações e os eventos ocorrem. Ou seja, o *campo* não age sozinho, mas acompanhado com o *habitus* e o capital em uma estrutura social. Assim:

O *campo* é uma parte de um trio de ferramentas teóricas fundamentais. [...], Junto com o *habitus* e o capital, ele oferece uma abordagem epistemológica e metodológica para uma compreensão sensível à história e particular da vida social. O *campo* não foi desenvolvido como uma ‘grande teoria’, mas como um meio de traduzir problemas práticos em operações empíricas concretas. (BOURDIEU, 2018, p. 113).

Para Bourdieu, é necessário fazer a articulação entre *habitus*, *campo* e *capital simbólico*, como ferramentas teóricas e metodológicas na compreensão da prática dos sujeitos. Deste modo, compreende-se que esses conceitos são de fundamental importância para a compreensão da territorialização e territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins.

Decerto, esse processo tem início com o COEsp ou o CATE, durante o qual é necessário adquirir um capital simbólico e *habitus*. Porém, estes são modificados com o passar do tempo ocorrendo a agregação de *habitus*, o qual Bourdieu (2018) chama *histerese*, ou seja, consequência necessária para gerar novos *habitus* no *campo* em que está atuando.

O *capital simbólico* de qualquer indivíduo está não apenas aberto à transformação, mas flutuando continuamente em resposta as posições e estruturas

de campo que mudam. Esse *habitus* modificado e modificável volta, então, a alimentar a estruturação do próprio *campo* num processo duradouro e contínuo de mudança.

Sendo assim, para Bourdieu (2018) os valores relativos dos *capitais simbólicos* são alterados e as interações entre estruturas de *campo* e *habitus* são deslocadas gerando o resultado de *histerese*. “[...] os participantes do campo reconhecem o potencial de novas ferramentas, aprendem novas habilidades e reposicionam-se no campo” (BOURDIEU, 2018, p. 186). Desta forma a *histerese* torna-se um termo técnico para destacar o que Bourdieu vai chamar “perturbação” entre o *habitus* e o *campo*, essas consequências ao longo do tempo são uma condição de *campo* que afetará os indivíduos num espaço social.

Este *habitus* modificado, transforma as formas de enxergar o mundo social de práticas, crenças, percepções e sentimentos fundamentais, gerando a estruturação deste novo campo de *capitais simbólicos* duradouros, mas que comporta mudanças. Portanto, esses *habitus* adquiridos durante os cursos que habilitam a integrar o campo das Operações Especiais marcam também a territorialidade a qual se manifesta em todas as escalas especiais e sociais. Nesse sentido:

Toda produção do sistema territorial determina ou condiciona uma consumação deste. [...]. Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. [...]; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da face agida’ do poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

Portanto, os *habitus* adquiridos durante o COEsp ou o CATE, afetam esses agentes em um espaço social o qual irá gerar também a territorialidade da CIOE no interior da Polícia Militar do Tocantins.

Michel de Certeau (2000, p. 65) afirma que não existem considerações nem leituras “capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação”. Nesse sentido, dar significado a territorialização e territorialidade da Companhia Independente de Operações Especiais na Polícia Militar do Tocantins, está relacionado à minha experiência pessoal na referida unidade operacional. É um olhar que parte do meu presente, é uma significação elaborada a partir da universidade sobre a minha prática a partir desse presente.

Quando ingressei na instituição Polícia Militar, em outubro de 1993, penso que naquela época a criminalidade e seu enfrentamento no estado do Tocantins eram totalmente diferentes da atual conjuntura, de 2021. Pois, naquela época, os crimes

mais comuns eram pequenos furtos e roubos. Ao longo dos anos houve mudanças e ampliações nos crimes que passaram a ser de maior periculosidade, como assaltos cinematográficos em agências bancárias e bases financeiras. Inicialmente no Nordeste do país. Assim:

É fato que os assaltos contra agências bancárias designados pelo termo 'novo cangaço' foram registrados primeiro no interior do Nordeste, entretanto tal 'origem' não permite afirmar em tons de determinismo que há uma afinidade categórica entre essas ações e a 'natureza' ou a socialidade do sertanejo com o fenômeno do 'cangaço' [...], observamos que apresentam infraestrutura e planejamento sofisticado, envolvem coalizões interestaduais de saberes criminais e canalização de tecnologias modernas.[...]. É importante termos em mente que assaltos de grande porte constituem empreitadas coletivas, promovem convívio e negociações entre seus participantes. [...]Tenho observado que a socialidade entre praticantes de assaltos contra instituições financeiras experimentou mudanças significativas durante a década de 1990, quando passaram a predominar no planejamento e na realização de ações contra bancos um tipo de agrupamento que delegados de polícia no país têm denominado de quadrilhas interestaduais, por aglutinarem assaltantes procedentes de variadas regiões do Brasil. [...] A expansão econômica do Brasil nos anos 2000 e o aumento dos numerários em circulação nas instituições financeiras, cujas quantidades de agências aumentaram e se expandiram no território nacional, tornou os bancos atraentes a assaltantes e elevou o número de quadrilhas especializadas nesse tipo de alvo, exatamente pelas altas cifras daí provindas, capazes de 'melhorar' significativamente a vida financeira dos assaltantes e de lhes possibilitar conquistas como aquisição de casa própria, negócios legais, entre outras. (AQUINO, 2020, p. 633-634, 636).

Criado pela Constituição de 1988 o estado do Tocantins em 1993 estava estruturando sua segurança pública, com dificuldades e desafios logísticos como a carência de efetivo treinado e armamentos adequados para atender ocorrências complexas, as quais fogem da normalidade (convencionais), assim atrativo para ações criminosas dessa natureza.

Essas vulnerabilidades nas regiões Norte e Nordeste são destacadas por Aquino (2009), quando relata os assaltos contra agências bancárias no Brasil de meados de 1960 a início de 1980, que eram praticados por militantes contrários ao Regime Militar. Com a redemocratização, este crime passou a ser praticado sem motivações ideológicas. Assim, "A partir do decênio de 1980 tornou-se corriqueira a interceptação de carros-fortes em vias expressas das grandes cidades e rodovias que dão acesso ao interior dos estados" (AQUINO, 2009, p. 10-11).

Hoje, 2021, a Polícia Militar do estado do Tocantins está mais preparada e qualificada, tanto em logística e armamentos. A Secretaria de Segurança Pública (SSP), por meio da Polícia Militar e da Polícia Civil investiu em grupos especializados

a exemplo da CIOE, BPCHOQUE, GOTE, DEIC e outros. Atendendo e enfrentando essas ocorrências o qual veio proporcionar uma maior sensação de segurança na sociedade tocantinense. Esse reflexo positivo foi percebido no ano de 2020, o qual não ocorreu assaltos a instituições financeiras muito menos a carros fortes no estado do Tocantins. Assim:

Mesmo com todas as dificuldades impostas pela pandemia, a Polícia Militar apertou o cerco contra a criminalidade em 2020. Ao todo foram realizadas 80 operações policiais incluindo a Operação Cidade Blindada, Campo Seguro, e Hórus Divisa as quais contam com efetivo das unidades especializadas da PMTO como o Batalhão de Choque (BPCHOQUE), o Batalhão Rodoviário e de Divisas (BPMRED), através da Companhia de Operações de Divisas (COD), o Batalhão Ambiental (BPMA) e a Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE), O Centro Integrado de Operações Aéreas (CIOPAER), além do emprego de todo seu efetivo das unidades operacionais. As Operações foram realizadas em todas as regiões do estado resultando em diversas prisões, apreensões de armas e drogas e na recuperação de diversos veículos com restrição de furto ou roubo. O resultado das operações se refletiu diretamente na segurança do cidadão tocantinense tendo havido uma redução significativa nos números de ocorrências de roubos em todo o Estado. Nos registros de roubo a veículo automotor houve queda de 13,2%; roubo a estabelecimento comercial também teve uma expressiva redução de 42,7%, roubo a residência de 359 ocorrências em 2019 para 258 em 2020, uma redução de 28,2%, e não foi registrada nenhuma ocorrência de roubo a banco ou carro forte em todo o estado. Somente a Operação Hórus Divisa, operação permanente que tem o apoio do Ministério da Justiça, causou um prejuízo de R\$ 5.978.330 milhões ao crime organizado, tendo sido apreendidos 233, 59 kg de entorpecentes, 1.050 maços de cigarro, 91 veículos e 24 armas de fogo de diversos calibres, tudo resultando na prisão de 95 pessoas e na apreensão de três menores e na captura de duas pessoas foragidas da justiça. Para o chefe do Estado Maior da Polícia Militar, coronel Márcio Antônio Barbosa, os resultados obtidos são frutos de muito trabalho e de diversos fatores. A PM aumentou a presença ostensiva em pontos sensíveis através do trabalho das Companhias e Batalhões com reforços pontuais das unidades especializadas trazendo maior efetividade das ações nas divisas do estado, evitando principalmente os crimes de maior dano social como os roubos a bancos e carros-fortes. Nesse contexto, “o trabalho do GAECO e da Polícia Civil também foram importantes para que percorrêssemos todo ano de 2020 sem crimes dessa natureza. O desafio agora é manter os indicadores e isso ocorrerá com a manutenção e ampliação do trabalho da Polícia,” ressaltou o chefe do Estado Maior da PMTO. (PMTO, 2021).

O AF Notícias⁵ também informa que não ocorreram assaltos a instituições financeira e nem a carros fortes no ano de 2020, conforme consta em seu portal de notícias, assim:

O Tocantins fechou o ano de 2020 sem nenhuma ocorrência de atentado criminoso de assaltantes armados contra bancos ou instituições financeiras e também contra carros-fortes. A ausência de registros em 2020 é significativa

⁵ Cf.: <https://afnoticias.com.br/estado/tocantins-fecha-ano-de-2020-sem-ataques-do-novo-cangaco-e-assaltos-a-carros-fortes>

e é resultado do trabalho que vem sendo realizado no combate a este tipo de crime. Para se ter uma ideia, em 2016 foram 10 roubos, com pico de 12 em 2017 e redução em 2018 e 2019, com seis e quatro roubos, respectivamente, a carros-fortes e agências bancárias na modalidade que ficou popularmente conhecida como “novo cangaço”. O delegado-chefe da 1ª Divisão Especializada de Repressão ao Crime Organizado (1ª DEIC – Palmas), que é responsável pelas investigações de roubo a bancos e instituições financeiras em todo o Tocantins, Eduardo Menezes, atribuiu tal resultado ao aprofundado trabalho de investigação da Polícia Civil iniciado no final do ano de 2019 e que se estendeu por 2020. (AF NOTÍCIAS, 2021).

Fizemos aqui uma ressalva para mostrar que, com investimentos na segurança pública como qualificação, especialização e obtenção de equipamentos, é possível enfrentar o crime e obter resultados positivos como esses observados no ano de 2020 em que o crime não logrou êxito no estado do Tocantins.

De qualquer forma, a partir da expansão e da organização dos criminosos foi necessária uma reação dos Estados na forma de organização da defesa pública. Ressalta-se que a partir da década de 1990 ocorre uma modificação na maneira de agir dos criminosos que passaram a utilizar de veículos potentes, armamentos e explosivos cada vez mais sofisticados contra instituições financeiras, sedes de transportes de valores, carros fortes e sequestro de gerentes bancários.

Essas ações passaram a ser denominadas “novo cangaço” em alusão as ações dos cangaceiros que atuavam com extrema violência nos sertões nordestinos e eram comandados por Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião” (1897-1938), na década de 1930.

Apesar das semelhanças existentes entre as ações dos grupos de cangaceiros como os de Lampião e o ‘Novo Cangaço’, entre elas, ação voltada para pequenas cidades, grupo de 10 (dez) a 15 (quinze) pessoas, utilização de armas de fogo e reféns, saques e pilhagem, essas modalidades não devem ser confundidas, uma vez que Lampião e seu bando possuíam intrinsecamente motivação político pessoal, levando em consideração a vingança privada e a subversão à ordem estatal, concentrando suas ações e integrantes à realidade regional do sertão nordestino. Já o ‘Novo Cangaço’, por sua vez, possui outro contexto finalístico, onde grupos criminosos tomam de assalto instituições bancárias, públicas ou privadas, saqueando-as com o objetivo de fomentar e capitalizar investimentos em atividades aparentemente legais (lavagem de dinheiro) ou manifestamente ilícitas (tráfico de entorpecentes e de armas de fogo). Outro fator que diferencia a ação de Lampião e o ‘Novo Cangaço’ é a composição dos grupos criminosos. Enquanto a quadrilha liderada por Lampião era integrada por pessoas que tinham vínculos de laços sanguíneos ou afins, e pertencentes à mesma realidade regional (sertão nordestino), o ‘Novo Cangaço’, que antes seguia essa formação, atualmente é formado por criminosos de diversas naturalidades, que raramente possuem vínculos entre si (algumas vezes nem se conhecem até o momento da prática do crime), e se reúnem única e exclusivamente para o evento criminoso. (COSTA, 2016, p. 5).

O estado do Tocantins também passou a ser alvo crescente da atenção de criminosos. Sua localização geográfica faz divisa com os Estados do Nordeste (Maranhão, Piauí e Bahia), centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso) e da Região Norte (Pará). Portanto, o Tocantins se viu diante da necessidade de preparar a sua polícia para melhor controlar a criminalidade. A Figura 1, mostra o mapa do Brasil e os demais estados que fazem divisa com o estado do Tocantins.

Figura 1 – Mapa do Brasil



Fonte: Google, 2021.

Dessa forma, no início dos anos 2000, mais precisamente em 2002, o até então Comandante - Geral da PMTO, Coronel QOPM Raimundo Bonfim Azevedo Coelho, sentiu a necessidade de criar um grupo voltado para enfrentar esse tipo de criminosos que diferentemente dos que atuavam até então no estado do Tocantins, passaram a planejar e a utilizar armamentos de grosso calibre como as metralhadoras antiaéreas .30 e .50, capazes de furar blindagens de carros fortes e aeronaves; também passaram a usar explosivos e carros *off-road*, a exemplo: camionetas, camionetes e utilitários adaptados.

Então, no mesmo ano de 2002, teve início a seletiva para escolher os militares com o perfil para exercerem essa nova missão na Polícia Militar do Tocantins. Após vários inscritos e rigorosos testes físicos e psicotécnicos, somente 90 candidatos restaram aptos a realizarem o COEsp.

Assim, no dia 13 de janeiro de 2003, teve início o primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins (1ºCOEsp-PMTO), porém, somente em 2011 foi expedido o certificado de conclusão do Curso de Operações

Especiais – COEsp/2003, pela Diretoria de Ensino, Instrução e Pesquisa, conforme consta na Portaria nº. 018/DEIP/2011, o qual retificou a carga horária e a data de conclusão do curso, contabilizando ao final 950 horas/aula e duração de quatro meses.

Portanto, o primeiro Curso de Operações Especiais da polícia Militar do Tocantins, teve início no dia 13/01/2003 e finalizou no dia 13/05/2003, com 47 Caveiras formados, assim chamados os policiais que concluem com aproveitamento o COEsp. Esses caveiras foram os primeiros a integrar a recém-criada CIOE em 2003, se tornando os precursores das Operações Especiais da PMTO.

Os Cursos de Operações Especiais nas Polícias Militares do Brasil têm duração de 45 dias, como é o caso do COEsp da Polícia Militar do estado de São Paulo (PMESP), a seis meses de duração. Por conseguinte:

São 45 dias muito puxados. Nos primeiros dias o aluno passa por atividades físicas extremas para testar sua aptidão física e mental. Na sequência começamos a introduzir aulas teóricas e práticas de cuidados com seu corpo e com seu equipamento. [...] Nesta primeira semana, além da intensa exigência física, o candidato recebe uma carga muito grande de informações, com uma intensa e constante cobrança dos instrutores. Esta é a fase em que a maioria das desistências acontecem. [...] Como em todas as fases dos 45 dias de curso, esse momento também é acompanhado e avaliado pelos instrutores. Não se esqueça que os alunos não são pessoas sem treinamento, ao contrário, são Policiais formados e com experiência, que já atuam em outras unidades da PM e por isso podem participar de ações reais controladas e supervisionadas pelos instrutores do COE. [...] Não é raro essas lágrimas também serem vistas no rosto dos instrutores, que há alguns anos também sobreviveram a estes mesmos 45 dias, e sabem muito bem o que se passa nas mentes e corações dos seus ex-alunos e agora Policiais do Comandos e Operações Especiais. A nova turma de formandos passa a ostentar com orgulho o emblema do COE: uma caveira na frente de um paraquedas e de duas pistolas cruzadas. [...] Por maior que tenham sido as privações e dificuldades daqueles 45 dias, aquele é um ambiente controlado, quando algo sai errado, podemos voltar e repetir. [...] Quero deixar claro que nosso treinamento não se limita aos 45 dias iniciais. Treinamos técnicas, uso de armamentos e equipamentos especializados durante toda nossa carreira, incluindo ações de integração com outras forças de defesa e segurança, tanto no Brasil quanto no exterior. (ÚLTIMO SEGUNDO, 2017).

Criada em 2003, a CIOE compõe-se de homens altamente treinados e preparados para enfrentar qualquer categoria de ações criminosas, sejam elas urbanas ou rurais, atuando principalmente nas ações mais complexas como: resgate de reféns, assaltos a instituições financeiras, uso de explosivos e outros. Inicialmente, esses homens fazem parte da tropa ordinária, depois são voluntários a enfrentar todas as adversidades e desafios que o Curso de Operações Especiais (COEsp) ou o Curso de Ações Táticas Especiais (CATE) oferecem. São estes cursos que habilitam os

operadores a fazerem parte da CIOE e a utilizarem armamentos, tecnologias e equipamentos modernos para o enfrentamento de criminosos.

Assim, investiguei a distinção, estratégias e símbolos desse grupo que é a elite operacional da Polícia Militar do Tocantins para desconstruir o preconceito daqueles que ainda insistem em vê-los como opressores.

Portanto, para minimizar “[...] a particularidade do lugar de fala [...]”, utilizando as palavras de Certeau (2000, p. 65), tão presentes em mim, como militar e integrante da CIOE, e, como pesquisador que procura analisar um processo do qual participei, utilizei literatura advinda da Antropologia, da Sociologia, da Geografia e da História de modo a respaldar teoricamente a investigação.

Realizei entrevistas a partir de questionários estruturados, técnicas de história oral e observação *in loco* com registros em caderno de campo e fotográficos, mediante autorização. Pesquisei também Diários Oficiais do Estado (DOE), Boletins Gerais (BG), Boletins Internos (BI), fichas de inscrições e algumas ocorrências dentre os anos de 2003 a 2020 relacionadas às missões da CIOE.

Os dados coletados através de questionários estruturados expressam o *habitus* como definido por Bourdieu (2003), ou seja, registram os comportamentos e valores de uma dada época e/ou de um grupo social, nesse caso, os dos ex-integrantes e integrantes da CIOE. Para, dessa forma, compreender as trajetórias destes agentes no processo de territorialização dessa Unidade de Elite. O questionário estruturado foi repassado para um total de 25 militares, sendo cinco (05) ex-operadores que já atuaram nesta Unidade e vinte (20) operadores que ainda estão atuando na CIOE. Com o intuito de verificar os *habitus* que são inculcados a esses sujeitos e a permanência desses *habitus* naqueles que já saíram. Esta dissertação está dividida em três capítulos os quais todos têm referências teóricas do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

O primeiro capítulo trata do surgimento da cultura, doutrina e simbologias das Operações Especiais, pois há uma cultura consolidada desde a Segunda Guerra Mundial por símbolos, simbologias e ideologias criadas nesse período, o qual irá facilitar o entendimento quanto a cultura, territorialização e territorialidade da CIOE-PMTO, a partir das referências do livro de Éric Denécé (2009) “A história secreta das forças especiais”. Os conceitos de *habitus*, *campo* e *capital simbólico* de Pierre Bourdieu (2003, 2008, 2011, 2018), como também, as referências teóricas de

territorialização e territorialidades dos geógrafos Raffestin (1993), Haesbaert (2004), Milton Santos (2006) e Saquet (2008).

O segundo capítulo fala sobre a criação do estado do Tocantins, da Polícia Militar e da justificativa para a criação e estruturação da CIOE-PMTO, seu contexto histórico, relação dos ex-comandantes da Companhia Independente de Operações Especiais e do atual. Além da distribuição do efetivo dos “homens de preto” nas bases avançadas da CIOE em 2003. Aqui novamente é utilizado os referenciais teóricos do sociólogo Pierre Bourdieu (2003, 2008, 2011, 2018).

Já no terceiro e último capítulo trata sobre os conceitos de cultura e território para uma melhor compreensão da cultura, territorialização e territorialidade da CIOE, como também os novos *habitus* adquiridos e a permanência destes em seus ex-integrantes e integrantes a partir dos referenciais teóricos do sociólogo Pierre Bourdieu, do antropólogo Clifford James Geertz e o geógrafo Claude Raffestin.

Portanto, através dessa pesquisa sobre a Tropa de Elite da PMTO pretendo desconstruir essa imagem de descrédito naqueles que ainda pensam ou insistem em dizer que a sociedade não precisa da Polícia Militar e que além de tratá-los com preconceitos e estereótipos, generalizam ações isoladas que as vezes é praticada por alguns agentes. Generalização essa que contribui para invisibilizar esses homens e mulheres de farda compromissados com a segurança pública que cumprem com o ofício do policiamento preventivo e ostensivo na preservação da ordem pública conforme consta no Art. 144 da Constituição Federal de 1988.

CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DA CULTURA, DOCTRINA E SIMBOLOGIAS DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS

Este capítulo trata do surgimento da cultura, doutrina e simbologias das Operações Especiais, a partir das referências de Denécé, facilitando o entendimento quanto a cultura e territorialização da CIOE-PMTO. Complementando, são utilizados como suporte teórico o trabalho do sociólogo Pierre Bourdieu (2003, 2008, 2011, 2018) e dos geógrafos Raffestin (1993), Haesbaert (2004), Santos (2006) e Saquet (2008).

1.1 Cultura das Operações Especiais: breve histórico

Para melhor compreensão sobre a cultura das Operações Especiais, e consequentemente, facilitar o entendimento quanto a territorialização da CIOE-PMTO, é interessante retornarmos ao início da Segunda Guerra Mundial, quando Winston Churchill,⁶ primeiro-ministro do Reino Unido em 1940, ao observar que os nazistas mantinham uma crescente agressividade sobre o continente europeu, entendeu precisar encontrar uma solução urgente e retomar o controle da situação. Assim, deixou-se levar em suas memórias indo ao final do século XIX, em 1899 na Guerra dos Bôeres⁷ na África do Sul, quando ainda era um jovem oficial de imprensa e feito prisioneiro.

Da prisão pode observar uma pequena unidade formada por um número reduzido de homens chamados “*Kommandos*”, altamente treinados, audaciosos e equipados com armamentos os quais pudessem carregar e deram muito trabalho ao exército britânico (DENÉCÉ, 2009, p. 40).

Baseadas nessas lembranças, Churchill viu a solução naquela pequena unidade e se apressou em criar um grupo de incursões autônomas e bem equipado,

⁶ Sir Winston Leonard Spencer Churchill (30/11/1874 – 24/01/1965), foi um político britânico, Ministro da Guerra e Ministro da Aeronáutica e Primeiro-Ministro inglês por duas vezes. Ele foi Primeiro-Ministro do Reino Unido de 1940 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, e novamente de 1951 a 1955. Fonte: https://www.ebiografia.com/winston_churchill/

⁷ As **Guerras dos Bôeres** (ou Guerras de libertação na historiografia bôer) é o nome dado aos dois conflitos travados entre o Reino Unido e as duas repúblicas bôeres independentes, o Estado Livre de Orange e a República Sul-Africana (República do Transvaal). Os dois conflitos ocorreram, respectivamente, de 16 de dezembro de 1880 a 23 de março de 1881 e de 11 de outubro de 1899 a 31 de maio de 1902. Fonte: <https://www.infoescola.com/historia/guerra-dos-boeres/>

que se consolidou entre o final de 1940 e início de 1941. Surgindo assim os comandos britânicos e a mística dessa unidade. Logo:

A partir de 1940, o exército britânico colocou de pé, com muita imaginação, pequenas unidades não convencionais muito eficazes, destinadas a operar em todos os cenários. Os voluntários que se juntavam a essas formações deviam demonstrar espírito de combate e estar aptos a conduzir um combate insólito pela retaguarda do inimigo. Assim nasceram as primeiras unidades de comandos, que realizariam inúmeras operações no continente europeu, no Oriente Médio, na África e no Extremo Oriente. (DENÉCÉ, 2009, p. 41).

Segundo Denécé (2009), após a criação dos comandos em 1940 por Churchill, os ingleses ainda tentavam interromper as intermináveis derrotas que vinham sofrendo desde que entraram na Guerra. Derrotas as quais incomodavam um jovem oficial subalterno chamado David Stirling⁸ o qual também era integrante da unidade de comandos britânicos.

David Stirling viu então a necessidade de criar um grupo composto por operadores audaciosos, resolutos, supertreinados e capazes de utilizar todos os meios de infiltração, ou seja, diferente das forças aerotransportadas e dos comandos. Assim, em meados 1941 criou-se o SAS (*Special Air Service*), que além de adotar doutrina militar diferente da convencional tinha um efetivo reduzido. O SAS foi encarregado das tarefas estratégicas, operando quase sempre de uniforme, fazendo incursões na retaguarda das linhas inimigas, com atividades de guerrilha estratégicas no interior do território inimigo.

Esse conceito de emprego de forças especiais adotada pelo SAS em 1941 continua muito atual, embora tenha sofrido algumas adaptações conforme cada realidade. Porém, ainda continua sendo referência para as Unidades de Operações Especiais pelo mundo. Todos os comandos SAS levam consigo um punhal, o qual recebem ao concluírem o curso. Portanto, os SAS britânicos têm como símbolo um punhal, com o punho para cima e a ponta para baixo, com asas nas laterais, envolto por um listel com a escrita “*WHO DARES WINS*”, que em tradução livre significa, “*QUEM OUSA VENCE*”. Conforme está apresentado na Figura 2.

⁸ *Sir Archibald David Stirling* (15/11/1915 – 4/11/1990), oficial do exército britânico que fundou e liderou a elite britânica o Regimento do Serviço Aéreo Especial (SAS) durante a Segunda Guerra Mundial. Fonte: <https://www.britannica.com/biography/David-Stirling>

Figura 2: Símbolo dos Comandos SAS Britânicos



Fonte: <http://www.sasregiment.org.uk/>, 2020.

Assim, temos que:

O símbolo utilizado pelos primeiros Comandos, o Special Air Service (SAS) Britânico, era e é o punhal, ladeado por asas e a frase: Quem ousa, vence. Aquele que concluía o treinamento recebia um punhal, símbolo máximo dos Comandos. (COTTA, 2007, p. 2).

Relatos empíricos contam que ao final da Segunda Guerra Mundial, após a invasão a um quartel nazista, um dos comandos ingleses encontrou um crânio e apanhando o seu punhal cravou-o no crânio, sacralizando assim, a vitória da vida sobre a morte. E é a partir desse ato, que o punhal cravado no crânio passou a ser adotado por várias Unidades de Operações Especiais, simbolizando a “vitória sobre a morte”.

Existe a afirmação - ainda não comprovada documentalmente, mas que faz parte de uma tradição oral - de que com a vitória das forças aliadas sobre os nazistas, os Comandos teriam invadido o quartel-general dos Totenkopf e sobre a mesa do seu comandante havia um crânio (símbolo daquela divisão), para sacralizar a vitória da vida e da liberdade sobre a morte (representada pelos campos de concentração nazista) um soldado Comandos teria cravado seu punhal sobre o crânio e desse ato surgiu a expressão 'Vitória sobre a Morte!' (COTTA, 2007, p. 4).

Aqui no Brasil, o primeiro a adotar a faca cravada em um crânio foram os Comandos do Exército em 1957, após a realização do primeiro curso de Operações Especiais.

O Exército Brasileiro realizou em 1957 o primeiro Curso de Operações Especiais. Os Comandos no Brasil passaram a adotar a simbologia do crânio transpassado pelo punhal em homenagem aos Comandos Britânicos e sua vitória sobre as atrocidades praticadas durante a Segunda Guerra Mundial. Simbologia essa herdada pelos policiais que realizaram seus cursos naquela instituição. Dessa forma, a simbologia da 'faca na caveira' é tributária de uma

matriz baseada na defesa dos Direitos Humanos e não o contrário. (COTTA, 2007, p. 4).

Posteriormente, foi adotado pelas Polícias Militares brasileiras como símbolo dos Cursos de Operações Especiais (COEsp). Sendo que inicialmente o Núcleo da Companhia de Operações Especiais - NuCOE, o hoje Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro BOPE-PMERJ, foi a primeira a adotar a faca na caveira.

Em 1979, após a conclusão do Curso de Operações Especiais (COEsp) da Polícia Militar do Rio de Janeiro, realizado em 1978, no Nu/COE (Unidade Policial que futuramente seria denominada Batalhão de Operações Policiais Especiais) foi idealizado pelos concluintes do COEsp o distintivo do curso. Nota-se que ao distintivo do curso do Exército Brasileiro foi agregado o símbolo internacional das polícias militares e os louros da vitória. Ressalta-se que o símbolo pertencia ao curso e não à Unidade. (COTTA, 2007, p. 5).

Sendo também por cultura criada pelos integrantes do BOPE da PMERJ que esses Operadores são chamados caveiras. Assim:

Em 1980, uma rebelião no presídio Cândido Mendes, na Ilha Grande, exigiu a presença do NuCOE, pois nenhuma força policial conseguia entrar nas instalações convulsionadas. [...] Depois dessa ocasião, toda vez que os detentos ameaçavam se rebelar, eram avisados de que seriam chamados os caveiras – apelido dado aos integrantes da unidade especial pelos próprios presos em razão do distintivo com o crânio. (STORANI, 2018, p. 89-90).

A denominação se consolidou devido ao apelido dado aqueles integrantes do até então NuCOE, por usarem como distintivo um crânio. As demais Unidades de Operações Especiais das forças policiais brasileiras que também usam um crânio como símbolo são chamados no senso comum de caveiras. Porém, são reconhecidos internamente nessas unidades de Operações Especiais, de “os facas na caveira” ou “os caveiras”. Mas, somente são legitimados a serem assim chamados, aqueles que fizeram com sucesso o Curso de Operações Especiais (COEsp).

A CIOE, a exemplo dos SAS britânico, foi criada para agir de modo diferente da tropa ordinária, a qual vai além da doutrina militar convencional, abordando e resolvendo as missões que lhes são dadas de maneiras diversas. A exemplo do então NuCOE, tem em seu distintivo um crânio cravado com uma faca e os integrantes desta unidade também são chamados caveiras. Nesse sentido:

Do ponto de vista histórico, as operações especiais caracterizam-se por seis critérios significativos, que muito claramente as diferenciam das ações comando: a busca de um efetivo decisivo, que se pode qualificar de “efeito

de ruptura”; o caráter altamente perigoso das missões; o volume reduzido do efetivo engajado; seu modo de ação não convencional; o domínio da violência; a confidencialidade em relação às unidades e a seu pessoal. (DENÉCÉ, 2009, p. 234).

Características essas presentes nos integrantes da CIOE, pois sendo a Tropa de Elite da PMTO, os modos de ação dessa Unidade diferem da tropa ordinária. Cabendo-lhes as missões de alto risco e todas aquelas que fogem da normalidade enfrentadas pelas demais tropas especializadas existentes na instituição.

A CIOE tem como símbolo de sua unidade um brasão⁹, o qual todos os seus integrantes usam em seus uniformes. Brasão este que está pintado em sua sede em Palmas, na base avançada em Araguaína e está estampado em suas viaturas. O brasão simboliza o pertencimento dos homens de preto da Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE), conforme visto na Figura 3.

Figura 3: Brasão da CIOE



Fonte: Autor, 2020.

O brasão da CIOE-PMTO, tem um crânio transpassado de baixo para cima por uma adaga. O crânio é o mesmo que está no distintivo de curso, conhecido por

⁹ *Sm.* Conjunto de peças, figuras e ornamentos dispostos no campo do escudo ou fora dele, e que representam as armas de uma nação, um soberano, família, corporação, cidade etc. Fonte; FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

brevê¹⁰, daqueles que após concluírem o COEsp da PMTO são agraciados com ele, ostentando-os no peito.

A criação do brevê dos “Caveiras do Sol” e conseqüentemente do Brasão da CIOE, ocorreu durante o primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins em 2003, quando o então soldado Dioninedith Oliveira de Macêdo (*In Memoriam*), o aluno 10, inspirado no brevê dos “caveiras” da Polícia Militar de Goiás (PMGO), os quais foram os responsáveis pelas instruções do 1º COEsp da PMTO.

Ao longo do tempo o brevê criado pelo “Caveira do Sol 10”, foi passando por transformações até chegar no formato atual. Depois, esse mesmo crânio do brevê é introduzido no escudo, agora sem o sol e sem os louros, passando a ser o Brasão da CIOE – PMTO.

A Figura 4, mostra as transformações dos brevês dos Caveiras do Sol, tanto o emborrachado, utilizado nas fardas operacionais, quanto o de metal, utilizado em fardas administrativas ou de gala, o de tecido deixou de ser usado.

O brevê de tecido da Figura 4a, foi o primeiro brevê dos Caveiras do Sol, a Figura 4b mostra o segundo brevê de tecido. Já o primeiro brevê emborrachado, o da Figura 4c, também foi o Caveira 10 que mandou confeccioná-lo.

Depois começaram as transformações, o brevê deixou de ser circular como era no início e passou a ser no formato elíptico, o primeiro foi o da Figura 4d, hoje o atual brevê emborrachado é em 3D, bem mais definido como mostra a Figura 4e.

O primeiro brevê de metal, o da Figura 4f, tem o crânio bem semelhante aos dos caveiras da PM-GO, o punho da adaga era na cor vermelha, não tendo destaque de todos os raios do sol, pois tem uma espécie de escudo por trás. Com o passar dos anos, transformou-se e passou a destacar os raios do sol e o punho da adaga em azul, branco e amarelo, simbolizando as cores da bandeira do estado do Tocantins, o crânio já passa a diferir, adquirindo uma identidade própria, agora com os olhos preto, como mostra a Figura 4g; hoje, o atual brevê de metal é bem mais moderno e definido, com um formato em 3D, todo na cor dourado, permanecendo com os olhos do crânio na cor preto, conforme mostra a Figura 4h.

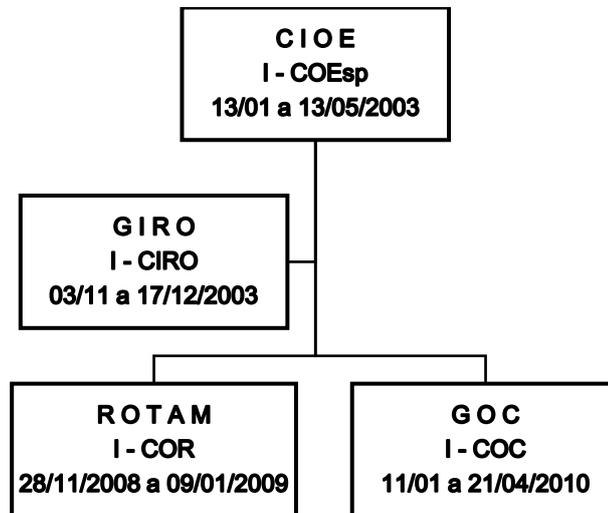
¹⁰ Símbolo que representa a diplomação de quem ou daqueles que concluíram determinado curso, usado individualmente é motivo de orgulho e honra.

Figura 4: Transformação do Brevê do COEsp – PMTO

Fonte: Autor, 2020.

Foi durante o 1º COEsp dos “Caveiras do Sol”, em 2003, que se criou a CIOE-PMTO, e posteriormente, criaram-se os demais grupos como: o Grupo de Intervenção Rápida Ostensiva (GIRO); Rondas Ostensivas Táticas Metropolitana (ROTAM) e o Grupo de Operações com Cães (GOC), conforme visto no Quadro 2.

Quadro 2: Organograma dos demais grupos que surgiram depois da CIOE



Fonte: Autor, 2020.

O brevê¹¹ dos “Caveiras do Sol” é um símbolo que representa não só os Caveiras da Polícia Militar do Tocantins, mas também o início das Operações Especiais nesta instituição. Todos aqueles que conseguirem concluir o COEsp da PMTO, ostentarão em seu peito o tão cobiçado brevê. São reconhecidos nacionalmente como “Caveiras do Sol”, por terem como símbolo, um crânio transpassado por uma adaga de baixo para cima, simbolizando a “vitória sobre a morte”.

Ao fundo há a imagem do sol, que simboliza a determinação desses homens de Operações Especiais, que mesmo sob o sol “escaldante” do estado do Tocantins, cumprem a sua missão com destemor e honra. Ladeado por dois louros na cor verde, simbolizando as vitórias da corporação em prol da sociedade e da pessoa humana. Com duas garruchas cruzadas por trás do crânio, simbolizando as armas da Polícia Militar no emprego da força policial em defesa da lei e dos Direitos Humanos.

E na base da adaga, um listel que tem ao centro o nome COE (simbolizando Curso de Operações Especiais) e nas extremidades PM – TO. Assim descrito na heráldica do brevê. Conforme mostra a Figura 5.

¹¹ O que difere o brevê do brasão é que o brevê representa o curso específico de cada operador, ou seja, é usado por aqueles que concluíram o COEsp ou o CATE; já o brasão, é de uso coletivo por todos aqueles que pertencem a unidade, no caso a CIOE, independentemente de seu curso.

Figura 5: Brevê dos Caveiras do Sol



Fonte: Autor, 2020.

Este é o brevê dos “Caveiras do Sol”, símbolo que representa os precursores das Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins e o surgimento dos demais grupos dentro da PMTO. Pois, foi com a realização do primeiro Curso de Operações Especiais em 2003, como mencionado anteriormente, que a PMTO, passou a promover os demais cursos, a exemplo: CIRO; COR; COC, cursos responsáveis pela criação dos demais grupos especializados, os quais estão voltados para controlar a criminalidade urbana e ajudar no enfrentamento ao crime organizado.

Portanto, esse breve histórico de como surgiu as Operações Especiais, as místicas e suas simbologias que dão uma noção sobre a origem da cultura adotada pelas Unidades de Operações Especiais das Forças Armadas e das Forças Policiais. Cultura e critérios dos quais os integrantes da CIOE-PMTO comungam.

1.2 Territorialização das Operações Especiais

A reprodução dessa herança cultural nas ações de incorporação em nível de mundo, Brasil e particularmente no Tocantins, com a criação da CIOE-PM/TO em 2003, determinando sua concepção, implantação, constituição e circunscrição territorial no estado do Tocantins. Assim, partindo do pressuposto de que o poder “está em toda ‘produção’ que se apoia no espaço e no tempo” (RAFFESTIN, 1993, p. 6),

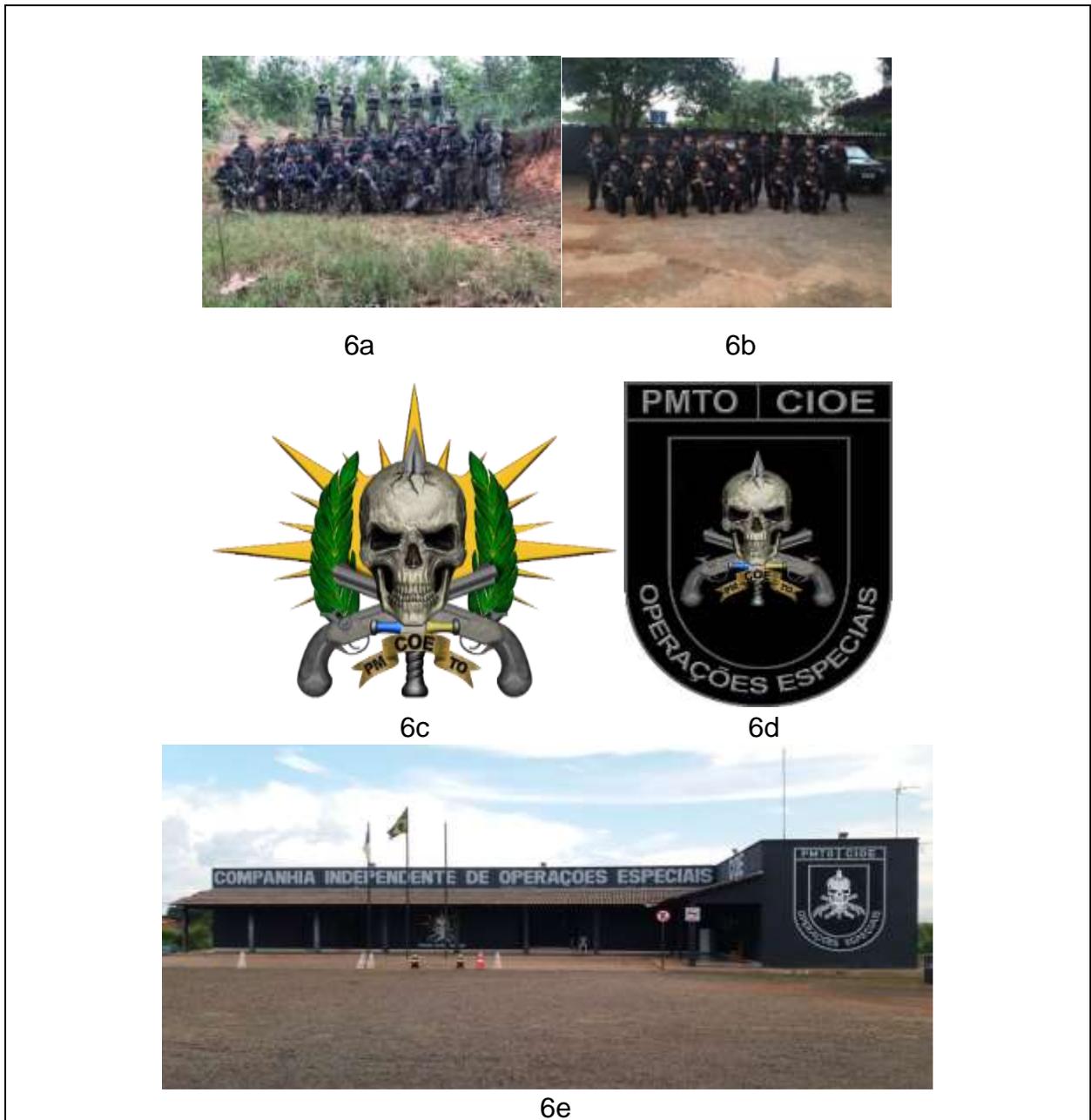
entende-se que a institucionalização do poder pode ser reconhecida especialmente, pela territorialização da Polícia Militar no Estado do Tocantins e, mais especificamente, da territorialidade da CIOE.

A cultura e territorialização deste grupo, criou e criam marcas visíveis nos espaços ocupados/utilizados, sendo facilmente observados nas cores de seus uniformes, prédios, viaturas, insígnias e conduta, como apresentadas na Figura 6. Essas representações iconográficas, mostram as marcas visíveis nos espaços ocupados por estes homens pertencentes ao campo das Operações Especiais. Onde quer que estejam, demarcam esse território com as suas marcas simbólicas.

A Figura 6, mostra essas representações nesses espaços, assim, a Figura 6a, mostra um treinamento em ambiente rural, com uma farda específica para esse ambiente; a Figura 6b, mostra os operadores da CIOE-PMTO, agora usando o uniforme preto (tradicional), quando estes foram apanhar no aeroporto de Brasília-DF, os novos armamentos, os fuzis norte-americanos da ARMALITE, MODELO AR-10, calibre 7,62, e pernoitando no BOPE da PMDF em 2016.

Já a Figura 6c, mostra o brevê dos “Caveira do Sol”, ao lado a Figura 6d, é o brasão da CIOE – PMTO, o qual representa todos aqueles que integram essa Unidade de Elite; logo abaixo a Figura 6e, é a Base Avançada da CIOE, em Araguaína - Tocantins.

Figura 6: Marcas visíveis nos espaços ocupados/utilizados



Fonte: Autor, 2020.

Portanto, para analisarmos esses espaços ocupados/utilizados por estes operadores é necessário entendermos o conceito de território, embora existam inúmeras definições de território no campo geográfico.

Mas, segundo Raffestin (1993) o espaço antecede o território e as constantes modificações causada pelo homem é que denominarão esse espaço, agora modificado em território. Desse modo:

O espaço é, de certa forma, 'dado' como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. 'Local' de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Já para Haesbaert (2004), a amplitude do conceito de território vai além das perspectivas iniciais das Ciências Humanas, assim:

Apesar de ser um conceito central para a Geografia, território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, têm uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com enfoque centrado em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tenta enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deveria[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relação de poder [...]; a Economia, que prefere a noção de espaço à de território [...]; a Antropologia destaca sua dimensão simbólica [...]; a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (HAESBAERT, 2004, p. 37).

O geógrafo Milton Santos (2006), reconhece que “o território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados”. Desse modo:

O território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação. A força desses núcleos vem de sua capacidade, maior ou menor, de receber informações de toda natureza, tratá-las, classificando-as, valorizando-as e hierarquizando-as, antes de as redistribuir entre os mesmos pontos, a seu próprio serviço. (SANTOS, 2006, p. 154).

Já para Saquet (2008), o território é uma construção coletiva e multidimensional, com múltiplas territorialidades, diferenciando o território do espaço geográfico a partir de três características principais: as relações de poder, as redes e as identidades. O território é resultado das ações dos homens que vivem em determinado espaço e tempo, logo de sujeitos históricos que agem e reagem conforme a sua cultura, lógicas institucionais e papéis sociais, pois:

O território é considerado produto histórico de mudanças e permanências ocorridas num ambiente no qual se desenvolve uma sociedade. Território significa apropriação social do ambiente; ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas. O homem age no espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver, objetiva e subjetivamente. O território é um espaço natural, social, historicamente organizado e produzido; a paisagem é o nível visível e percebido deste processo. (SAQUET, 2008, p. 81).

Portanto, a diferenciação do território e do espaço são as relações de poder, constituindo campos econômicos, políticos e culturais, como também, a construção histórica e relacionais de identidades. Gerando o movimento o qual Saquet (2008) vai chamar territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR).

Esse movimento assemelha-se ao que o policial militar passa quando é voluntário a tentar o COEsp ou o CATE, pois, ao sair da tropa ordinária para fazer parte do campo das Operações Especiais. Essa diferenciação, se dar quando esses sujeitos ocupam o território das Operações Especiais, após terem passado pelo que Bourdieu (2008) chama “rito de instituição”, baseado no clássico conceito (em antropologia social) de Arnold Van Gennep (2011) de “rito de passagem”. De forma que:

Para Bourdieu (2008, p. 98), ‘todo o rito tende a consagrar ou a legitimar, ou seja, a fazer desconhecer enquanto arbitrário e reconhecer enquanto legítimo, natural, um limite arbitrário’. O ‘limite’ a que o autor se refere é a linha simbólica que marca a passagem de uma determinada condição para outra. Porém, mais importante do que a linha ‘é a divisão que esta linha opera’ entre aqueles que passaram pelo ritual e aqueles que ainda não foram selecionados. [...] Ele precisa incorporar um novo habitus, visível através de novos comportamentos, pensamentos e ações. Os aspectos simbólicos presentes em todos os ritos de instituição que, certamente, envolvem investimentos consideráveis na formação do agente, devem atuar como desencorajadores da tentação da ruptura com o modelo estabelecido. (ARAÚJO, 2017, p. 18-19).

Esses, agora, operadores instituídos, após concluírem com aproveitamento os Cursos de Operações Especiais (COEsp) ou de Ações Táticas Especiais (CATE), passam a exercer as Operações Especiais e a ocuparem esse território e a construir a territorialização a qual está ligada ao simbolismo, apego e afeto sobre a distinção conquistada. Ou seja, a territorialização é o ato e/ou ação de se apropriar de um recorte espacial e torná-lo um território.

A desterritorialização, é o oposto da territorialização. É a perda do território o qual era pertencente, ou seja, neste caso o serviço ordinário. Pois, agora esses sujeitos perderão essa concepção de policiamento convencional, o qual não é exercido pela CIOE. Portanto, desconstruindo o que faziam antes, passando a

construir ou adquirir o que Bourdieu chama novos *habitus*. “O *habitus* tem a intenção de transcender uma série de dicotomias profundamente enraizadas que moldam os modos de pensar o mundo social”. (BOURDIEU, 2018, p. 73). O *habitus*, parte de uma experiência enigmática sociológica, baseada nas decisões cotidianas, em pressuposições sobre o caráter, comportamento e atitudes previsíveis de outras pessoas.

Já a reterritorialização, é a criação de novos territórios, ou seja, quando esses sujeitos já passaram pela territorialização, os processos culturais inerentes às relações de poder, como as identidades simbólico-culturais a qual se apropriaram de um recorte espacial e o tornam território. Ou a desterritorialização, dando-se quando esses sujeitos procuraram desconstruir ou perder suas concepções de policiamento convencional, passando a viver uma nova territorialização. Exemplo: quando estes agentes saem da CIOE e retornam ao serviço ordinário.

Isso, podendo ocorrer a pedido do próprio operador por questões pessoais ou por necessidade do serviço, caso o Comandante-Geral determine que este operador assuma uma nova função, ou mesmo quando este agente deixa de cumprir as determinações exigidas na doutrina de OE (Operações Especiais).

Esse processo inverso, ou seja, esse retorno (reterritorialização) ao serviço ordinário difere de quando esses sujeitos vêm do serviço convencional para fazerem parte do campo das Operações Especiais, pois essa diferença fica explícita nas narrativas de alguns ex-integrantes da CIOE.

Pode-se exemplificar, ao perguntar qual o sentimento por fazer ou de já ter feito parte da CIOE no questionário estruturado, o qual foi enviado aos ex-integrantes e integrante da CIOE, o hoje ex-integrante da CIOE, caveira 01, respondeu: “Já fiz parte do efetivo da CIOE, mas sinto que o ciclo ainda não acabou, ainda há muito que contribuir com os valorosos homens de preto, e em relação ao sentimento que fica é de gratidão e de satisfação.”

Ora, o sentimento demonstrado na fala do Caveira 01, são os *habitus* adquiridos durante o tempo que integrou a CIOE, ou seja, *habitus* esses inculcados em sua memória e que diferentemente de quando veio da tropa convencional, desconstruiu parcial ou totalmente para adquirir novos *habitus*. Esses novos *habitus* adquiridos enquanto esteve na CIOE permanecem em sua memória mesmo fora desta Unidade.

Portanto, a construção dos *habitus* adquiridos nesse campo, ficam inculcados nesses ex-integrantes, pois voltando agora a tropa ordinária, não conseguem ficar sem se preocupar em manter o condicionamento físico e outros. Algo que é obrigatório na CIOE, mas optativo no serviço ordinário. Também procuram estar atentos aos treinamentos de tiro, e continuam mantendo relações com os operadores que ainda permanecem na CIOE, participando de eventos (COEsp e CATE), proporcionados por esta ou outras Unidades de Operações Especiais das demais polícias do Brasil. Ou seja, estão sempre prontos para um possível retorno às Operações Especiais. A CIOE tem atuação em todo território tocantinense, mas devido à extensão territorial do estado ser bem ampla e para uma resposta rápida no atendimento das ocorrências, criou-se num primeiro momento em 2003, as bases avançadas de Araguaína e de Gurupi.

Porém, desde sua criação até setembro de 2019, a CIOE que também contava com uma base avançada na cidade de Gurupi, ao sul do estado, teve que ser retraída,¹² devido à carência de efetivo, por diversos motivos como: morte, acidente ou passagem para a Reserva Remunerada (RR) de alguns de seus integrantes.

Investigamos a atuação da CIOE em todo território tocantinense para melhor esclarecer sobre a cultura, territorialização e territorialidade desta tropa. Logo:

A distinção no sentido corrente do termo é a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo as categorias apropriadas a essa estrutura; [...] O capital simbólico outro nome de distinção [...], distinção, enquanto transfigurações simbólicas das diferenças de fato, e mais geralmente, os níveis, ordens, graus ou quaisquer outras hierarquias simbólicas [...], por exemplo os pares de adjetivos empregados para enunciar a maior parte dos juízos sociais, [...] e o reconhecimento da legitimidade mais absoluta não é outra coisa senão a apreensão do mundo comum como coisa evidente, natural, que resulta da consciência quase perfeita das estruturas objetivas e das estruturas incorporadas. (BOURDIEU, 2003, p. 144-145).

Portanto, a construção de marcas simbólicas dessa Unidade de Operações Policiais Especiais se inicia pelos ritos da organização e composição inicial. Ou seja, pela aprovação nas exigências do Curso de Operações Especiais (COEsp), e/ou do Curso de Ações Táticas Especiais (CATE), cursos os quais irão habilitar esses voluntários a fazerem parte da CIOE, como já foi dito anteriormente. Os cursos, podem ser realizados na própria instituição, PMTO. Porém, na Polícia Militar do Tocantins só teve um COEsp, no ano de 2003.

¹² Recolhida.

Os demais Caveiras e Cateanos que fazem parte da CIOE, cursaram em outras instituições Policiais Militares e no Exército brasileiro. Portanto, cursos oferecidos por instituições coirmãs¹³.

Como já explanado, esses militares saídos da tropa ordinária, são sujeitos a rigorosos treinamentos como testes físicos, psicológicos e táticos, o qual irão prepará-los não só física e psicologicamente, mas também taticamente para as Operações Especiais. As suas ações são desenvolvidas a partir de parâmetros exercitados por mecanismos de coordenação e padronização de habilidades, dando-lhes uma doutrina específica e garantindo a eficiência do grupo.

Eficiência essa que se inicia na semana zero ou do inferno, assim chamado pelos alunos, pois estes serão fustigados e testados psicológica e fisicamente ao extremo, para selecionar aqueles que realmente querem concluir o COEsp ou o CATE, o objetivo é romper com a zona de conforto que esses voluntários tinham até então.

Esses voluntários são apresentados aos Caveiras ou Cateanos em uma área preparada pela coordenação do COEsp ou do CATE, chamada “Cerimonial”, o qual vai recepcionar o turno de alunos para o início do Curso de Operações Especiais ou Curso de Ações Táticas Especiais. O programa de ensino é colocado em prática após a “cerimônia de batismo” e irá se prolongar durante todo o curso.

São ofertadas a estes voluntários, instruções práticas e teóricas que irão desenvolver o máximo de segurança do emprego tático/estratégico, reduzindo os riscos para os operadores e principalmente para sociedade. Então, com a repetição exaustiva dos treinamentos durante e depois do COEsp ou CATE, a permanente avaliação e busca pela perfeição para se manter a coesão do grupo que continua na CIOE, ou seja, internamente, por Teste de Aptidão Física (TAF), tiro e outros.

Todos os procedimentos devem ser estruturados por métodos que melhor organizem e aproveitem os meios, o espaço e o tempo disponíveis, passando a fazer parte do processo de tomada de decisão para tudo o que for realizado. [...] onde o máximo desempenho diz respeito ao padrão de excelência e resultado que deve determinar e orientar a execução de qualquer atividade; [...] estritamente nas necessárias à realização da tarefa sem desperdícios, mas que se obtenha o melhor desempenho com a máxima segurança. (STORANI, 2018, p. 141).

¹³ Sociedade ou grupo de empresas com os mesmos interesses. Outras Instituições Militares.

Esse tipo de força policial caracterizada como Força Especial têm por objetivo atender a tipos específicos de ocorrências, além de auxiliar a tropa ordinária somando forças em prol da defesa da sociedade tocantinense. De acordo com Éric Denécé em “A História Secreta das Forças Especiais” (2009, p. 9), em “[...] todas as épocas, a história oferece exemplos de unidades as quais foram confiadas missões audaciosas, cujo objetivo era resolver uma situação ou corrigir o curso de uma batalha que começou mal”. Nesse sentido:

As unidades especiais surgem como instrumentos ideal para esse novo tipo de engajamento em meio caótico, [...]. Elas são formadas sob medidas para o enfrentamento da imprevisibilidade das situações, pois podem reagir rapidamente, engajar-se discretamente, efetuar ações com alvos bem definidos, autonomamente ou em conjunto com as forças convencionais. (DENÉCÉ, 2009, p. 422).

É a partir desta distinção entre a tropa convencional/ordinária, que o grupo passa a afirmar sua cultura interna específica, como marca, como símbolo, como *status*. Impondo a todos os seus membros uma certa visão de mundo social com distinções em relação à própria instituição que o abriga. Além de estabelecer leis gerais para gerir seu campo de atuação. Para Pierre Bourdieu (2003), o poder de fazer ver e fazer crer, está relacionado à instituição que legitima os seus representantes, assim:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário. [...] O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2003. p. 14-15).

Esses policiais passam por vários ritos capazes de transformá-los em suas peculiaridades comportamentais para surgir um novo sujeito com *habitus*, afeições e relações interpessoais distintas dos policiais comuns da tropa. Até a formação policial convencional é constituída por ritos instituídos. Assim, entende-se que aqueles que ingressam em uma instituição policial devem passar por vários ritos que consigam transformá-los em suas peculiaridades comportamentais para surgir um novo sujeito com *habitus*, afeições e relações interpessoais distintas da vida pré-policial.

Portanto, o policial militar que é voluntário a fazer o COEsp ou o CATE será inculcado por novos *habitus* distintos dos *habitus* que são instituídos aos policiais ordinários. Pois, agora estes voluntários passarão por exigências que são específicas desse novo campo, o agora campo das Operações Especiais.

Tratando-se de conduzir estes novos sujeitos por uma pedagogia de formalização dos seus comportamentos, reduzindo suas possibilidades de escolha e autonomia. Os ritos de instituição agora são outros, os quais fazem parte de um sistema orientado para instituir (o agora homens de Operações Especiais), preservar, naturalizar e legitimar a diferença (BOURDIEU, 2008).

Assim, falar em rito de instituição “é fazer reconhecer como legítima e natural uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e mental a serem salvaguardados a qualquer preço” (BOURDIEU, 2008, p. 98). Nesse sentido, a brevetação é a “diplomação” no grupo especial, constituindo-se numa forma de exclusão daqueles que não o foram, os outros militares.

Portanto, “instituir é consagrar, ou seja, sancionar e santificar um estado de coisas, uma ordem estabelecida”. (BOURDIEU, 2008, p. 99). Assim, o rito de instituição tem um enorme efeito simbólico, tanto sobre o instituído, quanto para os demais. Segundo Bourdieu, ele transforma a visão das pessoas sobre si, “transforma ao mesmo tempo a representação que a pessoa investida faz de si mesma, bem como os comportamentos que ela acredita estar obrigada a adotar para se ajustar a tal representação” (BOURDIEU, 2008, p. 99). Logo:

Instituir, atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser). É *fazer ver* a alguém o que ele é, ao mesmo tempo, *lhe faz ver* que tem de ser [...] instituir, dar uma definição social, uma identidade é também impor limites [...] implica não sair da linha, manter sua posição. (BOURDIEU, 2008, p. 100).

Percebe-se que o rito ao instituir um ‘dever ser’ também delinea fronteiras, pois o ritual notifica a alguém sua identidade e o dever de comportar-se conforme o “normal” estabelecido para o grupo em que foi inserido. Ele precisa incorporar um novo *habitus*, visível através de novos comportamentos, pensamentos e ações. Os aspectos simbólicos presentes em todos os ritos de instituição que, certamente, envolvem investimentos consideráveis na formação do agente, devem atuar como desencorajadores da tentação da ruptura com o modelo estabelecido.

Logo, uma das funções do rito é “impedir os que se encontram dentro, do lado bom da linha, de saírem da linha, de se desclassificarem” (BOURDEIU, 2008, p. 102). Nesses momentos, cabe a punição, ou seja, o uso de instrumentos necessários para retirá-lo da vulgarização. Por estar fora das atitudes normais, atribuídas aos incluídos no grupo especial, além do treinamento, um conjunto de ações simbólicas (capital simbólico que neste caso pode ser complementado e/ou interagir, também, com o capital social e o cultural), é colocado em movimento entre os membros do grupo para garantir sua distinção.

Segundo a teoria bourdieusiana (2003), os agentes sociais procuram sempre manter ou aumentar o volume do seu capital e, logo, manter ou melhorar sua posição social. Dá-se origem a toda uma representação simbólica em torno dos “Homens de Preto”, que usam uma “Caveira”, que os definem além dos lemas “Vitória sobre a Morte” e “Força e Honra”, o qual nascem dos ritos instituídos, celebrando mudanças que marcam os *status* desses militares agora “cursados” no seio da tropa.

Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumento de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornaram possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral”. (BOURDIEU, 2003, p. 10).

O capital simbólico, que corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento, permitem compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta, baseados na doutrina de OE, não são apenas exigências do controle social dentro desse campo, mas são constitutivas de vantagens sociais com consequências efetivas para os homens de Operações Especiais na da Polícia Militar do Tocantins.

1.3 Breve histórico da Polícia Militar em Goiás e no Tocantins

Antes de falar sobre a criação da Força Policial goiana e dos policiais do até então norte de Goiás, a implantação e consolidação territorial da CIOE-PM/TO no estado do Tocantins, segue um breve histórico de como se iniciou os sistemas policiais

européus e a opção portuguesa no processo que veio a ser denominado como “Sistema Luso-brasileiro de Polícia” (COTTA, 2014). Por conseguinte:

Portugal, ao estabelecer as políticas relativas à *polícia* no coração da América Portuguesa, no início do século XVIII, criou um sistema diferente das concepções que posteriormente foram idealizadas pela França e Inglaterra e que, mesmo após a institucionalização de tais sistemas na Europa, eles não foram reapropriados para a realidade brasileira dos finais do século XVIII e início do XIX. [...], o arranjo institucional hierárquico-militar mostrou-se adequado aos interesses de Portugal perante o Brasil e que as instituições militares foram eleitas em virtude do conjunto de práticas e valores que integravam a tradição militarista lusitana, durante a o processo de expansão do Império Ultramarino. (COTTA, 2014, p. 29).

Esse processo de institucionalização ou a ideia de polícia como força pública advém da Revolução francesa de 1789 e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Segundo Cotta (2014), “instituída para garantir, contra qualquer outra força, os direitos do homem e do cidadão”. Ou seja, não sendo colocada a serviços particulares. Porém, esse processo exportou o sistema policial gerado pelo absolutismo, o qual desviou o seu projeto inicial de garantir os direitos humanos dos cidadãos. Tornando-se agora os “olhos, ouvidos e braços dos soberanos” (COTTA, 2014, p. 31).

Ocasionou com que os ingleses vissem esse modelo de polícia francesa como uma ameaça à liberdade, assim a Inglaterra criou a “*New Police*”, a qual seria um meio de força civil, mas com uma estrutura baseada nos princípios da hierarquia e disciplina militar. Uma polícia sob o controle dos cidadãos, porém, preocupada com a segurança individual. Infelizmente esse modelo britânico de polícia também não deu muito certo, e já no início do século XX passou a ser vista como indisciplinada e corrupta, ou seja, uma polícia a serviço dos interesses dos poderosos locais (COTTA, 2014).

No Brasil segundo Bretas e Rosemberg (2013), os anos de 1808 e 1809 marcam o ano da fundação da Polícia brasileira, as quais segundo os autores refere-se a Paris, ou seja, o modelo francês de Polícia. Assim, a criação da Intendência Geral de Polícia (1808) e da Guarda Real de Polícia (1809), são os primeiros organismos públicos a carregarem em seu nome a concepção de Polícia, pois:

Como mencionamos, o período em que a Coroa portuguesa esteve no Brasil se situa num lugar bastante específico, entre o século XVIII e o Brasil independente. É o momento em que a datação tradicional consagra a criação tanto da Intendência Geral de Polícia (1808) como da Guarda Real de Polícia (1809), ponto de fundação da Polícia brasileira. São os primeiros organismos

públicos a carregarem em seu nome a concepção de polícia, nos obrigando a refletir sobre os conteúdos históricos e os nexos dessas definições. O ato de criação da Intendência, que faz referência direta a seu modelo lisboeta, propõe-se como uma transposição, assim como o de Lisboa faz referência a Paris. Seria a genealogia do que foi buscado na historiografia internacional como um “modelo francês” de polícia. Nesse momento, a ideia de polícia comporta uma visão muito mais ampla de gestão da ordem, envolvendo tarefas que mais tarde vão ser atribuídas a outros órgãos do Estado. (BRETAS; ROSEMBERG, 2013, p. 167).

No que tange a Guarda Real de Polícia, segundo Cotta (2014, p.41), quando criada em 1809, tinha uma possível semelhança com a Guarda Real da Polícia de Lisboa em sua forma, jurisdição, regulamento e uniformes. E que essa “Divisão Militar da Guarda da Polícia seria ‘uma força policial de tempo integral, organizada militarmente e com ampla autoridade para manter a ordem e perseguir criminosos’”. Já a Intendência Geral de Polícia, inicialmente exercia o papel de agente civilizador procurando controlar os roubos, desordens e fugas. Porém, posteriormente passou a exercer mais o papel administrativo relacionados ao cumprimento dos alvarás e das ordens. [...], “serviam de forma pedagógica para ridicularizar práticas e perspectivas culturais de uma sociedade negra e mestiça, além de impor o modelo de *civilização* desejado”. (COTTA, 2014), assim:

Uma vez que a Intendência possuía um caráter eminentemente administrativo, utilizou como força de intervenção a Divisão Militar da Guarda Real da Polícia. [...] Devido ao modo de agir e às características militares da Guarda da Polícia, ela foi vista como ‘um exército permanente travando uma guerra social contra os adversários que ocupavam o espaço a seu redor’. (COTTA, 2014, p. 43).

Assim, embora tenha passado por variações o processo histórico no que diz respeito ao conceito de polícia aqui no Brasil, a sua razão de existir está baseada na ideia de estabelecer a segurança pública e respeitar os direitos humanos. Já Rosemberg (2010), em sua obra “De Chumbo e Festim: Uma História da Polícia Paulista no Final do Império”, também reforça essa incessante preocupação em preparar uma polícia voltada ao cumprimento dos direitos dos cidadãos e preservação da ordem pública. Embora, naquela época o papel normativo da polícia além de atuar em nome do Estado, também atuava em nome de uma camada dominante. Assim, muitas das vezes essas instâncias eram arbitrárias e violentas, portanto:

É evidente que no plano mais imediato o policial representava, no fim das contas, o poder de punir, de prender, de ofender. Numa sociedade escravista, hierarquizada que homogeneizava a condição dos mais pobres – livres e

escravos – qualquer réstia de autoridade agregava poder. (ROSEMBERG, 2010, p. 364).

Essas prescrições normativas do regime disciplinar e fidelidade as hierarquias, as pressões do poder privado em detrimento do ordenamento legal, causava em meios populares uma visão negativa dessa polícia, demonstrando assim, que essa cultura política e organizacional subsiste desde o período colonial no Brasil. Ou seja, uma polícia que desprezava muitas vezes os próprios limites institucionais e discricionários, fazendo com que esses policiais fossem vistos não mais como agentes da ordem e sim aliados a interesses de terceiros.

Comportamentos arbitrários vindos dessa época, que refletem e contribuem para essa visão negativa atualmente, em 2021, de uma Polícia opressora a serviço de uma classe dominante. Cabe ressaltar ser uma visão de uma época distante quando a Polícia era composta por pessoas despreparadas, semianalfabetos ou mesmo analfabetos, os quais não sabiam dos seus direitos, abusando de seus deveres. Pois, cumpriam ordens daqueles que detinham o “poder”. Observações feitas pela pesquisadora Lunckes (2011), ao destacar em sua pesquisa sobre a 4ª CIA isolada de Pedro Afonso, que de 1935 a 1939 a Polícia era, em sua maioria, composta por analfabetos. Imagine na época do Império, quando os cidadãos também não sabiam de seus direitos.

Portanto, é essa visão negativa da Polícia que pretendemos desconstruir com essa pesquisa, pois através da cultura, territorialização e territorialidade da CIOE-PMTO, composta por agentes altamente treinados que buscam incessantemente a excelência para estabelecer a segurança pública, respeitando os direitos humanos. Pois, cabe a Polícia Militar a missão ostensiva na preservação da ordem pública conforme consta no Art. 144 da Constituição Federal.

Desse modo, é através do *habitus* reforçado e modificado no campo que se estruturam os significados que moldas as ações, independentemente da composição organizacional das instituições sendo constantemente reformuladas. Assim, Marcos Luiz Bretas (1997) acredita que os estudos sobre as instituições policiais devem dar atenção às questões atinentes à cultura e a “mentalidade policial”, traçando assim as características aproximadamente comuns no imaginário e nas ações desenvolvidas no cotidiano por membros destas instituições em várias localidades.

Portanto, ao falar da cultura, territorialização e territorialidade da CIOE e da Polícia Militar do Tocantins é necessário entendermos todo o processo da criação do estado do Tocantins, da PMTO e posteriormente da CIOE. Pois, essa relação perpassa pela criação da Força Policial goiana e dos policiais dos longínquos sertões que ficavam no até então norte de Goiás.

Segundo Bretas e Rosemberg (2013), estudos sobre a polícia urbana são recentes na historiografia brasileira, pois até os anos de 1960, só existia historiografia oficial produzida em artigos policiais. Imagine relatos ou estudos sobre a polícia nos longínquos sertões brasileiro?

Nesse sentido, a historiadora Mariseti Cristina S. Lunckes (2011), trata sobre 4ª Companhia Isolada de Pedro Afonso, no período de 1930 e 1964, nos ajudando a compreender a história da institucionalização dos policiais militares nessa região. Região a qual, hoje, compõe o estado do Tocantins. Pois, foi no contexto de pós “revolução de 1930” que o então presidente Getúlio Vargas se preocupou com a organização de poder através de interventores federais nos longínquos sertões do Brasil.

Coube, assim, a Pedro Ludovico Teixeira, como interventor federal de Goiás, a tarefa árdua, pois transformar esses espaços de desordem em um local com ordem, a partir de soldados semianalfabetos ou mesmo analfabetos, seria desafiador, pois: “Quanto à escolaridade dos policiais militares, observa-se que a classificação “analfabeto” aparece no período de 1935 a 1939, representando 31% dos registros” (LUNCKES, 2011, p. 64).

O intuito dos representantes do novo Estado nos sertões era transformar o espaço da desordem em território da ordem e do progresso. Pois, desde a década de trinta já havia, por parte do Estado, essa preocupação na organização de poder, e é por meio das forças policiais nos sertões brasileiros que é pensada essa ação, mas para isso, era necessário preparar essa tropa para tal fim. Uma Polícia instruída, com policiais alfabetizados, treinados e prontos para satisfazer não só a vontade do interventor, mas também dos demais políticos.

A instalação da 4ª Cia Isolada de Pedro Afonso, em 1934, seria uma resposta ou uma intenção do interventor em atender às várias demandas do até então norte goiano, pois o seu desejo era a construção de uma nova polícia, a qual pudesse levar segurança e tranquilidade a esse povo. Então, essa reforma da força policial goiana foi estabelecida por Pedro Ludovico Teixeira em 19 de dezembro de 1930.

Ocorrendo a militarização da Força Pública, com instruções ministradas pelo Exército brasileiro. Logo:

As reformas da força policial goiana foram estabelecidas pelo novo governo em 19 de dezembro de 1930, via Decreto nº 395 e foram empreendidas pelo oficial reformado do exército, Cel. Domingos Neto de Velasco, que ocupava o cargo de Secretário de Segurança e Assistência Pública do Estado de Goiás. [...]. Este processo teve continuidade com a Constituição do Estado de Goiás de 1947, em seu Art. 164, que reitera a importância da influência do Exército Brasileiro na formação e instrução dos policiais e com o Regulamento Geral da Polícia Militar do Estado, datado de 1955, em seu Art. 1º, que também evidencia as diretrizes que norteiam a organização da polícia goiana como força auxiliar e reserva do Exército. (LUNCKES, 2011, p. 4).

O Exército brasileiro exerceu uma grande influência na formação e instrução dos policiais militares goianos, enquanto adotaram as diretrizes que nortearam e organizaram a PMGO como força auxiliar e reserva do Exército. Uma Polícia localizada como instrumento em áreas estratégicas nos “sertões” brasileiro. Posto que:

A definição de sertão, em um primeiro momento, foi utilizada por viajantes, cronistas e autoridades como lugar distante, vasto e desconhecido que precisava ser explorado. [...] eram áreas das colônias que deveriam ser ocupadas para que sua posse tivesse legitimidade. [...] áreas consideradas despovoadas de populações ‘civilizadas’, onde não havia a presença de ‘Deus nem do rei’. [...], entende-se ‘sertões’ como espaços diferenciados com organizações sociais específicas, baseadas em tradições e costumes dos homens e mulheres do interior. [...], os sertões são vistos como recorte espacial e social pautado nos significados construídos por diferentes sujeitos ao longo de sua história e que apresentam uma dicotomia e uma estreita relação entre a natureza hostil, mas ao mesmo tempo pujante e seus sujeitos que convivem cotidianamente com a ‘tirania da distância’, pois permanecem afastados dos centros de decisões políticas e econômicas. (LUNCKES, 2011, p. 16).

Essas observações nos fazem refletir sobre o modo diferenciado de organização e de cotidiano nessas regiões, pois os sertões, embora vistos como um lugar do distante não são isolados e nem esquecidos, apenas diferentes. Em seu artigo “A relação do BOPE com a Polícia Militar do Goiás”, Costa e Freitas (2018), também destacam que em 28 de julho de 1858 foi criada pelo presidente da Província de Goiás, Dr. Januário da Gama Cerqueira uma Força Policial em Goiás, conforme Resolução de nº 13.

Esta Força Policial era composta por civis que não usavam armas de fogo, apenas cassetetes. Após o ano de 1863, inicia-se o trabalho no primeiro quartel do Estado o qual ficava localizado na cidade de Goiás (hoje município histórico). Porém, somente em 1933 o então governador do estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira,

deu nova estrutura para a polícia goiana e o quartel foi deslocado para a nova capital, Goiânia.

E somente em 1949, passou a ser denominada Polícia Militar do Estado de Goiás. Observa-se, que muito antes da década de 1930 já havia uma preocupação em preparar uma Força Pública pautada na legalidade e nos direitos dos cidadãos, não só em áreas urbanas, mas também nos longínquos sertões brasileiros.

O Estado do Tocantins, foi desmembrado do Estado de Goiás em 1988, mas muito da cultura goiana permaneceu e ainda se reflete no povo tocantinense. O mesmo ocorreu com a Polícia Militar do Tocantins, que a princípio, teve seus oficiais e praças formados na Polícia Militar de Goiás. Após a separação do Estado de Goiás a PMTO herdou as estruturas físicas (quartéis) e de pessoal (efetivo), que optaram em permanecer no recém-criado estado do Tocantins.

Como já explicitado, a PMTO teve e tem laços afetivos com a PMGO, pois uma nasceu da outra. Além de ter formado muitos oficiais e praças dos quais alguns desses oficiais foram os primeiros a comandar a PMTO, também, foram os Caveiras do hoje BOPE-PMGO, os precursores na forja dos primeiros caveiras da CIOE-PMTO. Assim, os “Caveiras do Sol”, trazem em sua essência a gene dos Caveiras do BOPE de Goiás.

CAPÍTULO II - A CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA COMPANHIA INDEPENDENTE DE OPERAÇÕES ESPECIAIS DA POLÍCIA MILITAR NO CONTEXTO DE CRIAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS

Este capítulo trata sobre a criação do estado do Tocantins, da Polícia Militar e da justificativa para a criação e estruturação da CIOE-PMTO, seu contexto histórico, relação dos ex-comandantes da Companhia Independente de Operações Especiais e do atual. Além de abordar a distribuição do efetivo dos “homens de preto” nas bases avançadas da CIOE em 2003. Utilizando os referenciais teóricos do sociólogo Pierre Bourdieu (2003, 2008, 2011, 2018).

2.1 Estado do Tocantins e a Polícia Militar: breve histórico

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988, no Art.13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, criou o Estado do Tocantins “pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se sua instalação no quadragésimo sexto dia após a eleição prevista no parágrafo 3º, mas não antes de 1º de janeiro de 1989” (BRASIL, 1988, p. 156).

O Estado do Tocantins integra a Região Norte e limita-se com o Estado de Goiás pelas divisas norte dos Municípios de São Miguel do Araguaia, Porangatu, Formoso, Minaçu, Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Campos Belos, conservando a leste, norte e oeste as divisas atuais de Goiás com os Estados da Bahia, Piauí, Maranhão, Pará e Mato Grosso. (BRASIL, 1988, p. 156).

Com a criação do Estado do Tocantins verificou-se a necessidade de uma força pública para fazer a segurança desses, agora, considerados cidadãos tocantinenses, assim, é dada a opção aos policiais militares remanescentes do Estado de Goiás que se encontravam destacados no mais novo Estado da federação. Alguns militares retornaram a Goiás, outros permaneceram, dando-se assim, em 1º de janeiro de 1989, a criação da Polícia Militar do Tocantins.

Em 1º de janeiro de 1989, o então Governador do Estado de Tocantins, José Wilson Siqueira Campos, assinava a Medida Provisória nº 001, que definia a estrutura organizacional básica do Poder Executivo do Estado e inseria a Polícia Militar no seu organograma geral. Na época, um efetivo de 1.137 policiais do estado de Goiás, que atuava nesta região, optou por ficar no novo Estado. (PM-TO, 2020).

Com a força policial criada, o estado do Tocantins, passou a ter responsabilidade de preparar em território tocantinense, homens e mulheres para cumprirem essa missão de servir e proteger a sociedade mesmo com o sacrifício da própria vida.

Portanto, os primeiros policiais a ingressarem na Polícia Militar do Tocantins, ainda se formaram em solo goiano, em maio de 1989. E em novembro do mesmo ano, através de concurso público, formou-se a primeira turma de policiais femininos em solo tocantinense, com um total de 122 Policiais Militares. “A primeira turma de soldados concursada no Tocantins formou-se em 9 de novembro de 1989, com 122 militares. Mas a primeira turma de soldados a ingressar na PMTO foi formada no estado de Goiás, em maio de 1989” (PM-TO, 2020).

Desde 1º de janeiro de 1989, quando foi criada, a Polícia Militar do Estado do Tocantins vem se aprimorando e se adequando as novas tecnologias e aos novos tempos, para melhor atender não só aos cidadãos tocantinenses, mas também todos os cidadãos que por aqui estiverem ou precisarem do trabalho destes profissionais.

Preocupada com a formação e qualificação destes profissionais em segurança pública e com o bem-estar do povo tocantinense, foram implantadas e realizadas várias ações sociais para melhor atender esse povo, visto que ainda havia resquícios de uma polícia opressora e violenta, decorrente dos anos de 1960. Imbuídos desse propósito, em meados de 2001 a filosofia de Polícia Comunitária foi implantada no Tocantins, com o intuito de aproximar a Polícia e a sociedade.

Polícia Comunitária - Em meados de 2001 é implantada na PM a filosofia de Polícia Comunitária pelo então tenente coronel Marielton Francisco dos Santos, que também foi seu 1º coordenador estadual. Com a nova filosofia a Corporação passou por uma reestruturação, buscando melhorar a qualificação e adaptação do profissional militar a nova filosofia de polícia. O 2º BPM, em Araguaína, é a unidade pioneira na implantação desse novo sistema que é desenvolvido pelas células comunitárias, servindo de modelo para o Tocantins e outros Estados do País. Com o intuito de aproximar polícia e comunidade, foram criadas as Bases Comunitárias. Na capital, os trabalhos começaram no Jardim Aurenny III, em 2004. Atualmente, existem no Tocantins 13 bases da Polícia Comunitária, distribuídas em Palmas, Araguaína, Gurupi, Paraíso e Porto Nacional. Cada uma delas conta com viatura para o patrulhamento comunitário e efetivo próprio. São projetos já desenvolvidos pelas bases: Horta Comunitária, Escolinha de Futebol, Tênis de Mesa, Jiu-jitsu, Patrulhamento Ciclístico, Reforço Escolar, Acompanhamento da Evasão Escolar, dentre outros. (PMTO, 2020).

Com essa nova filosofia, a corporação passou por uma reestruturação, buscando melhorar a qualificação e adaptação do profissional militar a nova filosofia de polícia, servindo de modelo para o Tocantins e outros Estados do País, pautada na aproximação entre Polícia e comunidade através das Bases Comunitárias.

A Polícia Militar do Tocantins implantou, também em 2001, na capital Palmas, o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), o qual está voltado para a prevenção ao uso indevido de drogas e às ações de vandalismo e formação de gangues entre jovens.

O Proerd - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência foi implantado no Tocantins em 2001 pelo então tenente coronel Marielton Francisco dos Santos, que foi o seu 1º coordenador estadual. A primeira turma, formada em Palmas em 25 de julho de 2002, foi de 1.800 alunos. Em seguida o programa foi ampliado para vários municípios do Estado, formando até o mês de julho de 2011, um total de 140.187 pais e alunos estudantes de escolas públicas e particulares. Sua atuação é voltada para a prevenção ao uso indevido de drogas e às ações de vandalismo e formação de gangues entre jovens. No centro da capital foi implantada a Patrulha Escolar, que trabalha exclusivamente com prevenção e repressão nas imediações das escolas, além do trabalho preventivo junto ao corpo de alunos com palestras educativas. (PMTO, 2020).

O PROERD formou, no ano seguinte a sua criação, 1.800 alunos na capital, depois se estendeu para os demais municípios, hoje presentes nas Unidades Policiais Militares -UPM, conforme o Quadro 3 abaixo.

Quadro 3: Coordenações Regionais do PROERD

UPM	CIDADE
1º BPM	Palmas - Plano Diretor
2º BPM	Araguaína
3º BPM	Pedro Afonso
4º BPM	Gurupi
5º BPM	Porto Nacional
6º BPM	Palmas - Região Sul
7º BPM	Guaraí
8º BPM	Paraíso
9º BPM	Araguatins
1ª CIPM	Arraias

2ª CIPM	Dianópolis
3ª CIPM	Colinas do Tocantins
4ª CIPM	Lagoa da Confusão
5ª CIPM	Tocantinópolis
6ª CIPM	Miracema

Fonte: PMTO, 2020.

Para além dessas ações institucionais voltadas a uma melhor assistência aos cidadãos tocantinenses, a PMTO começou a registrar aumento nas ocorrências de assaltos a instituições financeiras no interior do estado. Como os assaltos ocorridos nas agências do Banco do Brasil no interior do estado nas cidades de Tocantinópolis em 2000 e Araguatins em 2001. Região essa conhecida como Bico do Papagaio. A ocorrência na cidade de Tocantinópolis ao norte do estado do Tocantins foi em outubro de 2000, onde dez assaltantes encapuzados fizeram alguns jogadores do time local e também a família do gerente da agência do Banco do Brasil (BB) de reféns, levando cerca de 360 mil reais, assim.

Dez bandidos encapuzados roubaram 360 mil reais do BB, que terminou com o sequestro de alguns jogadores do Tocantinópolis, juntamente com familiares do gerente do BB, Carlos Uchoa, também tomados como reféns. O assalto começou a meia noite da última segunda-feira e só terminou às 11 horas de ontem. (TERRA, 2000).

Já o assalto na agência do Banco do Brasil na cidade de Araguatins em 2001, cidade que também fica no extremo norte do estado do Tocantins, teve *modus operandi*, bem semelhante com o que é hoje chamado pelas forças de segurança de “novo cangaço”. Conforme consta no relatório do auxiliar de dia, da então 4ªCIPM, hoje o 9ºBPM. Segue:

Às 10:05 horas do dia 11 de julho de 2001, quando me encontrava de serviço de Auxiliar de Dia à 4ª CIPM, onde no horário citado, estava comandando o Policiamento Bancário na agência do Banco do Brasil, localizado nesta cidade, com um efetivo composto pelos seguintes Policiais Militares: Sd PM Rodrigues, Sd PM J. Silva, Sd PM R. Costa, Sd PM Veríssimo, Sd PM Deuramar, Sd PM, Sd PM Da Silva, Sd PM Genésio, Sd PM Cláudio, Sd PM Jacionildo e Sd PM Frazão, todos armados com revólveres calibre 38, incluindo ainda dois fuzis calibre 762.No horário citado acima quando havia distribuído o policiamento em pontos estratégicos e efetuávamos o policiamento normalmente, fomos surpreendidos por alguns elementos, em torno de dez elementos, que fortemente armados com armas de grosso

calibre (armas longa), provavelmente calibre 762 e calibre 12, saíram de dentro de um veículo, Monza, 4 portas, cor azul, placas MNE-6867 e outra quantidade de indivíduos, aproximou-se do local a pé, saindo de detrás de um prédio público, onde funciona o projeto Portal do Alvorada, ao lado da agência bancária. No momento do ocorrido, os meliantes ao darem início a ação delituosa, efetuaram vários disparos para o alto, dando ordens para que todos que ali se encontravam deitassem sobre o solo e afirmavam que a ação se tratava de um assalto. Ato contínuo, todo o policiamento procurou abrigar-se em um local seguro, para que não fossem alvejados pelos disparos dos meliantes, contudo, alguns não obtiveram êxito, sendo dominados e feitos reféns dos meliantes, sendo eles o Sd PM Frazão e Sd PM Cláudio e ainda o Sd PM Sizino, lotado na CIPAMA, o qual no momento estava dentro da agência bancária tratando de interesse particular. A ação delituosa, durou aproximadamente 30 (trinta) minutos, onde durante este tempo, ficamos impossibilitados de agir no sentido de evitar a ação, tendo em vista os meliantes já se encontrarem com os reféns, inclusive civis. Durante o período do assalto, este graduado tentou entrar em contato via telefone com a 4ª CIPM, só conseguindo após 25 (vinte e cinco) minutos após o início da ação, onde fui informado pelo Sr. Cmt da 4ª CIPM, de que o mesmo já tinha enviado reforço policial para o local. Neste momento também, recebemos ordens para que tentássemos fazer o cerco aos meliantes, o que, no momento era muito difícil de ser feito, pois o policiamento havia se dispersado, ficando difícil a comunicação com os componentes e a diferença de armamento entre o policiamento e os meliantes era muito grande, sendo o nosso muito inferior. Logo após receber as ordens do Comando desloquei-me para o local exato da ação delituosa, onde os meliantes já haviam evadido-se do local, onde os meliantes saíram levando consigo valores em dinheiro e alguns reféns, os 3 (três) Policiais dominados no início da ação e 2 (dois) civis. Também verificamos que a Vtr Corsa 05.225, que se encontrava no local, foi atingida por alguns disparos na parte dianteira (para-lama esquerdo) e no para-choque traseiro, danificando o mangote de plástico e perfurando o radiador da mesma. Outra Vtr atingida foi a Moto Honda CG 125 prefixo 05. 338, que ficou com o pneu dianteiro perfurado. Foi ainda, levado pelos meliantes: Do PM Cláudio um revólver calibre 38 e um colete a prova de balas, do PM Sizino um revólver calibre 38 e do Sd PM Frazão quatorze munições calibre 38 e um colete a prova de balas. Na fuga, os meliantes utilizaram-se do veículo Monza, já citado e uma Camioneta S-10 cabine dupla de propriedade de um dos reféns, o Sr. Jurandi, gerente da agência bancária supracitada, onde ambos os veículos foram abandonados posteriormente, na medida em que distanciavam-se da cidade e alguns minutos depois todos os reféns foram liberados nas proximidades do povoado Transaraguaia, neste município. Com a única Vtr disponível no local havia sido danificada e estava sem condições de uso, só nos restou permanecer no local e aguardar ordens superiores. (PMTO, 2001).

Essas ocorrências aliadas a outros assaltos, principalmente em alguns estados das Regiões Norte e Nordeste, a exemplo de assaltos ocorridos em agências bancárias nos estados do Pará, Mato Grosso e outros que fazem divisa com o Tocantins. Fizeram com que o Comandante-Geral da época (2002), olhasse essa crescente onda de violência com mais atenção. Porém, há uma carência nos registros de ocorrências de assaltos a agências bancárias pelas UPM, nos anos de 2000, 2001, 2002 e no *site* oficial da PMTO.

A instituição ainda não se dispunha de um banco de dados seguro que pudessem armazenar essas ocorrências, ficando em arquivos físicos, os quais ao longo dos tempos se perderam, ou foram se deteriorando ao ponto de não estarem mais legíveis, pois foram consumidas por cupins, traças, formigas, humidades e outros, o que causou a perda de muitos registros de ocorrências dessa natureza, nos direcionando a buscar dados desses registros em *sites* de notícias ou em textos que narram esses fatos.

Somente no início de 2017 que a PMTO passou a usar tecnologias para este fim. O Sistema Integrado de Atendimento e Despacho (SIAD), através do Sistema Integrado de Operações (SIOP), passou a registrar e armazenar as ocorrências. Logo:

A Polícia Militar lançou nesta terça-feira, 18, em solenidade no auditório do Quartel do Comando Geral, o Sistema da Diretoria de Gestão Profissional (DGP) e o Sistema Integrado de Atendimento e Despacho (SIAD). Ambos têm por finalidade melhorar o fluxo de informações administrativas e operacionais que a priori refletem na qualidade do serviço prestado pela PMTO. É importante lembrar que as ferramentas de tecnologia na atualidade contribuem massivamente para o bom funcionamento das organizações e são imprescindíveis para o sucesso das instituições. Partindo deste pressuposto, o Governo do Estado do Tocantins e o Comandante Geral da Polícia Militar, buscaram inicialmente esses dois sistemas para aperfeiçoar as atividades da corporação. O SIAD foi desenvolvido pela equipe de Analistas de Sistema do Sistema Integrado de Operações (SIOP) com a principal finalidade de unificar, padronizar e dinamizar o atendimento de ocorrências de forma que ajude a gerar estatísticas que contribuam para a resolução do melhor emprego do serviço e recurso policial. Já o Sistema DGP, sob a responsabilidade da equipe da Assessoria Técnica de Informática e Telecomunicações (ATIT), é voltado para a administração de pessoal com o propósito de eliminar processos ultrapassados como o uso excessivo do papel. Assim, todas as informações necessárias sobre o efetivo serviço das unidades militares operacionais terão disponibilidade online com o suporte mais ágil aos comandantes e com maior transparência para cada policial militar que necessitar consultar sua ficha de informações. Para o Chefe do Estado Maior, coronel Edvan de Jesus Silva, os sistemas desenvolvidos pelos analistas da Polícia Militar colocam finalmente a corporação no século XXI. “Agora estamos amparados em três pilares: da eficiência, da agilidade e da transparência. E esses, com certeza, vão facilitar o desenvolvimento de toda corporação. Assim, a importância do SIAD e DGP também se faz para o melhor direcionamento das atividades policiais militares, onde somente um policial militar e um sistema eficiente podem fazer o serviço em que antes necessitava de cinco ou seis homens”, ressaltou. (PMTO, 2017).

Portanto, os registros das ocorrências acima citadas, só foram possíveis através de pesquisa em um *site* de esportes da época (TERRA), no caso de Tocantinópolis em 2000 e o relatório do auxiliar de dia, o único documento legível encontrado da época que narra os fatos, no caso de Araguatins em 2001, todas as ações ocorridas ao norte do estado. Ocorrências essas, bem semelhantes com as que

as autoridades em segurança pública chamam de “sapatinho” e de “novo cangaço”. Conforme narrado pelo *A Gazeta*, 2010, assim:

O erro nas contas com o prejuízo no caixa no final do dia de trabalho deixou de ser o maior problema dos bancários, que hoje têm como principal preocupação não ser alvo de assaltantes. Eles podem ser vítimas da modalidade de roubo do tipo 'Novo Cangaço', quando quadrilhas com mais de 10 integrantes rendem a agência toda, utilizam armas pesadas, fazem reféns e matam, inclusive clientes. Mas se o bancário for gerente ou tesoureiro da agência, corre o risco de ser alvo do roubo 'Sapatinho', quando a família vira refém enquanto o funcionário é obrigado a abrir os cofres e entregar o dinheiro para os criminosos, que agem sem serem percebidos. Nesta última modalidade, o drama se concentra apenas no pequeno grupo familiar, como ocorreu esta semana na cidade de Confresa (1.160 km a nordeste de Cuiabá). Este tipo de crime não é novo, e já vem sendo registrado em Mato Grosso desde 1998. Já foram 16 casos, com a identificação de autores em 9 deles. O delegado Luciano cita o caso de um dos roubos, onde os criminosos acompanharam o gerente a uma partida de futebol dele com amigos, enquanto parte do grupo ficou na casa da vítima “tomando conta” da família, até que o plano do assalto da agência bancária fosse finalizado. O perfil destes criminosos é de audácia. Planejam a ação e não usam de força física, mas da intimidação e tortura psicológica com as vítimas. [...] Normalmente usam os carros das vítimas, nos quais se deslocam para não chamar a atenção de vizinhos. Lembra o caso do gerente de uma agência de Alto Araguaia, em que os familiares foram levados até Várzea Grande e ficaram com criminosos, dentro do veículo, no estacionamento de um supermercado, até que o dinheiro da agência fosse retirado. Quando o dinheiro já estava garantido, a família foi liberada. Este caso foi registrado em 2000. Em 2001, em Cuiabá, uma gerente da Caixa Econômica também teve a filha sequestrada e foi obrigada a abrir o cofre da agência. Em 2002, os alvos foram as agências bancárias de Diamantino e Poxoréo. (A GAZETA, 2010).

Os *modus operandi* são semelhantes ao ocorrido na cidade de Tocantinópolis, no interior do estado do Tocantins, no ano de 2000, crimes que já vinham ocorrendo desde 1998 no estado de Mato Grosso, conforme consta na citação acima de *A Gazeta* (2010). Mato Grosso é um dos estados que fazem divisa com o estado do Tocantins, e essa ação, provavelmente foi praticada por integrantes dessas mesmas quadrilhas que agiam por lá na época.

Essa crescente, em assaltos a bancos nas regiões Norte e Nordeste do país, também é narrada por Aquino, quando:

Assaltos em que cidades inteiras são sitiadas se tornaram corriqueiros na região Nordeste em meados dos anos 2000 e, na década atual, ocorrências inspiradas nessas abordagens abruptas e barulhentas têm apresentado elevada incidência em todo o país. Trata-se de ações contra agências bancárias, geralmente localizadas em cidades de pequeno e médio porte, cujo efetivo policial e equipamentos de segurança pública podem ser superados pelas quadrilhas. [...] Desde o fim dos anos 2000, dinamites têm sido utilizadas em diversas ocorrências de assaltos contra bancos no país. [...], inicialmente as emulsões explosivas eram furtadas dos barracões de

construtoras que as obtinham para implodir rochas e edificações antigas; outro meio de adquiri-las era pela compra de forma ilegal nos depósitos do Exército brasileiro. Com o aumento da demanda pelo material por parte das quadrilhas de assaltantes, teriam sido montadas fábricas clandestinas de explosivos no Nordeste com clientes em todas as regiões do país. Mas não se trata de uma logística de uso fácil, é preciso técnica no tratamento e manuseio das emulsões. Algumas quadrilhas contratam os chamados explosivistas, agentes ou ex-agentes das Forças Armadas que fazem cursos específicos para o manuseio desse material ou ainda pessoas treinadas por esses profissionais. [...] O poder de fogo das quadrilhas que efetuam esta modalidade de assalto costuma impressionar e submeter as populações das cidades sitiadas. Ao render ou impedir a atuação das forças policiais locais, agências e postos bancários, estabelecimentos comerciais e toda a população ficam submetidos às quadrilhas. Ações como a que ocorreu em Graça, no Ceará, em Surubim, no Pernambuco, e em dezenas de outras cidades do país foram efetuadas na madrugada, horário em que a movimentação nas ruas é menor do que durante o dia e as delegacias e quartéis funcionam com efetivos em quantidades reduzidas. A escolha do horário garante que as quadrilhas fiquem em vantagem na quantidade de homens, no poder de fogo das armas e pela chegada súbita. Assaltos truculentos, espalhafatosos e que causam comoção social também têm afetado o interior mineiro e o sudoeste da Bahia. [...] Ao contrário do que ocorre em outras regiões do Brasil, em assaltos registrados na região Sul, quartéis e delegacias de polícia não costumam ser alvejados por coletivos de assaltantes. Um dos meus interlocutores, natural do Rio Grande do Sul e que já atuou em assaltos em 12 estados do país, ressaltou as boas condições da infraestrutura nas delegacias e quartéis do Sul do Brasil. (AQUINO, 2020, p. 617, 618, 619, 620).

Em seu texto a autora transcreve a fala de um interlocutor seu, que diz: “[...]. No Sul, tu tens uma polícia e o Exército bem guarnecidos, tu vês uma situação diferente do resto do Brasil. [...]. No Nordeste e Norte tem muitas cidades com delegacias da Civil e instalações da PM muito sucateadas” (AQUINO, 2020, p. 620).

Por isso, a Polícia Militar do Tocantins se viu na necessidade de criar um grupo para combater essas ações praticadas por criminosos de alta periculosidade, que além de usarem armamentos iguais ou mais modernos do que os utilizados pelas forças de segurança, também agem com organização e extrema violência.

Ou seja, aquela mesma preocupação que existia na década de 30, quando Pedro Ludovico Teixeira se empenhou em organizar o poder nos longínquos “sertões” goianos através de forças policiais, ainda é pertinente. A preocupação, agora, não é mais em oferecer uma Polícia capacitada somente para atender bem aos cidadãos, mas também agir com estratégias e usar de *modus operandi* diferenciados para lidar com cidadãos infratores que usam de extrema violência para cometer vários crimes.

Com essa visão e objetivo em melhorar e preparar seu efetivo, e em não deixar que criminosos assumissem o controle territorial em detrimento do estado

democrático de direito, nasce o desejo em criar um grupo para prevenir e combater essa crescente onda da criminalidade no país. Assim:

Quanto ao processo de criação do grupo, este pode ser explicado rapidamente da seguinte forma: no ano de 2002 deu-se início ao projeto de criação de uma Força Especial de Polícia na Polícia Militar do Tocantins, na qual policiais voluntários da tropa ordinária, chamados nos demais estados de “comuns ou convencionais”, iniciam as inscrições para este fim, e após vários inscritos, e rigorosos testes físicos e psicotécnicos, somente noventa homens estavam aptos a realizarem o curso. No dia 13 de janeiro de 2003 tem início o Primeiro Curso de Operações Especiais (I - COEsp) da Polícia Militar do Tocantins – PMTO, que teve a duração de quatro meses, com 950 horas/ aulas, e ao final do dia 13 de maio do mesmo ano, somente quarenta e sete caveiras (como são chamados) estavam aptos a se formar na Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE), todavia o reconhecimento oficial só ocorreu em 2011. (ARAÚJO, 2017, p. 15).

Assim, dando início na seleção de voluntários dispostos a fazerem parte do primeiro COEsp e conseqüentemente integrarem a Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins - CIOE-PMTO.

2.2 Criação e Estruturação da CIOE-PMTO: histórico

Em 13 de janeiro de 2003 iniciou-se o primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins, o qual teve uma carga horária de 950 horas e término no dia 13 de maio do mesmo ano. A data de conclusão do I-COEsp como também a carga horária só foram reconhecidas efetivamente em 2011.

Pois, durante o primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins em 2003, ocorreram várias denúncias de torturas por parte daqueles ex-alunos que pediram para sair (bateram o sino) ou aqueles sendo desligados do curso por não alcançarem o índice técnico. E com a morte do Sargento Adilson Pereira de Aguiar, de 31 anos, de Gurupi, durante o curso, o Ministério Público Estadual, baseado nessas denúncias resolveu investigar. O que fez a coordenação antecipar a conclusão do COEsp.

Infelizmente algo que pode ocorrer durante esses cursos que habilitam esses homens a fazerem parte das Operações Especiais, pois devido as várias exigências que os alunos passam, principalmente físicas, esses, muitas vezes omitem que estão passando mal, pois têm receio de serem desligados, pondo fim ao sonho de colocar um símbolo (brevê) no peito e de fazer parte deste grupo, conforme afirmado por França (2020, p. 28) “o sacrifício ocorre, [...]”. Nessa relação de puro-

impuro, nós e eles, desenvolve-se um sistema de distinções culturais que constitui um grupo, a vida e a morte são as distinções finais visitadas em corpos, a matéria-prima dos grupos.” Assim:

Tudo isso significa dizer que as “vítimas sacrificiais” existem para manter vivo o mito totêmico fortalecendo a coesão coletiva e eliminando aqueles que podem tornar impura a existência grupal. Por isso a violência ser utilizada como componente gerador da ordem, estando presente não apenas nas regiões liminares de fronteira onde o sacrifício ocorre, mas também sendo literalmente incorporada pelos corpos físicos que a percebem no símbolo totêmico físico que cultuam. Nessa relação de puro-impuro, nós e eles, desenvolve-se um “sistema de distinções culturais que constitui um grupo, a vida e a morte são as distinções finais visitadas em corpos, a matéria-prima dos grupos. A violência remove membros do grupo, causando sua morte.” Na verdade, “a violência constitui o verdadeiro coração e a alma secreta do sagrado”. Assim, se os militares são profissionais na administração e produção da violência em nome do Estado e se são socializados para enxergarem em elementos como as bandeiras algo sagrado que deve ser respeitado e protegido, parece-nos que temos um fenômeno pelo qual totemismo e simbolismo militar podem ser interpretados como uma verdadeira “sacralidade simbólico-militar”. (FRANÇA, 2020, p. 28).

Portanto, levando esses voluntários ao sacrifício, pondo em risco a própria vida para integrar esse novo grupo.

Conseqüentemente, os Estágios Operacionais continuaram para aqueles 47 alunos, agora formados. Motivo que gerou as retificações nos Boletins Gerais da Polícia Militar do Tocantins. Logo:

Conforme Plano de Curso nº 007/2002/PM3/EMG, pub. no BG nº 003 de 06 de janeiro 2003. Relação Nominal dos Aprovados no Curso de Operações Especiais pub. No BG nº 0033 de 17 de fevereiro de 2003. Retificação do item I da 2ª parte do BG nº 0033/2003 pub. No BG nº 054/2003 de 24 de março de 2003. Retificação do item I da 2ª parte do BG nº 033/2003 pub. No BG nº 013/2003 de 19 de janeiro de 2005. Estágio Operacional registrado na Portaria de nº 18/DEIP/2011, pub. no BG nº 228 de 07 de dezembro de 2011 (CERTIFICADO DO COEsp DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO TOCANTINS, 2011). (ARAÚJO, 2017, p.15).

O processo de constituição da identidade do grupo de policiais de Operações Especiais, que leva à organização da PMTO/CIOE, encontra-se no decreto do governador do estado que legitima a sua institucionalização. Em 2003 a CIOE foi criada conforme consta no Decreto nº 1.723, de 14/03/2003, publicado no DOE nº 1.399, de 20/03/2003. No início de sua criação, a (CIOE) - Companhia Independente de Operações Especiais, era composta por dois grupos especializados: Comando de Operações Especiais (COE) e o Grupo de Intervenções Rápidas Ostensivas (GIRO).

Posteriormente foram criados mais dois grupos, o Grupo de Operações com Cães (GOC) e a Rondas Ostensivas Táticas Metropolitana (ROTAM).

A composição desses grupos ligados a CIOE, permaneceram até agosto de 2016. Em 2020, a Companhia Independente de Operações Especiais contém três pelotões, sendo eles: o 1º Pelotão - Comando de Operações Especiais - COE; o 2º Pelotão – Grupo de Gerenciamento de Crises, Esquadrão Antibombas e Atiradores de Precisão; o 3º Pelotão de Comando e Serviço. Os demais grupos que até então pertenciam a CIOE, agora fazem parte do Batalhão de Policiamento de Choque (BPCHOQUE).

O COEsp 2003, teve início com 90 voluntários aptos, depois de um longo e exigente processo de seleção entre vários candidatos. Ao final, somente 47 Caveiras concluíram com êxito o Curso de Operações Especiais, se tornando os precursores da recém-criada Companhia Independente de Operações Especiais, dando início a tropa de elite da Polícia Militar do Tocantins (PMTO).

O Quadro 4, irá mostrar a relação dos primeiros Caveiras formados na PMTO em 2003.

Quadro 4: Relação dos Primeiros Caveiras do Sol – COEsp 2003

POST/GRAD	NOME	NUMÉRICA
CAP QOPM	WAGNER	CAV 01
1ºTEN QOPM	SILVA NETO	CAV 02
1ºTEN QOPM	CLÁUDIO	CAV 74
1ºTEN QOPM	ÁLON	CAV 04
1ºTEN QOPM	VIEIRA	CAV 03
1ºSGT QPPM	GLADSTONE	CAV 07
1ºSGT QPPM	DE SOUSA	CAV 22
CB QPPM	NILO	CAV13
SD QPPM	DA SILVA	CAV 16
SD QPPM	EDILSON	CAV 48
SD QPPM	ALBERTO	CAV 70
SD QPPM	FREITAS	CAV 59
SD QPPM	RONALDO	CAV 24
SD QPPM	FARIAS	CAV 30
SD QPPM	GAMA	CAV 31
SD QPPM	MORAES	CAV 20
SD QPPM	CLIMERIO	CAV 34
SD QPPM	MIRANDA	CAV 15
SD QPPM	ELPIDES	CAV 63
SD QPPM	NOGUEIRA	CAV 17
SD QPPM	DE ALMEIDA	CAV 65
SD QPPM	BERNARDO	CAV 23

SD QPPM	TEIXEIRA	CAV 19
SD QPPM	A. GOMES	CAV 08
SD QPPM	ALVES	CAV 27
SD QPPM	ABILDE	CAV 35
SD QPPM	MANDUCA	CAV 46
SD QPPM	COSTA JÚNIOR	CAV 39
SD QPPM	HELBERT	CAV 43
SD QPPM	ORIELE	CAV 69
SD QPPM	CALAÇA	CAV 37
SD QPPM	HERCULLYS	CAV 28
SD QPPM	RUBIVALDO	CAV 26
SD QPPM	CRISTIAN	CAV 73
SD QPPM	FIORAVAN	CAV 58
SD QPPM	BORGES	CAV 71
SD QPPM	MACÊDO	CAV 10
SD QPPM	GEOVANE	CAV 06
SD QPPM	ZENÓBIO	CAV 64
SD QPPM	EDVAN	CAV 47
SD QPPM	MANOEL	CAV 18
SD QPPM	GILBERTO	CAV 57
SD QPPM	DAMASCENO	CAV 33
SD QPPM	PEREIRA	CAV 21
SD QPPM	SILVEIRA	CAV 11
SD QPPM	ISSAN	CAV 14
SD QPPM	WISTON	CAV 05

Fonte: Autor, 2020.

Esse quadro, tem a relação dos nomes e as numéricas dos formandos do primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins em 2003. Pois, ao iniciarem o COEsp, os militares deixam os seus nomes e patentes, adotando apenas números. Ou seja, os seus postos, caso oficiais (tenente, capitão) ou graduações, caso sejam praças (soldado, cabo e sargento), postos e graduações presentes no Curso de Operações Especiais 2003.

É cultural dos Cursos de Operações Especiais e de Ações Táticas Especiais o uso de números, esses números serão dados aos alunos por antiguidade ou por escolha, vai do critério usado pela coordenação de cada curso, pois ao iniciarem o curso, os alunos passam a ser chamados por essa numérica, durante todo o processo de formação. Depois, esses números, passam a fazer parte orgulhosamente das identidades daqueles que concluíram o COEsp ou CATE.

Dessa forma, dando início ao processo de organização por meio dos símbolos, ritos e mitos que instituem esses operadores a fazerem parte de um grupo distinto dos demais militares da corporação. Aqui, objeto de análise com base nos conceitos de *habitus*, *campo*, *poder simbólico* e nos “ritos de instituição”, “particularidade do lugar de fala” e “linguagem autorizada”, do filósofo social francês

Pierre Bourdieu (1930-2002). Conceitos utilizados para explicar a construção das marcas simbólicas dos “caveiras e cateanos” da CIOE-PMTO.

O Quadro 5, mostra como foi feita a distribuição desses operadores, após terem concluído o 1º COEsp em 2003.

Quadro 5: Distribuição do efetivo em 2003

SEDE DA CIOE PALMAS - 1º PELOTÃO		2º PELOTÃO – ARAGUAÍNA		3º PELOTÃO – GURUPI	
POST/GRAD	NOME	POST/GRAD	NOME	POST/GRAD	NOME
CAP CAV 01	WAGNER	TEN CAV03	VIEIRA	TEN CAV 04	ÁLON
TEN CAV 74	CLÁUDIO	SGT CAV 22	DE SOUSA	SD CAV 48	EDILSON
SGT CAV 07	GLADSTONE	CB CAV 13	NILO	SD CAV 70	ALBERTO
SD CAV10	MACÊDO	SD CAV 30	FARIAS	SD CAV 24	RONALDO
SD CAV 73	CRISTIAN	SD CAV 08	GOMES	SD CAV34	CLIMERO
SD CAV 16	DA SILVA	SD CAV 58	FIORAVAN	SD CAV 63	ELPIDES
SD CAV 31	GAMA	SD CAV 65	DE ALMEIDA	SD CAV 27	ALVES
SD CAV 15	MIRANDA	SD CAV 20	MORAES	SD CAV 35	ABILDE
SD CAV 57	GILBERTO	SD CAV 43	HELBERT	SD CAV 39	COSTA JÚNIOR
SD CAV 37	CALAÇA	SD CAV 19	TEIXEIRA	SD CAV 33	DAMASCENO
SD CAV 14	ISSAN	SD CAV 59	FREITAS	SD CAV 21	PEREIRA
SD CAV 46	MANDUCA	SD CAV 23	BERNARDO	SD CAV 47	EDVAN
SD CAV 11	SILVEIRA	SD CAV 18	MANOEL		
SD CAV 06	GEOVANE	SD CAV 69	ORIELE		
SD CAV 64	ZENÓBIO	SD CAV 26	RUBIVALDO		
SD CAV 71	BORGES	SD CAV 17	NOGUEIRA		
SD CAV 28	HERCULLYS				
SD CAV 05	WISTON				

Fonte: Autor, 2020.

Observa-se, que a maior parte do efetivo ficou na capital, pois além de ser a sede da CIOE, lá também ficou o 1º Pelotão. Além das atribuições operacionais teria as administrativas referentes a Unidade Operacional. Os demais pelotões foram distribuídos conforme a extensão da área de atuação.

Assim, ficando o 1º Pelotão em sua Sede em Palmas, capital, para atender a parte central; o 2º Pelotão na cidade de Araguaína, para atender a parte norte; 3º Pelotão na cidade de Gurupi, atendendo o sul do estado. Tendo rapidez no atendimento das ocorrências em todo território tocantinense que tem uma área territorial de 277.423,630 km² segundo IBGE - 2020. A Figura 7 mostra o mapa do estado do Tocantins e os Estados que fazem divisa com seu território.

Figura 7: Mapa do estado do Tocantins



Fonte: Google, 2017.

Depois de 2016, internamente na CIOE, essa nomenclatura de pelotões foi substituída por “Bases Avançadas” (BA). O que essa mudança na nomenclatura de pelotões para bases avançadas significou? Para o comando da CIOE, passou a significar que a partir dessa mudança, tanto o efetivo, quanto a sua logística, poderia ser retraído para a sede da CIOE em Palmas, a critério do Comando Geral. Ou seja, enquanto pelotões, eram destacamentos desta Unidade, era mais difícil de serem retraídos; agora, como bases avançadas, como o próprio nome já sugere, poderiam ser extintas ou retraídas a qualquer momento, como foi citado anteriormente.

A Base Avançada de Gurupi teve que ser retraída em 2019 por não ter mais efetivo o suficiente para manter-se operando naquela cidade. O que seria, no mínimo, um efetivo de doze operadores, ou seja, três equipes. Por motivos diversos como acidente que deixou um operador sem condições de atuar, morte ou mesmo a passagem de alguns operadores para Reserva Remunerada (RR), ficou insustentável a permanência dessa Base Avançada na cidade de Gurupi.

Então, por questões estratégicas e pelo fato de a Base Avançada de Gurupi ficar mais próxima da capital (226 km), podendo ser assistida pelas equipes da Base de Palmas, o comando da CIOE decidiu retraí-la.

Somente permanecendo com a Base Avançada de Araguaína, pois esta fica distante da capital (388km), e próxima às divisas dos estados do Pará e do

Maranhão, estados com grandes índices de assaltos a instituições financeiras. Araguaína também conta com grande poder econômico, com várias agências bancárias e duas grandes bases financeiras, PROSEGUR¹⁴ e FEDERAL,¹⁵ contando ainda com a Plataforma de Suporte e Valores (PSV), responsável na distribuição para as demais agências.

Em 2003, após a criação da CIOE e o término do primeiro COEsp, alguns CAVEIRAS (Título dado aos que concluem o Curso de Operações Especiais), passaram a operar em todo território tocantinense, enfrentando criminosos de alta periculosidade que agem com *modus operandi* diferenciado.

A CIOE-PMTO, passou a enfrentar todas as ocorrências complexas que fogem das convencionais e a participar do processo de formação (instrução) da tropa ordinária. Se tornando a pioneira na preparação e no aprimoramento das demais forças especializadas que foram sendo criadas ao longo dos anos, como: GIRO; GOC; ROTAM. Também atua no aprimoramento das Forças Táticas (FT) das Unidade Policial Militar - UPM.

Mantendo assim, a tríade de Treinar-Operar-Instruir, marcando a sua identidade, cultura e territorialização. Conquistando valores não só para instituição, mas também para a sociedade, agindo em situações complexas e de alto risco, minimizando qualquer dano possível e prezando sempre pela segurança e preservação da vida humana em todo território tocantinense.

Na sequência, segue a imagem do brevê dos “caveiras do sol” e dos demais brevês dos respectivos cursos desses integrantes da CIOE, que cursaram nas coirmãs das demais Unidades Federativas, como: AC; AL; AM; CE; GO; MA; MG; PA; PB; PE; PI; RJ; RR; RN; SP, e também o curso de Comandos do Exército Brasileiro (EB), ou seja, o Curso de Operações Especiais ou o Curso de Ações Táticas Especiais são as exigências para se fazer parte da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins. Conforme mostra a Figura 8.

¹⁴ Empresa multinacional de segurança e transporte de valores.

¹⁵ Empresa de segurança, transporte de valores, rastreamento e monitoramento.

Figura 8: Brevês dos CAVEIRAS da CIOE

Estado do Tocantins – PMTO	
Estado de Alagoas – PMAL	
Estado do Amazonas – PMAM	
Estado de Goiás – PMGO	
Estado de Minas Gerais – PMMG	
Estado do Pará – PMPA	
Estado de Pernambuco – PMPE	
Estado do Rio Grande do Norte – PMRN	
Estado de Roraima – PMRR	
Exército Brasileiro – EB	

Fonte: Autor, 2020.

Os brevês dos “CAVEIRAS” mostrados na Figura 8, representam aqueles que detêm o curso de Operações Especiais, critério para integrar a Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins. Esse poder simbólico representado por esses brevês de caveiras é a estrutura estruturante de instrumentos de conhecimento e da construção simbólica do campo das Operações Especiais.

Segundo Bourdieu (2003) “os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados”. Assim, o crânio e a adaga são símbolos dessa estrutura das Operações Especiais que após a conclusão do Curso de Operações Especiais e brevetados com a “caveira” no peito, estes operadores passam a exercer um poder estruturante que é as Operações Especiais.

Já a Figura 9, traz os brevês dos “CATEANOS” o qual representam aqueles que possuem o Curso de Ações Táticas Especiais, um dos critérios para se integrar à CIOE-PMTO.

Figura 9: Brevês dos Ações Táticas Especiais da CIOE

Estado do Acre – PMAC	
Estado de Alagoas – PMAL	
Estado do Ceará – PMCE	
Estado de Goiás – PMGO	
Estado do Maranhão – PMMA	
Estado do Pará – PMPA	
Estado da Paraíba – PMPB	
Estado do Piauí – PMPI	

Estado do Rio de Janeiro – PMERJ	
Estado de São Paulo – PMESP	

Fonte: Autor, 2020.

Os brevês apresentados nas Figuras 8 e 9 representam os policiais de Operações Especiais e os de Ações Táticas Especiais que integram a CIOE-PMTO, são produções simbólicas que representam os instrumentos de dominação na visão de Bourdieu, que diz: “A cultura dominante contribui para integração real da classe dominante assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes” (2003, p. 10).

Portanto, nessa hierarquia distinta, são inculcados nestes operadores, por meio dos novos *habitus* adquiridos durante o Curso de Operações Especiais e o Curso de Ações Táticas Especiais, moldando os modos de pensar o mundo social gerando novas práticas, crenças, percepções e sentimentos nesses agentes, conforme a estrutura das operações especiais, aqui representado pela CIOE-PMTO.

2.3 Perfil dos comandantes da CIOE

O primeiro comandante da CIOE-PMTO, foi o Capitão Wagner¹⁶, Caveira 01, formado no 1º Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins (I – COEsp da PMTO), comandou a companhia por quase oito anos, só saindo para fazer o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), entre 25/02/2003 – 26/01/2004, retornando ao comando a 11/01/2005 e permanecendo até 05/01/2011.

No período de sua ausência, ficou em seu lugar, respondendo pelo comando da CIOE, o Major Ribamar, choqueano, assim chamado por ter o Curso de Controle de Distúrbios Civis – CCDC – pela PMESP (assumiu por ato discricionário do Comandante - Geral).

Quando o caveira 01, foi dispensado do comando da CIOE para comandar outra UPM, por determinação do Comandante Geral, assumiu em seu lugar o Major Cláudio, Caveira 74, do I – COEsp da PMTO. Entre 05/01/2011 e 23/03/2012.

¹⁶ Os nomes representam o Nome de Guerra (como são chamados/conhecidos na Organização Policial Militar).

Passando o comando da CIOE ao Major Silva Neto, Caveira 02, do I – COEsp da PMTO, este permaneceu no comando entre 23/03/2012 e 15/05/2013.

Quando passou o comando ao Capitão QOPM Rudson, o segundo a assumir o comando por ato discricionário do Comandante Geral, pois este também não possui um dos cursos dos quais são criterios para integrar a CIOE, ou seja, o Curso de Ações Táticas Especiais (CATE) ou o Curso de Operações Especiais (COEsp). Permaneceu no comando de 15/05/2013 a 02/10/2014.

Este passou o comando ao seu substituto, Capitão Abner, Ações Táticas Especiais 12, formado na Polícia Militar do Ceará (CATE - PMCE), o qual permaneceu de 02/10/2014 a 15/01/2015, logo, o comando foi passado ao Major Wander, Caveira 03 do I – COEsp da PMTO o qual permaneceu entre 15/01/2015 a 03/09/2015. Após, passou novamente o comando para o agora Major AT12 Abner que permaneceu no comando da CIOE de 03/09/2015 a 18/01/2018.

Já o Major Abner, passou o comando da CIOE para o então Major Fioravan, Caveira 58 do I – COEsp da PMTO - 2003 o qual foi promovido em 21/04/2019 ao posto de Tenente Coronel, permanecendo no comando até atualidade.

Toda essa movimentação dos ex-comandantes e do atual comando, (2021) da CIOE, está melhor representado no organograma a seguir, exposto no Quadro 6, o qual especifica as datas e a ordem cronológica de suas passagens pelo comando da Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE).

Portanto, no que se refere aos dois oficiais que comandaram a CIOE, não possuem os devidos cursos que os habilitam a integrar essa Unidade de OE, o COEsp ou o CATE, Bourdieu (2003) vai dizer que:

O fato de a correspondência não se efetuar senão de sistema a sistema esconde, tanto aos olhos dos próprios produtores como os olhos dos profanos, que os sistemas de classificação internos reproduzem em forma irreconhecível as taxinomias diretamente políticas e que a axiomática específica de cada campo especializado é a forma transformada 'em conformidade com as leis específicas do campo' [...] que mobiliza em forma irreconhecível as divisões objetivas da estrutura social e especialmente a divisão do trabalho-teórico e prático-converte propriedades sociais em propriedades de ordem natural'. (BOURDIEU, 2003, p. 14).

Ou seja, esses que não possuem os cursos que os habilitam a estar na CIOE, são vistos como 'profanos', pois não comungam dos mesmos ritos, símbolos e *habitus* daqueles que os têm.

Os outros oficiais que comandaram e o atual comandante são detentores desses cursos. Ou seja, passaram pelos ritos e aprovação das exigências do Curso de Operações Especiais (COEsp) e do Curso de Ações Táticas Especiais (CATE). O que Bourdieu (2003) apresenta como “o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer” na necessidade de criação de grupos especializados, mais ainda, no processo de construção de suas marcas simbólicas, distinta dos “comuns ou convencionais” da tropa, pensa-se na utilização dos símbolos, das normas, dos valores e dos ritos, tanto durante o Curso de Operações Especiais ou do Curso de Ações Táticas Especiais quanto depois.

Portanto, esses *habitus* adquiridos precisam ser alimentados pelo grupo, pois os *habitus* são estruturas estruturantes que geram essa estrutura e suas práticas no campo das Operações Especiais, nesse caso a CIOE-PMTO. É a partir dessa *distinção* que o grupo passa a afirmar sua marca e impõe a todos certa visão de mundo social, além de estabelecer leis gerais para gerir seu campo de atuação.

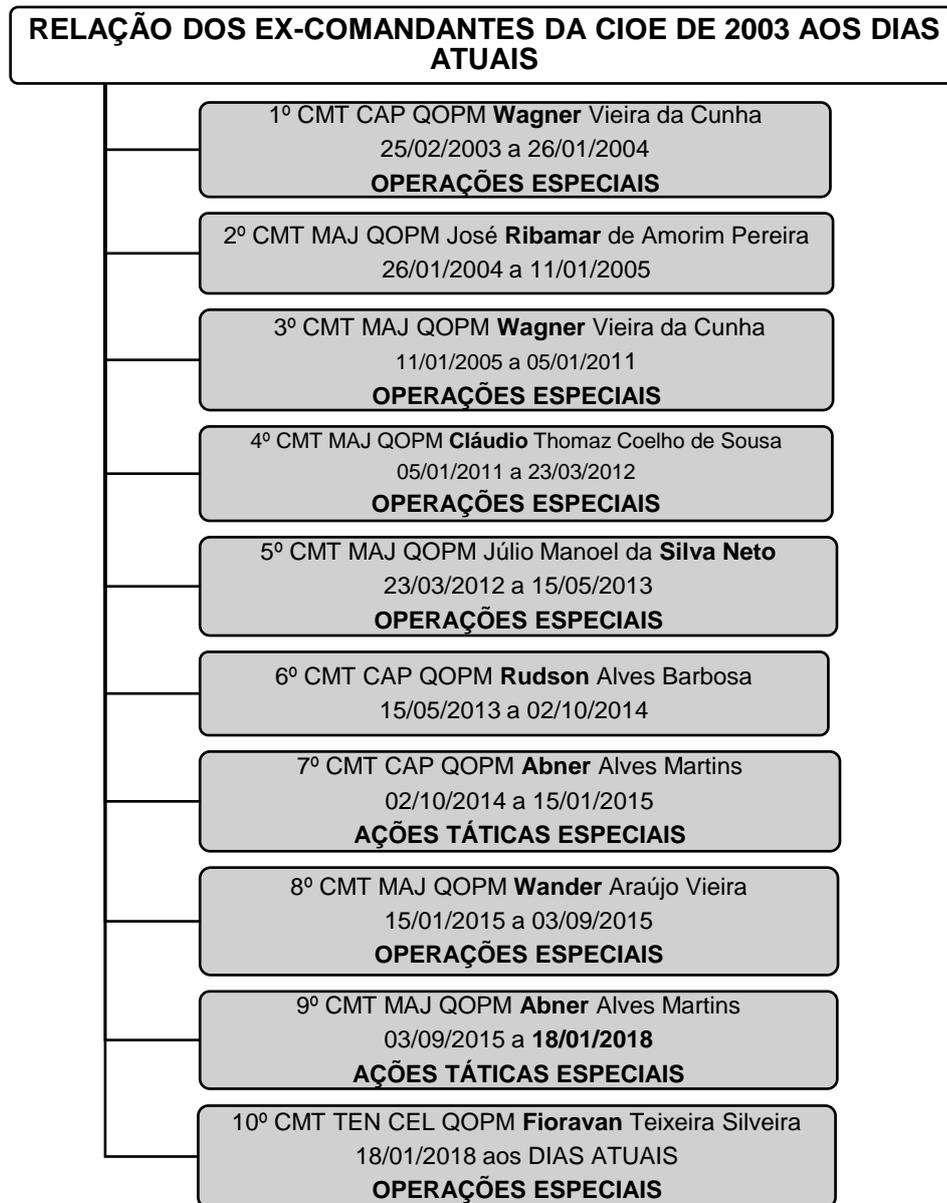
Por isso a importância de a CIOE, ser sempre comandada por operadores instituídos (legitimados), mantendo os *habitus* e o capital simbólico no campo de OE. Por conseguinte:

Este corolário mostrou o positivismo do pensamento durkheimiano e centrou sua perspectiva de análise inicialmente na “morfologia social”, ou seja, nas formas de organização da sociedade engendradas por uma “consciência coletiva” e nos fatos sociais. A partir destes últimos tornava-se capaz de prever, pela determinação de leis sociais, uma relação de causa e efeito que ao final revela a presença da sociedade em nossas vidas. A força moral da coletividade seria determinante para a manutenção do próprio estado social das coisas e dos homens. Como dito, a sociedade é-nos transcendente, existindo fora de nossas consciências individuais, mas, também, nos é imanente, estando presente de alguma forma em cada um de nós. Ao nascermos, passamos a seguir as prescrições impostas pelos diversos grupos para evitar as sanções que nos perseguem e que nos obrigam a agir. (FRANÇA, 2020 p. 41).

Destacamos, a partir da citação, que o foco está em destacar da força da coletividade, sem haver pretensão de uma análise mais aprofundada a propósito do pensamento durkheimiano.

Segue o Quadro 6 com as movimentações dos ex-comandantes e do atual comandante (2021).

Quadro 6: Organograma dos ex-comandantes



Fonte: Autor, 2020.

O organograma, demonstra a cronologia de cada oficial que comandou a CIOE, desde sua criação em 2003, até o atual comandante, o Tenente Coronel Fioravan, este permanecendo a frente do comando, agora do BOPE, pois a CIOE foi elevada a Batalhão em janeiro de 2021 (iremos comentar mais adiante sobre essa elevação a BOPE). Como dito anteriormente com exceção dos dois oficiais que comandaram essa unidade de OE, os demais oficiais possuem os cursos exigidos a integrar e comandar essa tropa de elite da PMTO.

Portanto, as distinções simbólicas entre aqueles que estão instituídos e, legitimados a comandar a CIOE, e aqueles que não estão, diferentemente de ordens

ou qualquer outra hierarquia simbólica, pois o reconhecimento e a legitimidade dos outros operadores que integram essa unidade, os quais também detêm um poder proporcional ao seu capital, pois são caveiras e cateanos, recebendo assim o reconhecimento do grupo o qual estar inserido, ou seja, confirmando a fala de Bourdieu (2003) “o capital simbólico se incorpora no capital simbólico”.

CAPÍTULO III - CULTURA E TERRITORIALIDADES (I)MATERIAIS DOS EX-INTEGRANTES E INTEGRANTES DA CIOE - PMTO

Este capítulo trata sobre os conceitos de cultura e território para uma melhor compreensão da cultura, territorialização e territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins – CIOE-PMTO, como também os novos *habitus* adquiridos e a permanência destes em seus ex-integrantes e integrantes, a partir dos referenciais teóricos do sociólogo Pierre Bourdieu, do antropólogo Clifford James Geertz e o geógrafo Claude Raffestin.

3.1 Cultura e Território

Para uma melhor compreensão sobre a cultura, territorialização e territorialidade da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins (CIOE – PMTO), é necessário entendermos a formação dos territórios por meio das relações de poder e das relações sociais que caracterizam cada ambiente resultante da territorialização de um grupo nesse espaço e de sua identidade. Portanto:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator 'territorializa' o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Ou seja, para RAFFESTIN (1993), esse espaço anterior ao território, que será territorializado por pessoas ou grupos com objetivos políticos iguais, exercendo o poder, inerente as relações sociais, consolidam esse território. No caso em tela, a CIOE foi criada em 2003, com a finalidade de ser a tropa de elite da PMTO, sediada em Palmas com dois pelotões instalados no interior, um em Gurupi, região sul do estado e outro em Araguaína, região norte.

Assim sendo, a ideia de distinção da CIOE, do restante da tropa ordinária, foi construída a partir da incorporação de novos *habitus*, e certamente, da disputa pelo poder simbólico, ou seja, “pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, [...], sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a

realidade da unidade e da identidade do grupo”. (BOURDIEU, 2003, p. 113). Nesse sentido:

Mas, mais profundamente, a procura dos critérios objetivos de identidade regional ou étnica não deve fazer esquecer que, na prática social [...], os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e de seus portadores. (BOURDIEU, 2003, p. 112).

Bourdieu, chama a atenção para a necessidade de associação dessas novas construções “identitárias” que passam também pela construção visual, no caso da CIOE, a começar pelas cores de seus uniformes, prédios, viaturas, insígnias, corpos, além da alteração dos códigos, como no vocabulário e na conduta, pois se espera que seus agentes sejam íntegros.

Os integrantes da CIOE, incorporam novas maneiras de fazer, sentir e pensar, próprias de um grupo específico. Estes, compartilham da mesma cultura as quais elaboram regras de conduta, construindo uma representação de mundo, na concepção de Bonnewit (2003). Parte desses conjuntos de normas, comportamentos, vocabulário e outros, são elaboradas ou formuladas por aqueles que são detentores de capital cultural dos quais a legitimidade é reconhecida.

Não por acaso, para integrar a CIOE é necessário ser policial militar e passar pelo rígido treinamento exigido pelos cursos de Operações Especiais e Ações Táticas Especiais, ministrados por aqueles que já possuem tais cursos e estão legitimados institucionalmente para tal; no Brasil, tem o Exército brasileiro e as Polícias Militares coirmãs.

O Curso de Operações Especiais (COEsp), além de habilitar o operador para executar qualquer missão, ou seja, todas aquelas que fujam das ocorrências convencionais, também em sua maioria, onde os quais usam um crânio transpassado por uma adaga como brevê, serão chamados/intitulados de CAVEIRAS, algo que tem um grande poder simbólico de respeito e admiração, entre os demais “cursados”, assim chamados todos aqueles que ostentam outros cursos na área operacional (especializados).

Já o Curso de Ações Táticas Especiais (CATE), qualifica o militar para exercer as Ações Táticas, como incursões, resgate de reféns e outras ocorrências não convencionais, habilitando-os também a operar nas Unidades de Operações

Especiais. A apropriação dessa cultura do grupo contribui para sua integração, assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os dos demais (BOURDIEU, 2003).

Nesse sentido, de acordo com Geertz (1989, p. 4) “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. No caso da CIOE, a cultura das Operações Especiais estão presentes nas suas simbologias, como a faca na caveira, os mandamentos das Operações Especiais, a Oração das Forças Especiais e a Doutrina das Operações Especiais, teias essas que garantem a própria condição de existência do grupo, alimentada por um processo contínuo, por meio do qual os “homens de preto” dão sentido às suas ações, conforme mostra o Quadro 7.

Quadro 7: Mandamentos e Oração de O. E.

<u>OS MANDAMENTOS DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS</u>	<u>ORAÇÃO DAS FORÇAS ESPECIAIS</u>
Agressividade controlada	“Oh Poderoso Deus!
Controle emocional	Que és o autor da liberdade e o campeão dos oprimidos,
Disciplina consciente	Escutai a nossa prece!
Espírito de corpo	Nós, os homens das Forças Especiais Reconhecemos a nossa dependência no Senhor
Flexibilidade	Na preservação da liberdade humana; Estejais conosco, quando procurarmos defender os indefesos e libertar os escravizados!
Honestidade	Possamos sempre lembrar, que nossa nação, cujo lema é:
Iniciativa	'Ordem e Progresso',
Lealdade	Espera que cumpramos com nosso dever, Por nós próprios, com honra,
Liderança	E que nunca envergonhemos a nossa fé, nossas famílias ou nossos camaradas,
Perseverança	Dai-nos sabedoria da tua mente, A coragem de teu coração,
Versatilidade	A força de teus braços e a proteção das tuas mãos.
	É pelo Senhor que nós combatemos E a ti pertence os louros por nossa vitória.
	Pois Teu é o Reino, o Poder e a Glória para sempre,
	Amém!”

Os Mandamentos e a Oração de O. E., também fazem parte do capital simbólico, os quais nascem dos ritos instituídos, que celebram as mudanças de *habitus* daqueles que concluíram com aproveitamento o COEsp ou CATE, correspondendo ao conjunto de rituais ligados à honra, a doutrina e a conduta desses operadores que integram a CIOE, pois o reconhecimento não é apenas exigências do controle social, mas também constitutivas de reconhecimento social no campo das Operações Especiais. Portanto, é a observação desses princípios basilares durante suas formações que irão nortear a conduta desses operadores após concluírem o Curso de Operações Especiais ou o Curso de Ações Táticas Especiais.

Historicamente, a primeira Unidade de Operações Especiais surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, em 1940, quando o primeiro-ministro britânico Winston Churchill criou os Comandos, depois veio a consolidação com a criação dos Comandos SAS, em 1941, por David Stirling, se tornando referência para as demais unidades de operações especiais pelo mundo.

Porém, trato aqui das especificidades da CIOE do Tocantins que na atualidade, 2021, tem uma estrutura que a diferencia das demais unidades de Operações Policiais Especiais brasileiras, pois todas as outras unidades estão sediadas na capital de seus estados. Já no Tocantins, além da sede da CIOE ficar em Palmas, capital, ela também conta com uma base avançada na cidade de Araguaína, ao norte do estado a qual foi instalada desde sua criação em 2003.

Raffestin define o conceito de território como uma produção a partir do espaço, a qual revela relações marcadas pelo poder, exercido por pessoas ou grupos. Assim, “a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade.” (RAFFESTIN, 1993, p. 158). Nesse sentido:

Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

A territorialidade do espaço realizado pela CIOE em Araguaína, não só passa pela ocupação do território do 2º BPM, mas também com a instalação do prédio da Base COE, que está pintado na cor preta, contendo suas insígnias (Brasão e

brevês dos Caveiras e dos Cateanos), sendo suas marcas simbólicas com os comportamentos e *habitus* incorporados, os quais se refletem nos membros do grupo.

Portanto, a importância dessa demarcação territorial no território do 2º BPM, para ser perceptível essa distinção da Tropa de Elite e a tropa ordinária da PMTO. Assim, essa territorialidade e esses símbolos, representam o poder simbólico existente nesse campo. Pois, “Um campo social não é fixo e é possível traçar a história de seu formato, operações e conjunto de conhecimento específicos exigidos para mantê-lo e adaptá-lo” (BOURDIEU, 2018, p. 99).

3.2 Ex-Integrantes da CIOE-PMTO

Para tratar da trajetória dos membros da CIOE foram enviados questionários estruturados aos seus ex-integrantes e integrantes, procurando ouvir as suas vozes que, decerto, foram marcadas pelos *habitus* incorporados no campo das Operações especiais, enquanto na CIOE, ou durante as suas permanências na unidade.

As questões foram elaboradas a partir das seguintes temáticas: estudar as razões para Cultura, Territorialização e Territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins – CIOE-PMTO; verificar os símbolos que constroem a distinção da CIOE no interior da PMTO; comparar as diferenças entre as formas de acesso, instrução, finalidades e de ocupação territorial, entre a tropa ordinária e os integrantes da CIOE dentro da PMTO, pensar e vivenciar a Cultura, Territorialização e Territorialidade da CIOE no território tocantinense.

Portanto, apresento os cinco ex-operadores, dos quais um é o ex-comandante da CIOE. Tenente - Coronel Abner, que fez o Curso de Ações Táticas Especiais na Polícia Militar do estado do Ceará, em 2006, (BOPE-PMCE); o Capitão Ranieri, ex-sub comandante da CIOE e cursou o COEsp em 2017, na Polícia Militar do estado de Minas Gerais (BOPE-PMMG); o Coronel Cláudio, que já foi comandante e sub comandante da CIOE, fez o primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins em 2003 (I-COEsp-PMTO 2003); o Sargento Abilde e o também Sargento Edvan, ambos fizeram o primeiro COEsp da PMTO em 2003. Conforme o Quadro 8.

Quadro 8: Curso e permanência na CIOE

POST/GRAD	NOME	CURSO/ OPM	TEMPO/CIOE	ANOS
CEL QOPM	Cláudio	COEsp-PMTO	2003-2012	9 anos
TEN CEL QOPM	Abner	CATE-PMCE	2007-2018	11 anos
CAP QOPM	Ranieri	COEsp-PMMG	2014-2019	5 anos
SGT QPPM	Abilde	COEsp-PMTO	2003-2019	16 anos
SGT QPPM	Edvan	COEsp- PMTO	2003-2019	16 anos

Fonte: Autor, 2020.

A escolha destes cinco ex-integrantes, foi com o intuito de compararmos e observarmos as diferenças e semelhanças em suas narrativas, tendo em vista que são de cursos e épocas diferentes.

Em seguida foi perguntado sobre quais seriam os símbolos utilizados pelos integrantes da CIOE para marcar a diferença em relação aos demais policiais da tropa?

O Caveira 01 respondeu:

Grande parte dos operadores utilizam brevê (patch) emborrachado de uma caveira e outros utilizam brevê correspondente ao curso de ações táticas especiais. O que diferencia também é o gorro comandos, fardamento e armamento diferenciado dos militares convencionais. (CAVEIRA 01, 2019).

Já o Caveira 47 (2019), “Caveira, o brasão, os brevês e a bandeira do Estado do Tocantins”. O Cateano 12 (2020), “Inicialmente como símbolo da CIOE cito o fardamento preto, característico desde a criação da Unidade; também o brasão da UPM, os brevês de cursos e principalmente a Caveira no brasão da unidade”.

O Caveira 35 relatou que:

Um dos símbolos mais visíveis em relação à tropa convencional, é o fardamento diferenciado, depois vem a faca, a moeda, a caveira que está em nosso brevê, e o principal que são nossos, atos, ações e comportamentos no dia a dia que nos diferencia. (CAVEIRA 35, 2019).

Ao falar dos símbolos, o Cav35 citou a moeda, aqui ele se refere a Moeda dos Caveiras do Sol. A história da moeda remete a Roma Antiga e era entregue como recompensa. Depois da Segunda Guerra Mundial, se tornou símbolo de pertencimento a uma Unidade de Operações Especiais. Moeda a qual pode ser presenteadada por estes militares como sinônimo de reconhecimento e agradecimento.

Porém, diferentemente do brevê que os alunos recebem ao concluírem o COEsp ou CATE, sendo normalmente usados em seus uniformes, a moeda é encomendada pelos integrantes do grupo, sendo algo que o operador levará consigo mesmo quando não estiver fardado ou a serviço e, como a própria história antiga de Roma narra, é uma maneira de recompensa pessoal por fazer parte de um grupo distinto que é as Operações Especiais, ou seja, quando apresentada ou presenteada por estes, simboliza o curso ou a unidade a qual pertence.

A moeda dos Caveiras do Sol, também representa o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins. O brevê é usado nos uniformes, mas a moeda, os Caveiras do Sol trazem consigo em suas carteiras. A moeda citada pelo Caveira 35 é a representada na Figura 10.

Figura 10: Moeda dos Caveiras do Sol



Fonte: Autor, 2020.

O Caveira 74 (2019) diz que: “Os símbolos utilizados pelos integrantes da CIOE são: o brevê da caveira, o gorro comando, a balaclava, a viatura na cor preta e farda preta”.

Dentre os vários símbolos citados em suas narrativas o mais marcante é o brevê, havendo unanimidade em suas respostas. É compreensivo porque quando estes deixam esse campo e retornam para tropa ordinária, por motivos como: a pedido, interesse do serviço ou por medida disciplinar, ou ainda, quando estes praticam algo que fuja da doutrina de OE. Portanto, será o brevê que irá identificar que esses agentes têm um curso que os habilitam a fazer parte da tropa de elite ou que já fizeram parte dela.

Assim, o brevê usado no uniforme quando integravam a CIOE, também pode ser usado no uniforme da tropa ordinária. Pois, esses brevês têm um significado simbólico, indo além de estar ou não na CIOE, pois simbolizam que estes homens têm um curso que os habilitam a fazerem parte da elite da tropa.

Esse poder simbólico, impõem uma força especial o qual os tornam referência, mesmo estes não fazendo mais parte da tropa de elite da PMTO, visto que o “poder simbólico é um poder de construção [...] tem o mérito de designar explicitamente a função social.” (BOURDIEU, 2003). A Figura 11 retrata melhor a força desse símbolo.

Figura 11: Brevês dos Ex-Integrantes



Fonte: Autor, 2020.

A Figura 11a é o brevê dos “caveiras do sol”, o qual é representado por três dos cinco ex-integrantes da CIOE, que responderam ao questionário estruturado. Sendo estes: SGT Abilde (Caveira 35); SGT Edvan (Caveira 47); Coronel Cláudio (Caveira 74), todos concluíram o 1º COEsp da PMTO em 2003. A Figura 11b é o brevê dos cateanos da PMCE, o qual o Tenente-Coronel Abner (Cateano 12), concluiu no ano de 2007. A Figura 11c é o brevê dos “caveiras da montanha” da PMMG o qual o Capitão Ranieri (Caveira 01), concluiu no ano de 2018.

Decerto, para os ex-integrantes da CIOE, o brevê é um dos principais instrumentos de integração e distinção social. Como ressalta Bourdieu (2003, p. 10), os símbolos “tornam” possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica”

é a condição da integração 'moral'. O brevê usado no uniforme da tropa ordinária lhes garante essa distinção.

Ainda relacionado aos símbolos que os diferenciam dos outros militares da tropa, foi perguntado o que eles acham sobre a escolha destes e o que esses símbolos representam?

O Caveira 35 respondeu que:

Não foram escolhidos aleatoriamente, todos eles têm uma história por trás, a faca a moeda a caveira, tem sido mantido através dos anos, desde a época dos primeiros comandos, quando uma unidade infiltrada conseguiu entrar em território inimigo cravando a faca no crânio em um abrigo nazista na Segunda Grande Guerra, simbolizando a morte ou fim daquele sistema opressor, a moeda que foi encontrada no bolso de um comandos que foi capturado pelo inimigo, e teve tratamento diferenciado por ser um soldado especializado, são símbolos que fazem parte de nossa história até hoje. São utilizados como símbolo de profissionalismo, dedicação, e eficiência nos lugares onde atuam. Demonstram que fazer parte de uma unidade especializada, é um estilo de vida, de total dedicação e abnegação. (CAVEIRA 35, 2019).

Aqui o caveira35, lembra uma história da Segunda Guerra Mundial quando um soldado francês foi capturado por soldados alemães, o qual só lhe deixaram "uma pequena bolsa de couro pendurada em seu pescoço, onde ele guardava uma *challenge coin*. Ao fugir e chegar em uma base aliada, só não morreu porque um militar aliado abriu a bolsa de couro e encontrou a moeda gravada com a insígnia de sua unidade, confirmando, assim, a sua identidade (TOCOIN, 2021).

Respondeu o Caveira 01 (2019), "Já vem de uma cultura antiga pregada pelo exército brasileiro, cuja Polícia Militar ainda hoje adota alguns seguimentos dele".

O Caveira 74 e o Cateano 12 responderam que:

Esses símbolos foram escolhidos, seguindo um padrão dos grupos de operações especiais de outras Unidades Federativas, adequadas a realidade da Polícia tocantinense para serem utilizados no dia a dia das atividades das ações e operações policiais especiais. (CAVEIRA 74, 2019).

A escolha dos símbolos segue uma tendência histórica nacional, em que a caveira simboliza a vitória sobre a morte, sendo cultuada e sempre lembrada como símbolo de perseverança pelos integrantes desta Unidade. (CATEANO 12, 2019).

Na maioria das narrativas observa-se a força dos símbolos, em especial, da caveira, para a construção do *habitus* do grupo. Assim, esses ex-integrantes da CIOE-PMTO, mostra-nos o efeito desse poder invisível o qual é compartilhado por todos aqueles que mesmo sem saber exercem esse poder simbólico. Assim, segundo Bourdieu (2003, p. 7) o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só

pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

Depois, foi perguntado sobre os ritos e mitos que alimentam e garantem essa diferenciação no interior da corporação da PM-TO?

Respondeu o Cateano 12 (2020), “A Unidade tem como rito a oração de Operações Especiais (OE); os mandamentos de OE e as ordens preparatórias de operações, que são voltadas especificamente para a Unidade de OE.” Aqui o Cat12, relata sobre a cultura das Operações Especiais, as quais estão presentes em suas simbologias como os mandamentos das Operações Especiais, a Oração das Forças Especiais e a Doutrina das Operações Especiais, algo vivido exclusivamente por aqueles que estão inseridos nesse campo.

Para o Caveira 01 (2019), “Doutrina que seguem, a crença e a irmandade entre os operadores que fizeram um curso diferenciado dos demais camaradas da tropa ordinária”. Já para o Caveira 47 (2019), “Os ritos é trabalhar com serenidade, e não existem mitos”. Os Caveiras 74 e 35 responderam que:

Os ritos e mitos que garantem a exclusividade do uso desses símbolos pelos integrantes das operações especiais são as normas internas, bem como ser e estar capacitados nos cursos de ações tática e operações especiais, ofertados pela PMTO ou alguma co-irmã. (CAVEIRA 74, 2019).

Os ritos, trata-se de uma unidade de difícil inclusão, pois os candidatos são submetidos a testes físicos equiparados quase a atletas profissionais, com treinamento exaustivo, o mais próximo da realidade possível, o treinamento dura de três a quatro meses aproximadamente, podendo ser aberto uma exceção em estado de necessidade podendo ter a duração de um mês ou cinco semanas, mais nem por isso deixa de ter a qualidade e eficiência necessária. Prova disso foi a morte de dois colegas nossos no COESP/PMTO 2003. SGT NONATO e SGT AGUIAR. Um durante o TAF e o outro durante o curso. Quanto aos mitos são muitos, como nossas canções durante o TFM, as letras que sempre falam de missões já realizadas, ou histórias narradas por viciados, que quando viram a equipe se aproximar, só enxergava demônios. Ou como alguns costumam dizer quando avistam a equipe chegando, lá vem a morte e destruição. (CAVEIRA 35, 2019).

A morte dos sargentos Nonato e Aguiar, ocorreram em situações distintas, o sargento Nonato passou mal e faleceu durante o teste de aptidão física (TAF), na cidade de Gurupi, ainda na parte seletiva para o COEsp, já a morte do sargento Aguiar, ocorreu nas primeiras semanas do Curso de Operações Especiais (COEsp) em Palmas. Esse último, motivou o ministério público estadual a investigar a causa do óbito do SGT e também o COEsp, pois como já foi citado, muitos alunos que saíram ou foram desligados fizeram algumas denúncias sobre o rigor do curso. Assim:

O Ten - Cel Valadares fez referência a morte do Sargento Adilson Pereira Aguiar, de 31 anos de Gurupi, durante o COEsp, o qual impactou não só a coordenação, mas os demais alunos. Porém as informações tanto por parte da Polícia Militar do Tocantins, quanto a imprensa procurou não assustar os familiares dos demais alunos que estavam fazendo o Curso de Operações Especiais, como trata a reportagem do *Jornal do Tocantins*, do dia 21 de janeiro, de 2003. Percebe-se que há um esforço, tanto do coordenador quanto da imprensa da época, em não responsabilizar os instrutores da PM-GO pela morte do sargento. Percebe-se que o próprio título da reportagem tenta minimizar a ocorrência, só anunciado o falecimento no interior da matéria. A dor, o sofrimento e a morte fazem parte de uma memória traumática. No caso, a morte poderia também representar uma marca negativa na fundação da CIOE. Porém, ela foi minimizada na reportagem talvez para não causar pânico nos familiares e amigos dos militares em treinamento. (ARAÚJO, 2017, p. 32-33).

Já no que diz respeito as canções militares, chamadas “Charlie Mike,”¹⁷ as quais os integrantes da CIOE costumam cantar durante o treinamento físico militar (TFM), serve para elevar a moral da tropa e muitas das vezes retratam as ocorrências bem-sucedidas.

O Cav35, também conta sobre as narrativas de criminosos que dizem que quando veem a viatura do COE associam “a morte e destruição”, talvez por conta da imagem da faca cravada no crânio que está no brasão nas viaturas da CIOE. Algo que muitas vezes é associado ao mal, pois para alguns, a imagem de um crânio reflete o mal. Dessa forma:

Logo, foi por conta dessa auto-identificação dos PMs do BOPE com o símbolo que eles ostentam que no ano de 2013, em um caso inédito no Brasil, o Comandante Geral da Polícia Militar do Estado da Paraíba (PMPB) causou polêmica no seio institucional ao proibir o uso do símbolo da faca na caveira pelos policiais do BOPE. A proibição foi formalizada no Boletim Interno da instituição paraibana por meio da Resolução nº 003, na qual se encontra em seu artigo 1º: “Fica proibido o uso, em fardamentos, instalações e viaturas da PMPB, de símbolos e expressões com conteúdo intimidatório ou ameaçador, tais como caveira e animais raivosos, assim como o uso de frases e jargões em músicas e jingles de treinamento que façam apologia ao crime e à violência”. Mesmo não sendo aceita pelos policiais militares do BOPE paraibano, segundo as palavras do Comandante Geral, a decisão foi tomada como resposta a um pedido da Comissão Estadual de Direitos Humanos da Paraíba. Além disso, serviu para adequar a PM paraibana à Resolução nº 8, de 20 de dezembro de 2012, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República¹³, que também destaca em seu Art. XVII o mesmo texto com a proibição encontrada na Resolução da PM paraibana. (FRANÇA, 2020, p.14-15).

¹⁷ Canções Militares, chamadas no meio militar de “Charlie Mike”, conforme Código Fonético Internacional da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), no qual o “C” é *charlie* e o “M” *mike*. Cantadas para reforçar o espírito de corpo e a coesão de um grupo.

Porém, cabe ressaltar que o crânio transpassado por uma adaga tem outros significados que vão além da “vitória sobre a morte” para os operadores das Operações Especiais, já citado anteriormente. Logo: “A famosa caveira trespassada pelo sabre de combate [...] Condensa significados de pertencimento, rusticidade, operacionalidade, coragem e perseverança” (STORANI, 2018, p. 101).

Portanto, conforme as narrativas dos ex-integrantes, são vários os ritos e mitos, ou seja, os gestos, as palavras e as atitudes relacionadas a CIOE-TO, em especial, a seleção de acesso à unidade. Além disso, sublinharam vários outros rituais como “a oração de Operações Especiais (OE); os mandamentos de OE e as ordens preparatórias de operações”; “as normas internas, bem como ser e estar capacitados nos cursos de ações táticas e operações especiais”; “canções durante o TFM, as letras que falam sempre de missões já realizadas” etc. Segundo Bourdieu (2003, p. 10), o mito é um produto coletivo que é apropriado coletivamente. Estes, servem aos “interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”.

Assim, ao nos apresentarem alguns ritos e mitos como particularidades exclusivas da CIOE-TO em determinado tempo e lugar, esses agentes ressaltam como culturalmente as distinções construídas e incorporadas (*habitus*).

Porém, as memórias presentes nas narrativas do Cav. 35 vão além dos ritos e mitos que alimentam e garantem essas diferenciações. Pois, ele cita a morte de dois sargentos, sendo que uma foi durante o teste de aptidão física (TAF) e a outra ocorrida durante o COEsp. Elas refletem a “memória traumática” não só do Cav. 35, mas em todos aqueles que participaram do 1º COEsp da PMTO. Ou seja, uma memória tão impactante que permanece viva em suas lembranças. Memória essa narrada no livro de França (2020), “Nunca Serão!”. Desse modo:

Foi o que ocorreu em 2003, quando um sargento da PM de Tocantins de 31 anos morreu devido a um traumatismo craniano durante treinamento de operações especiais. Enquanto a PM de Tocantins divulgou em nota oficial à imprensa que o sargento reclamou de fortes dores de cabeça durante o treinamento, o promotor de Justiça responsável pela denúncia do caso revelou que outros participantes do curso denunciaram anonimamente, por medo de represálias, que o teste de resistência do treinamento era receber socos e, assim aconteceu com o sargento, que recebeu pancadas na cabeça por um minuto. (FRANÇA, 2020, p. 140).

Todos os voluntários assumem os riscos que possam ocorrer durante esses cursos (COEsp e CATE), pois são riscos inerentes a formação que acompanha o treinamento das Operações Especiais. Portanto:

Nesse caso, se são voluntários, sabem o que encontrarão no curso, [...], chegando até mesmo à situação-limite de perda da vida. Mas, envolvidos pela ideologia simbólica do curso, os alunos aceitam participar do jogo com seus riscos, pois querem a obtenção do prêmio final: portar o emblema da caveira ou assim ser reconhecido. (FRANÇA, 2020, p. 143).

Em sequência foi perguntado quais seriam as normas e valores que alimentam e garantem as diferenciações no interior da corporação militar?

O Caveira 47 (2019), “O Comando de Operações Especiais, COE, é responsável pelas missões de alta complexidade”.

O Cateano 12 respondeu que:

O militar para operar na CIOE deve ser caveira ou Cateano e para tanto deve ser submetido a rigorosos cursos. Essa capacitação alinhada ao espírito de guerreiro nato, dentre outros aspectos subjetivos, garantem e alimentam a diferenciação em relação aos demais. (CATEANO 12, 2020).

O Cateano 12, fala que para os futuros candidatos fazerem parte da CIOE, terão que primeiro passar pelas rigorosidades exigidas nos cursos de Operações Especiais (COEsp) ou de Ações Táticas Especiais (CATE), para isso, terão que ser resilientes para conseguir tal feito, pois muitos terão que tentar quantas vezes for preciso, caso não conseguirem concluir na primeira tentativa.

Para o Caveira 01 (2019), “Os mandamentos de Operações Especiais”. O Caveira 35 respondeu que:

Nossas normas e valores, se baseiam em três pilares que são treinar, operar e instruir, cada vez mais a tropa de operações especiais, vem sendo cobrada e tem se qualificado mais para atender a essa demanda e desempenhar suas funções com êxito. Fazer treinamento físico para manter seu corpo sempre em condições para desempenhar suas funções, e fazer treinamento tático para que quando sua mente pensar seu corpo realizar com sucesso aquilo que foi treinado, que é o que chamamos de memória muscular, que também cabe ressaltar que estar dentro de nossos valores. Assim como Deus, família, amigos. (CAVEIRA 35,2019).

O Caveira 74 (2019), “As normas e valores advém da própria doutrina das Operações Especiais, bem como os princípios e valores morais cultuados por forte pensamento conservador”.

Aqui o Caveira 74, lembra que esses valores que os homens de Operações especiais têm, são reflexos do cumprimento da doutrina e dos princípios responsáveis pela construção cultural destes operadores, como, por exemplo, os mandamentos de OE. e da Oração das Forças Especiais.

Segundo Bourdieu (2003, p. 9), “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende estabelecer uma ordem”. Assim, fica nítida a distinção do poder simbólico entre esses homens e os demais da tropa. Quando narraram que seguem normas e valores baseados em mandamentos e doutrina específica das operações especiais que são o respeito a oração das Forças Especiais, a faca na Caveira, o uniforme e o brasão da Unidade a qual pertencem. E seguirem uma tríade que é Treinar, Operar, Instruir. Pois, estes homens, além de treinarem para obterem uma resposta positiva quando estão operando, também são responsáveis em instruir a tropa ordinária e as demais especializadas da instituição.

Em seguida foi perguntado sobre as percepções e diferenciações vistas pelos ex-integrantes da CIOE em relação às unidades que atuam nas diferentes cidades tocantinenses?

O Caveira 35 respondeu:

Sim, cada unidade tem sua peculiaridade, Palmas por estar no meio do oficialato é a que mais apresenta diferenças dentre as outras, Araguaína também tem seu jeito próprio de atuar, pois na maioria do tempo de existência teve um oficial a frente comandando, já no extinto Pelotão de Gurupi/TO, após uma ação da unidade onde o comandante teve sua residência furtada, e alguns indivíduos foram detidos, para averiguação, o que resultou em um processo na justiça, com transferências e prisões de integrantes do COE, na maioria de seu tempo de existência não teve um oficial a frente comandando, o que simplificou e muito no seu modo de agir, e de cumprir as missões dadas. O pelotão de Gurupi sempre teve em meio a grandes acontecimentos, como no caso em que seus integrantes foram presos acusados de promover uma chacina de vários indivíduos com passagens por diversos crimes. E agora mais recentemente um de nossos integrantes foi morto covardemente, por uma guarnição da Polícia Civil, onde um delegado, um escrivão e dois agentes sendo um deles mulher, atirou nas costas de nosso irmão Gustavo. Que também acusaram de dois homicídios duas tentativas na mesma noite. Dentre várias outras mortes que vinham acontecendo. Então os fatos mostram a grande diferença existente entre cada unidade. (CAVEIRA 35, 2019).

O Caveira 35, lembra que Palmas tem uma “peculiaridade” distinta das demais, pois além de lá estar o Quartel do Comando Geral (QCG) e ter mais oficiais, difere das demais unidades. Depois cita que a Base Araguaína, sempre teve a presença de um oficial à frente dos demais operadores, diferentemente da Base

Gurupi, que no primeiro momento até teve um oficial a frente, mas depois, devido alguns imprevistos, só ficaram praças. E talvez por isso tenha ocorrido algumas situações desgastantes e até mesmo a morte de um de seus integrantes.

O Caveira 74 (2019), respondeu a essa pergunta afirmando que “Sim”.

Já o Cateano 12 respondeu que:

Cada Unidade tem sua característica peculiar, seja pelos militares que a compõe, seja pelo público que atende. No caso da CIOE, embora descentralizada, apresenta coesão nos treinamentos e postura operacional, mesmo sendo difícil, às vezes, manter a uniformidade nos treinamentos diários. (CATEANO 12, 2020).

O Caveira 47 (2019), “A diferença em relação as outras unidades são os treinamentos que são diferentes para cada uma delas”. O Caveira 01 (2019), respondeu “Sim”.

As respostas demonstram peculiaridades no que tange as demais unidades, porém, o Cateano 12 e o Caveira 35, abordam mais a respeito das Bases Avançadas da CIOE, no caso da extinta Base de Gurupi e a Base Avançada de Araguaína. O Ten Cel Abner fala da dificuldade de manter a uniformidade nos treinamentos embora haja coesão nos procedimentos; já o Caveira 35 conta das acusações que alguns integrantes da extinta Base Avançada de Gurupi passaram, nos revelando memórias traumáticas ao narrar a morte do sargento Gustavo (AT 33) que integrava a CIOE, que segundo ele foi covardemente assassinado por policiais civis, provavelmente causando um mal está entre ambas instituições.

Seguindo com a diferenciação, agora no que diz respeito os demais estados da federação e a CIOE-PMTO. Assim, foi perguntado qual diferença ou semelhança entre a CIOE e as demais forças de operações especiais?

O Caveira 01 (2019), “Geralmente todas as unidades de Operações Especiais seguem a mesma doutrina, ou seja, tem praticamente os mesmos hábitos”.

Já o Cateano 12 (2020), “A descentralização dos Pelotões é um dos principais diferenciais”. O Cateano 12, mostra a descentralização das Bases Avançadas como algo que diferencia a CIOE das demais forças de Operações Especiais brasileiras. Ele se refere as Bases Avançadas de Araguaína e a extinta Base de Gurupi.

O Caveira 35 respondeu que:

Somos uma polícia jovem, a nossa unidade operacional é mais jovem ainda vai fazer 17, 18 anos, quando se iniciou não sabíamos direito o que significava Operações Especiais, acho que o único diferencial eram as Bases Avançadas, distribuídas no Estado, Norte, Sul, e Centro, além do nosso efetivo que está muito reduzido. Nenhum outro estado conseguiu implantar bases avançadas de operações especiais, estávamos servindo de modelo, muitas outras forças estavam copiando nosso sistema de operar, mais com dificuldade de implantar pois até hoje não conseguiram. Mais infelizmente até nós estamos retrocedendo e centralizando em uma única unidade. (CAVEIRA 35, 2019).

O Caveira 35, também fala que o que diferencia a CIOE das demais operações especiais do Brasil, são as Bases Avançadas, distribuídas nas regiões norte, sul e centro do estado, assim tendo uma maior rapidez no atendimento das ocorrências e que essa diferenciação estava servindo de modelo para outras unidades de operações especiais, a exemplo da então CIOE, hoje BOPE da Polícia Militar do Pará – PMPA, sediado na capital Belém. Buscou informações de como a então CIOE-PMTO, hoje também elevada a BOPE gerenciavam as suas Bases Avançadas.

Pois, sendo o segundo maior estado do país em extensão territorial, com uma área de 1.245.870,798 km² segundo o IBGE, a Polícia Militar do Pará, demonstrou interesse em avançar duas bases de sua unidade de OE, para as cidades de Marabá e Conceição do Araguaia, e assim, reduzir o tempo de resposta às ações criminosas nessas regiões.

Mas devido à redução do efetivo por vários motivos como: demora na realização de concursos para PMTO, mortes, aposentadoria e outros, a Base Avançada de Gurupi foi extinta, o que na opinião do caveira 35 é um retrocesso.

O Caveira 47 (2019), “As diferenças são apenas estruturais”. Para o Caveira 74 é:

O principal diferencial entre a CIOE e as forças semelhantes de outras Unidades Federativas, é a Unidade de Comando, isto é, a condição de estar o grupo reunido em uma única localidade (cidade ou região). Como diferencial tocantinense indicaríamos a abnegação e o profissionalismo dos operadores das Missões Especiais. (CAVEIRA 74, 2019).

Observamos que ao responderem essa questão, os ex-integrantes nos mostraram que o diferencial no que diz respeito a CIOE e as demais unidades de operações especiais do Brasil, está na parte estrutural, pois esta conta com uma Base Avançada nas instalações do 2º BPM na cidade de Araguaína. Caracterizando assim, algo exclusivo e cultural da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins.

Em seguida foi perguntado quais seriam os cursos, critérios e exigências que os policiais precisam fazer para integrarem a CIOE?

O Cateano 12 (2020), “Os dois cursos que habilitam o militar a pertencer à CIOE são o Curso de Operações Especiais (Coesp) e o Curso de Ações Táticas Especiais (CATE)”.

O Caveira 01 respondeu que:

Curso de Operações Especiais, Curso de Ações Táticas Especiais para o trabalho operacional, devido o efetivo estar muito escasso, abre-se uma exceção para militares que tem o perfil conforme os mandamentos de OE, observados por operadores já formados em OE até que esse militar tenha oportunidade de fazer o curso de OE em alguma unidade federativa do país. (CAVEIRA 01, 2019).

O Caveira 01, fala que os critérios e exigências para integrar a CIOE são os cursos de Operações Especiais – COEsp ou de Ações Táticas Especiais – CATE, porém, devido à escassez do efetivo que a CIOE se encontra, estes abrem uma “exceção”, procurando na tropa ordinária, militares com perfil que possam se adequar as Operações Especiais, assim, esses “estagiários” fazem o estágio de aplicações táticas (EAT) oferecido pela própria CIOE, depois em um momento oportuno, estes estagiários irão fazer o COEsp ou o CATE, para aí sim, estarem legitimados a fazerem parte agora de fato da CIOE.

O Caveira 74 (2019), “Os cursos são: Ações Táticas Especiais e Curso de Operações Especiais. Os critérios são ter bom comportamento e não está respondendo procedimento criminal e nem administrativo por indisciplina”. O Caveira 47 (2019), “Curso de Operações Especiais (COESP), Curso de Ações Táticas Especiais (CATE)”. O Caveira 35 respondeu que:

Para fazer parte da CIOE tem que ter o COESP ou o CATE, tem que cumprir todas as etapas do curso, teste físico, psicológico, exames de saúde, e concluir o curso de formação, para ingressar no curso requisitos ter no mínimo 05 anos de polícia, ou seja de serviço de rua RP, e ser uma pessoa idônea, cumpridora de seus deveres e obrigações dentro e fora da corporação. (CAVEIRA 35, 2019).

O Caveira 35, fala do COEsp e do CATE como critérios para integrar a CIOE, e de alguns requisitos para fazer um desses cursos, como ter um caráter ilibado e está na Polícia há no mínimo cinco anos. Cabe aqui uma ressalva, pois dependendo da necessidade esse tempo pode ser reduzido.

Observamos que os critérios para fazer parte desta unidade de OE, são os Cursos de Operações Especiais (COEsp) ou de Ações Táticas Especiais (CATE). Porém, às vezes abrem exceção caso ocorra a escassez do efetivo por motivos de morte ou mesmo a ida de alguns operadores para a reserva remunerada (RR).

Sendo, que os operadores observam alguns militares na tropa ordinária, que tenham o perfil, convidam-nos a vir na condição de estagiários, e estes militares passarão por um Estágio de Aplicações Táticas (EAT) administrados pelos próprios integrantes da CIOE, para operarem por um certo período até surgir a oportunidade de esses estagiários fazerem os cursos que os habilitam a permanecer na CIOE.

Foi perguntado se existem rituais para saída ou desligamento destes da CIOE?

O Caveira 35 e o Cateano 12 responderam que:

Não, no caso de saída não existe ritual, muitas das vezes, a pessoa que está saindo, recebe o comunicado, via telefone ou internet, muitas das vezes o comando não se incomoda em fazer despedidas, não que eu tenha presenciado. (CAVEIRA 35, 2019).

A saída da companhia é mais simples, pode ser a pedido ou por interesse do serviço. Há também a possibilidade de desligamento do militar em razão de conduta incompatível com o perfil desejado para a Unidade. (CATEANO 12, 2020).

O Cateano 12 relata de que para sair da CIOE não tem um ritual específico, porém, fala que essa saída pode ser a pedido do próprio operador, quando este tem motivos pessoais que justifiquem sua saída, ou quando este agente desonre os princípios exigidos da conduta de um OE.

O Caveira 01 (2019), “Sim. Quando o militar já não possui mais interesse, quando desvirtua os mandamentos de OE” O Caveira 74 respondeu que:

A permanência na CIOE é baseada num princípio fundamental, o VOLUNTARIADO. Não existe ritual para a saída voluntária, mas quanto ao desligamento, este poderá ser feito mediante procedimento administrativo, se comprovada a conduta criminosa ou disciplinar do militar. (CAVEIRA 74, 2019).

Não existe um ritual de saída segundo as respostas dos ex-integrantes da CIOE. Mas no que diz respeito ao desligamento, este pode ocorrer quando comprovado por procedimentos administrativos que os militares agiram com a conduta incompatível, ou seja, criminosa ou disciplinar.

Na sequência foi perguntado a esses ex-integrantes, quais seriam as vantagens e as desvantagens de fazer parte da CIOE?

Para o Caveira 47 (2019), “Vantagens: são os verdadeiros amigos. Desvantagens: a falta de incentivo para cumprir as missões”. O Caveira 47, relatou a vantagem de ter ou fazer amigos verdadeiros neste grupo, porém, reclama da falta de incentivos, provavelmente de equipamentos e acessórios adequados para que esses operadores da CIOE cumpram as suas missões.

O Caveira 35 respondeu:

Vantagens, somente suas realizações pessoais, em superar os desafios pelos quais você já passou. Desvantagens, falta de reconhecimento profissional (falta de uma gratificação por integrar uma tropa especializada, diárias que você não recebe quando viaja a serviço, os gastos que você tem para comprar seu próprio material, a distância da família, falta de um advogado pago pelo estado para defender o operador, que está a serviço do estado, sem falar nos problemas de saúde, que vai acometer o operador no final de sua carreira, ou antes, surdez, problemas de coluna e outras mazelas). (CAVEIRA 35, 2019).

O Caveira 35, fala de vantagens e realizações pessoais, sendo que uma delas provavelmente é a conclusão do COEsp, pois poucos tem a honra de ser ‘caveira’ em vida. Porém, nos revela várias desvantagens, como a falta de gratificações aos integrantes da CIOE, da dificuldade de receber diárias quando viajam a serviço, de arcar com acessórios como coletes e outros, da necessidade de um advogado pago pelo estado, caso esses operadores precisem. Destaca, também, possíveis patologias que os policiais podem adquirir ao longo da carreira. Dessa forma:

A necessidade de organização e reivindicação por tratamento digno e adequação das estruturas em que atuavam permitiram a evolução das relações. Dessa forma, as organizações passaram de uma relação exploradora parasitária para um estado de convivência simbiote, em que todos são beneficiados, chegando, assim, progressivamente, ao ponto onde nos encontramos hoje. Modelos dessa relação surgem e são ultrapassados por outros, mas, em cada época, foram responsáveis por inspirar pessoas e instituições para a continuidade da evolução da sociedade. [...] A constante ampliação da noção de cidadania, pela permanente e incansável busca da diminuição das desigualdades sociais e pela compreensão de que somos todos portadores de direitos e deveres, gerou a maior participação das pessoas nos processos de decisões públicas e se tornou determinante para o surgimento de sociedade mais justas e democráticas. (STORANI, 2018, p. 67).

Ficam bem aparentes na fala do Cav. 35, as reivindicações diante das desvantagens presentes na CIOE, para haver reparações nessas desigualdades e

assim, os operadores da CIOE possam ter igualdade social no que tange aos seus direitos.

Em outros relatos os Caveiras 74, 01 e o Cateano 12 responderam que:

A vantagem é de estar operando com os melhores armamentos e está sendo capacitado constantemente. A desvantagem é a dedicação integral e exclusiva nas diversas missões, com pouco tempo para a vida social e familiar. (CAVEIRA 74, 2019).

A vantagem eu poderia citar muitas, mas vou resumir. Trabalhar na CIOE é vantajoso, pois possui um ritual diferenciado começando pelas atividades fins, quem gosta de operar com pessoas com compromisso, que seja fiel ao companheiro, fora da atividade militar também há uma amizade e camaradagem. Não vejo algo desvantajoso em estar em um local que se goste de trabalhar. (CAVEIRA 01, 2019).

Servir na CIOE é muito gratificante e tem como principal vantagem a oportunidade de atuar em ações de recobrimento e missões especiais que necessitam de efetivo qualificado em resolução de crises. A desvantagem é ter que estar em prontidão diuturnamente, mas isso é perfeitamente administrável. (CATEANO 12, 2020).

Em suas narrativas ficam aparentes as várias vantagens em terem operado na CIOE, como terem amigos verdadeiros e qualificados para o cumprimento das diversas missões especiais. Porém, as desvantagens também são muitas, nos chamando a atenção para suas falas, quando narram que pelo fato de estarem sempre em prontidão e terem uma dedicação integral e exclusiva nas missões, restam pouco tempo para a vida social e familiar.

Também relatam a falta de reconhecimento profissional, considerando que os policiais não recebem nada a mais por operarem na CIOE, ou seja, não existe uma gratificação, tendo muitas vezes que comprar o próprio material de trabalho, como capas de coletes táticos adequadas (modular), coturnos mais leves e uniformes mais resistentes e vários outros acessórios. Os acessórios pagos pela PMTO, muitas vezes não são adequados para as Operações Especiais.

Apesar de citarem algumas desvantagens, jamais esses homens deixaram de cumprir suas missões. Pois, “[...] abandonamos a condição de trabalhadores e assumimos a de ‘missionários’. [...] protagonistas que se dedicam a aplicar os preceitos da moral objetiva que professam, que se tornam referência pelo nível de dedicação.” (STORANI, 2018, p.76).

Após, foi perguntado quais as dificuldades enfrentadas por estes quando ingressaram ou fizeram parte da CIOE, e se houve algum estranhamento por parte

dos policiais da tropa ordinária, no que tange as cores de seus uniformes, armamentos e concepções diferentes?

O Cateano 12 respondeu que:

A principal dificuldade é o fato de grande parte dos militares de alta patente não conhecer a real atividade da Companhia, o que muitas vezes, causou um desalinhamento de entendimento quanto ao emprego do efetivo de Operações Especiais. (CATEANO 12, 2020).

Aqui o Cateano 12, nos relata a falta de conhecimento entre os “militares de alta patente”, os quais não conhecem ou não procuram reconhecer a real missão dos homens de OE, provavelmente empregando esses operadores da tropa de Elite em missões que fogem da atuação fim da CIOE. Portanto:

Hoje, de acordo com a definição da Otan [...] as operações especiais são atividades militares conduzidas por forças especiais designadas, organizadas, treinadas e equipadas, que utilizam técnicas operacionais e modos de ação não habituais para as forças convencionais. (DENÉCÉ, 2009, p. 234).

Já o Caveira 01 relatou que:

Uma das maiores dificuldades é o próprio curso para ingressar na CIOE. Passei a ser incluído na CIOE, especificamente no mundo de OE somente após o curso, o que foi um fator positivo, pois não houve nenhum empecilho ou estranhamento por parte de quem já trabalhava na CIOE. (CAVEIRA 01, 2019).

Para o Caveira 74 é:

As dificuldades enfrentadas foram a desconfiança constante de superiores e subordinados quanto a necessidade de se manter uma tropa aquartelada, à espera de uma missão, que poderia nunca ocorrer. Sim. Houve estranhamento. (CAVEIRA 74, 2019).

O Caveira 74, fala do estranhamento ocorrido no início das Operações Especiais na PMTO por parte da tropa ordinária, pois uma das rotinas destes operadores, quando não estão em atividade é ficar treinando, fazendo manutenção dos armamentos, estudando novas técnicas ou simplesmente descansando no alojamento, para quando forem acionados, cumprirem a missão com êxito, considerando que dependendo da missão, esses homens chegam a passar de 10, 20 ou mais dias operando. Assim:

[...] deve-se entender por operações especiais o conjunto das ações que um efetivo reduzido, engajado secretamente por um período que pode chegar a

muitas semanas, é levado a realizar para obter resultados estratégicos decisivos em contexto hostil. (DENÉCÉ, 2009, p. 234).

Ou seja, muitas das missões destes operadores, inicia-se na zona urbana e acabam na zona de matas (zona rural), ficando a equipe empregada por muitos dias até o cumprimento da missão.

O Caveira 35 respondeu que:

Sim as dificuldades são inúmeras no decorrer de sua carreira como operador, a própria tropa, faz comentários maldosos, ou até mesmo rejeição. Mas isso só acontece até o momento em que eles necessitam de ajuda no terreno. Mas sempre tem aqueles que desmerece, ou por despeito ou por não ter conseguido fazer parte daquela tropa. (CAVEIRA 35, 2019).

Já o Caveira 47 (2019), “Não houve dificuldade nenhuma enfrentada por mim. Fomos bem aceitos e muitas vezes aplaudidos por muitos”.

As respostas dos ex-operadores no que diz respeito a aceitação por parte dos outros, daqueles que não foram “instituídos” (BOURDIEU, 2008) a fazerem parte da CIOE, ocorreu também como estranhamento e a não aceitação por parte de alguns militares da tropa convencional. Gerando assim a falta de compreensão por parte de alguns superiores da tropa, atribuindo serviços ou missões não específicas das Operações Especiais, e sim, da tropa ordinária.

Fica aparente nas palavras do Cateano 12, quando diz: “causou um desalinhamento de entendimento quanto ao emprego do efetivo de Operações Especiais”. E, também nas palavras do Caveira 74, quando disse: “As dificuldades enfrentadas foram a desconfiança constante de superiores e subordinados quanto a necessidade de se manter uma tropa aquartelada”. Deixando transparecer a dificuldade de aceitar ou entender a missão fim da CIOE, como dito anteriormente, muitas vezes por ignorância ou mesmo ciúmes daqueles que se submeteram a fazer os cursos que os habilitaram a operar nas Operações Especiais.

Em seguida foi perguntado qual a diferença entre os policiais de Operações Especiais da CIOE em relação aos outros militares?

O Cateano 12 (2020), “Disciplina e motivação para treinamento e operações constantes”.

Já para o Caveira 74 (2019), “A diferença básica está no treinamento que esse policial especial recebe e na forma e tipo de ocorrência que ele atende”.

O Caveira 01 (2019), “Treinamento e atuação com técnica e tática específica que só sabe quem faz o curso”. Os Caveiras 47 e 35 relataram que:

O policial da CIOE, além do treinamento básico que todo policial militar recebe, especializa-se em técnicas específicas de sobrevivência e combate, armado ou desarmado, aprimora suas aptidões físicas e aprofunda sua perícia para atuar em áreas de alta periculosidade. (CAVEIRA 47, 2019).

A principal diferença é a disciplina consciente, é claro que tem o equipamento, o fardamento diferenciado, as técnicas e estratégias de combate, o treinamento diferenciado, mais nada disso serviria de nada se o homem não fosse disciplinado. (CAVEIRA 35, 2019).

Destaca-se nas narrativas dos ex-integrantes da CIOE, que o que vai diferenciar estes homens da Companhia Independente de Operações Especiais e os demais da tropa convencional é o treinamento, equipamento, as técnicas e táticas específicas, além da disposição para treinar e a disciplina que os homens de Operações Especiais têm.

Ou seja, “Na cultura das operações especiais, o termo ‘operacionalidade’ não se limita ao entendimento de uma qualidade relacionada à capacidade de agir dentro de um padrão previamente estabelecido de forma segura, eficiente e eficaz” (DENÉCÉ, 2009, p. 94).

Em seguida foi perguntado como eles lidam com essas diferenças no cotidiano, enquanto policiais militares no Tocantins?

O Cateano 12 (2020), “Naturalmente, sem problemas”. A resposta do Caveira 01 (2019), “Normalmente, pois o militar formado em OE tem um condicionamento mental, físico e psicológico preparado para enfrentar essas diferenças, a questão da adaptabilidade também é fácil de ser incorporada pelo militar formado em OE”.

O Caveira 35 destacou que:

Nunca fez diferença na minha forma de agir, ou de me comportar. Levo na esportiva, quando estou fazendo meu TFM, que se ouve que não vamos ganhar mais por estar correndo, ou quando estamos treinando de baixo do sol do meio dia, fazendo uma caminhada ou mesmo um treino tático. Sabemos que temos que estar preparados pra as adversidades que por ventura vierem a surgir, não é pelo dinheiro é por nós mesmos, e pela função que estamos ali para desempenhar. (CAVEIRA 35, 2019).

Já o Caveira 47 (2019), “Não somos melhores que ninguém, somos apenas diferentes”.

Quando o Caveira 47 fala que eles não são “melhores do que ninguém”, ele está se referindo aqueles que por não conhecerem e nem procuram conhecer a doutrina dos homens de Operações Especiais, os julgam melhores do que os outros militares, pois esses homens têm a postura distinta dos demais da tropa, o que justifica a sua fala quando diz que eles são “apenas diferentes”.

Para o Caveira 74 (2019), “Lidamos de forma bastante profissional e com bastante humildade para ensinar e aprender com os demais policiais militares”.

Portanto, o discurso dos ex-integrantes é bem uniforme no que diz respeito as respostas a essa questão, pois esses homens demonstram que ao formarem em seus respectivos cursos, seja o COEsp ou o CATE, saem psicologicamente preparados para também enfrentar essas diferenças com bastante profissionalismo.

Foi perguntado se pelo fato de serem policiais militares eles sofrem algum tipo de preconceito?

O Caveira 47 (2019), “Não diria, da sociedade tocantinense como um todo, mas em parte. Os preconceituosos são os que menos precisam do serviço policial”.

O Caveira 35 respondeu:

Não acho que preconceito não, mas quando você chega em um ambiente todos te olham diferente, ou cochicham uns com os outros, mas deve ser pelo papel que você desempenha profissionalmente dentro da sociedade. Acho que é mais admiração. (CAVEIRA 35,2019).

Já o Caveira 74 (2019), “Em data pretérita já sofremos preconceitos, hoje não mais é observado por mim”.

Em resposta a questão o Caveira 01 (2019), “Nunca presenciei”. Já o Cateano 12 (2020), “às vezes sim. Ainda existem algumas pessoas que não simpatizam com nossa profissão, visto que, naturalmente, há muitos marginais na sociedade”.

Ao responderem a essa questão, eles deixam transparecer certa cautela em suas respostas, com exceção do Cateano 12, que disse: “Às vezes sim. Ainda existem algumas pessoas que não simpatizam com nossa profissão”. Ao falar isso, o Ações Táticas 12 demonstra haver sempre preconceitos por parte de algumas pessoas ou mesmo uma falta de reconhecimento no que diz respeito a profissão Policial Militar, adjetivos esses, provavelmente por resquícios do período do governo militar (1964-1985), ou mesmo, reflexo de uma época que para ser policial militar não

era necessário ter um grau de instrução como é exigido na atualidade, em (2021), ou ainda, não ser uma profissão que tenha uma remuneração digna pelo que fazem.

Lembrando, que esse é um dos motivos que nos levaram a pesquisar sobre a cultura, territorialização e territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins – CIOE-PMTO, e também, desconstruir este preconceito, falta de empatia ou mesmo falta de reconhecimento para com esses homens e mulheres de farda da Polícia Militar, algo as vezes tão explícito na sociedade brasileira.

Ainda baseado nesta desconstrução de preconceitos para com a Polícia Militar. Foi perguntado qual a impressão ou percepção em relação ao senso comum de que vocês só chegam para “matar”, por terem como símbolo uma caveira?

O Cateano 12 e os Caveiras 01, 74 responderam que:

Esse rótulo decorre das ações exitosas em legítima defesa, em que a nossa tropa, para cumprir a missão e se defender da injusta agressão, lança de força necessária, e em razão do nosso constante treinamento, geralmente, conseguimos suplantar o agressor sem que haja militar ferido. (CATEANO 12, 2020).

Que quem fala isso é quem não conhece o tipo de trabalho desempenhado pelos “caveiras”, pouco se sabe a respeito do emprego dos OE, fazemos serviço desde os mais simples aos mais complexos dentro da nossa esfera de competência. (CAVEIRA 01, 2019).

Para mim esta cultura de que chegamos para matar, é parte da doutrinação ideológica do marxismo cultural, que hoje está impregnado nas formações acadêmicas, principalmente na área de humanas, responsável pela formação e produção dos profissionais que militam na grande mídia, formando opinião e distorcendo fatos para controle e manipulação das massas para um objetivo de dominação e controle social, que atendam aos interesses de um governo ou um grupo de empresas ou/e pessoas. Contudo, não recepciono para mim este tipo de “observação”, por estar usando um símbolo de uma caveira ostentado na farda. (CAVEIRA 74, 2019).

Aqui o Caveira 74, diz serem visões distorcidas de alguns que falam que os homens de preto só chegam para matar que segundo ele, são visões baseadas em certas ideologias e que a culpa de alguns pensarem assim, é em sua maioria os graduados em humanas os quais têm a capacidade conjuntamente com a mídia de formar opiniões. Provavelmente o discurso do Cav 74, esteja relacionado ao que França (2020) relata:

[...] um professor universitário foi palestrar para o Curso de Formação de Soldados, na cidade de Campina Grande. Em meio à sua fala o professor suscitou reflexões acerca da relação entre o serviço de atendimento da Polícia Militar à sociedade e a recepção desta última a esse serviço. ‘A partir do momento que alguém vem me atender com uma faca na caveira

estampada na viatura, isto é uma afronta! Como posso pagar (com os tributos) uma coisa que me oprime? Como o Estado tem algo que me reprime? Como recepcionar o serviço da PM?'. Em outra situação, no Estado de Sergipe, uma professora fez uma denúncia no Ministério Público Estadual mostrando-se indignada porque o Comando de Operações Especiais (COE), digamos que o BOPE sergipano, pintou o símbolo da faca na caveira no muro da sede da tropa especial. (FRANÇA, 2020, p. 16).

O Caveira 35 relatou que:

Eu costumo dizer que no mundo em que vivemos somos um mal necessário, vivemos em uma sociedade violenta onde a vida perdeu seu valor, então o que seria das pessoas de bem e pacíficas se não existissem homens como nós. Quando matamos é pra salvar outras vidas, quanto ao nosso símbolo a caveira, no decorrer da história ela tem vários significados, como o da inteligência para alguns povos, devido o cérebro ficar ali, ou de aviso de morte, caso você ignore o aviso. As pessoas de bem até concordam que tem que existir uma força assim para equilibrar a balança. (CAVEIRA 35, 2019).

Já o Caveira 47 (2019), “Essas pessoas não conhecem nem um pouco da história das operações especiais e do símbolo da CAVEIRA”.

As respostas a essa questão foram bem distintas, como: ideologia, rotulação das ações da CIOE que muitas das vezes tem que ‘neutralizar’ a injusta agressão praticadas por perpetradores, a ignorância de alguns por não conhecerem a história por trás da caveira o qual tem como protagonista a ação de um Comando SAS britânico que ao final da 2ª Guerra Mundial cravou a sua adaga (faca) em um crânio, simbolizando assim a vitória da vida (dos aliados) sobre a morte (os nazistas), ação vitoriosa ocorrida em um campo de concentração na Alemanha nazista no final da Segunda Grande Guerra. Ou seja, “Vitória sobre a Morte”, sendo esse, o significado que os integrantes das Operações Especiais acreditam.

Em seguida foi perguntado sobre as suas experiências, no que tange as ocorrências que mais os marcaram durante a permanência na CIOE?

O Caveira 74 respondeu que:

A experiência mais marcante na CIOE foi a rebelião no presídio barra da gruta, no ano de 2009, na cidade de Araguaína - TO, onde fizemos a retomada do estabelecimento prisional e resgatamos com vida os seis reféns que estavam sob o domínio dos presos rebelados. (CAVEIRA 74, 2019).

A resposta do Cateano 12 (2020), “Todas foram especiais. Só fiz o que devia ter sido feito”. Em outros relatos os Caveiras 01 e 35 responderam que:

Cada ocorrência, cada experiência é um dia especial para quem opera na Companhia Independente de Operações Especiais, mas presenciar o nascimento de um caveira é muito marcante, nos remete ao passado em

saber o que passamos e o quanto foi “valoroso” chegar onde chegamos. (CAVEIRA 01, 2019).

A ocorrência mais marcante foi um roubo ao Banco do Brasil em Taguatinga/TO, onde civis foram alvejados e os assaltantes na fuga foram obrigados a entrar no mato. Porquê na liderança daquela quadrilha existia policiais da Bahia aquém um deles os outros membros chamavam de caveira, e o irmão dele que salvo engano também era policial, foi a quadrilha mais difícil de rastrear no mato devido ao nível de conhecimento deste ex-policiaI especializado, no terreno. Na ocasião foram recuperados mais de R\$ 200.000,00, e três membros da quadrilha foram abatidos dentre eles um dos líderes que era esse, caveira, um a quem eles chamavam de Véio, e um outro de Cabrobó/PE. A ocorrência durou, de três a quinze dias, e só a metade da quadrilha foi pega na ocasião, devido a divisão da mesma nos vários contatos que houve com a polícia. Armamento fuzil FAL 7.62, e outros dois de calibre restrito. (CAVEIRA 35, 2019).

As repostas dos ex-integrantes a essa pergunta foram cheias de saudosismos que ficou claro em seus relatos como: ocorrências bem-sucedidas, o acompanhamento do “nascimento de um caveira”, ou seja, a conclusão do COEsp, transparecendo a subjetividade em suas respostas, ao lembrarem de suas missões na CIOE, ao ouvir os relatos desses ex-operadores e perceber o orgulho em suas narrativas por fazerem parte da CIOE.

Em seguida foi perguntado se ao ingressarem na PMTO, eles já pretendiam fazer parte da tropa de elite ou de outros grupos especializados?

Respondeu o Cateano 12 (2020), “Sempre tive predisposição para atividades dinâmicas. Vi na CIOE a oportunidade de pertencer a um grupo seletto, com missões reais, sempre em prol de servir e proteger, inclusive proteger os demais da tropa”.

O Caveira 47 (2019), “Não, porque no Estado do Tocantins não existia nenhuma, Operações Especiais. Adquirir conhecimento”. Em resposta a essa questão os Caveiras 01 e 35 relataram que:

No ato da minha matrícula na PMTO já cheguei com a camisa do BOPE, fui interpelado por um cadete antigo o qual me comentou: Quero só ver quando tiver aqui se vai querer isso mesmo. Não sei exatamente o que me levou a isso, porém já era algo que eu tinha em mente, tendo instruções e no dia a dia só me fez crescer a vontade de contribuir com a CIOE. (CAVEIRA 01, 2019).

Quando entrei na corporação não se ouvia falar em grupos especializados, daí em 2002, cogitou-se a criação da unidade de operações especiais, foi quando se teve notícias de que realmente ia criar a CIOE. O que me levou a isso, primeiramente o desafio pessoal de superar meus limites e depois a promessa de um aumento de R\$ 300,00 no salário, cogitado pelo então CAP. QOAPM WILTON PEREIRA MAIA. Aumento este que esperei até um dia desses quando fomos extintos. (CAVEIRA 35, 2019).

Em seu relato o Caveira 35, fala que uns dos motivos que fez ele ir tentar o COEsp e conseqüentemente integrar a CIOE, foi a promessa de que iriam ganhar a mais, porém, ele diz ter ficado com essa esperança até a extinção da Base Avançada de Gurupi, a qual o caveira 35 fez parte. O Cav. 35 fala em tom de brincadeira, pois não tem gratificação para quem opera na CIOE.

Já o Caveira 74 (2019), “Quando ingressei na PMTO, tinha vontade de pertencer a um grupo especial e que tivesse um treinamento diferenciado. O que me levou a isso foi a busca pelo aprimoramento técnico profissional para bem servir a sociedade tocantinense e o Brasil”.

Ao responderem essa questão, ficou evidente a diferença entre os entrevistados no que diz respeito a admissão na PMTO. Mas todos demonstraram em seus relatos a vontade de pertencer à tropa de elite da Polícia Militar do Tocantins, ou por estarem em busca de desafios pessoais ou em busca de aprimoramento técnico-profissional para melhor atender a sociedade tocantinense.

Quando perguntado qual o sentimento que eles trazem por já terem feito parte da tropa de elite da PMTO?

O Cateano 12 (2020), “Pertencer à CIOE é muito gratificante e ter feito parte desta tropa me trouxe uma grande realização profissional, sendo um local onde fiz muitos amigos, considerando-os verdadeiros irmãos”.

Os Caveira 35 e 74 responderam que:

Fazer parte desta unidade especializada é está em constante vigília tanto na vida profissional, quanto na vida pessoal. Você sempre vai está sendo observado, alguém vai estar esperando você cometer algum erro, pra depois te apontar nas rodadas de conversa. Ou denigrir tua imagem ou da unidade onde você está servindo. Meu sentimento atual é de dever cumprido, enquanto operador da CIOE. (CAVEIRA 35, 2019).

O sentimento é de muito orgulho e satisfação, pois tivemos a oportunidade de servir na melhor Unidade policial da PMTO e prestar um serviço de excelência, com companheiros honrados, o nosso melhor a sociedade tocantinense. (CAVEIRA 74, 2019).

Respondeu o Caveira 47 (2019), “Me sinto muito honrado por trabalhar ao lado de pessoas valorosas e honestas”. O Caveira 01 (2019), “Já fiz parte do efetivo da CIOE, mas sinto que o ciclo ainda não acabou, ainda há muito que contribuir com os valorosos homens de preto, e em relação ao sentimento que fica é de gratidão e de satisfação”.

Quando o Caveira 01, diz que ainda tem muito que contribuir com os “valorosos homens de preto”, ele deixa em aberto, que ainda tem muito que somar com a CIOE. Demonstrando assim, que tem pretensões de operar novamente na Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins. E ainda será possível, pois o Caveira 01 é um oficial jovem que poderá sim, retornar a CIOE ou quem sabe futuro BOPE, como operador ou mesmo comandante desta Unidade que é a Elite da PMTO.

Ao ouvir as narrativas destes destemidos homens que vestiam outrora o uniforme preto, tradicional da CIOE, podemos sentir em suas palavras a gratidão e o orgulho de terem operado na tropa de elite da PMTO. Todos relataram a honra de servir ao lado de homens destemidos, honestos e honrados.

Ao perguntar se poderiam indicar alguma desvantagem ou pontos negativos em fazerem parte da CIOE?

Respondeu o Caveira 74 (2019), “No momento não aponto desvantagem em fazer parte da CIOE”. Já o Cateano 12 (2020), “De modo geral sem desvantagem”. Bem sucinto, respondeu o Caveira 47 (2019), “Não”!

Já os Caveiras 01 e 35 responderam:

Em fazer parte não vi desvantagem, vejo desvantagem na falta de investimento para com aqueles militares que lá estão, pois, seu efetivo está muito aquém do que deveria estar. Para se ter ideia na história da PMTO só houve um curso em 2003 de lá pra cá não houve mais investimento no efetivo. Houve sim ingresso, mas por conta do próprio militar que teve que custear os gastos do curso sem retorno financeiro. (CAVEIRA 01, 2019).

Posso indicar vários fatores negativos e desvantagens. Primeiro todos acham que por você ter feito o COESP e se tornado caveira todos acham inclusive seus comandantes que você não precisa comer, dormir, receber uma diária de ter acesso ao quadro de promoção, porquê quem está na rua está sempre respondendo a processo em virtude do serviço que você presta a sociedade, e isto te deixa fora dos quadros de acesso para promoção, a maioria dos equipamentos de uso individual e de qualidade é custeado pelo próprio policial, fardamento, colete tático, coturno extra leve e outros apetrechos. Então é um dinheiro que sai da boca da tua família para fazer a parte que deveria ser do Estado. Atualmente eu diria que essa desvantagem tá sendo de toda a corporação, comprar fardamento do próprio bolso. Existe inúmeras desvantagens e pontos negativos. (CAVEIRA 35, 2019).

O Caveira 35, fala das dificuldades enfrentadas pelos que integram a CIOE, os quais segundo ele, até os comandantes pensam que eles não precisam mais de nada, pelos simples fatos de serem OE, assim, tendo estes que tirar dinheiro do seu salário para comprar fardamento, calçado, colete e outros acessórios. O Cav 35,

sempre demonstra dedicação, mesmo sendo crítico ao falar que tirava do próprio salário para comprar acessórios adequados para cumprir sua missão.

Nessa questão, as respostas divergem. Enquanto uns dizem não ter ou não ver desvantagens, os caveiras 01 e 35, fazem apontamentos negativos durante o período que operavam na CIOE ou que ainda existem. O Cav 35 destaca que pelo fato de ele ser caveira, alguns de seus superiores pensavam que ele não tinha necessidades ou família para sustentar e nem pretensões de ascender na carreira. Já o caveira 01, demonstra preocupação com a falta de efetivo na CIOE, apontando que só houve um COEsp na PMTO em 2003, ou seja, há quase 18 anos. E que até houve ingressos na CIOE, mas porque teve militares que custearam cursos em outras instituições sem nenhum retorno financeiro, somente pela vontade de se qualificar para melhor atender a sociedade tocantinense.

Percebemos, assim, nas palavras desses que por lá passaram, que existem algumas desvantagens na CIOE, e a mais marcante, é a falta de uma gratificação, já que estes operadores tiravam de seus próprios salários para adquirirem materiais adequados para operar.

Baseados nas respostas da questão anterior. Foi perguntado se eles poderiam apontar as dificuldades que a CIOE enfrenta e quais seriam as soluções para resolvê-las?

Respondeu o Caveira 74 (2019), “A principal dificuldade da CIOE hoje é o déficit no seu efetivo policial e a solução perpassa pela formação de novos policiais no Curso de Operações Especiais”.

O Cateano 12 respondeu:

Cito duas principais dificuldades, quais sejam efetivo muito reduzido atualmente e falta de investimento em logística apropriada. As soluções seriam fazer novos cursos de admissão e investir em equipamentos para operações especiais. (CATEANO 12, 2020).

Aqui o Cateano 12 fala da falta de efetivo, o qual sugere que a solução seria investir nos cursos e critérios para integrar a CIOE, os quais seriam o COEsp e o CATE.

O Caveira 01 relatou que:

Efetivo, curso na área de OE, local adequado para treinamento, pagamento de bolsa para quando algum militar do estado deslocar para outro estado para participar de COEsp. No passado, e no presente não há local adequando para

unidade funcionar, entretanto está em fase de finalização da construção unidade de OE. (CAVEIRA 01, 2019).

O Caveira 01, fala das dificuldades que a CIOE enfrenta no momento e faz algumas sugestões de melhorias. Ele também começa falando da escassez do efetivo, da realização de um curso na área das operações especiais, tipo o COEsp ou CATE, para suprir essa necessidade de efetivo. Lembra também que a CIOE não dispõe de uma sede adequada a qual fica nas instalações do Quartel do Comando Geral em Palmas. Porém, faz uma observação sobre a finalização da construção de uma sede digna que ficará na área central da capital para abrigar esses homes de OE.

O Caveira 35 respondeu:

As principais dificuldades enfrentadas pela CIOE é falta de efetivo, segundo consolidação da caveira do sol com um novo COESP, falta de pôr em prática os planejamentos futuros que ninguém consegue tirar do papel, e a superação do pensamento de poucos da cúpula, que acha que o problema da CIOE vai ser resolvido com a centralização das unidades em Palmas/TO. Quando na verdade deveria fortalecer as bases avançadas, para ter maior eficiência na cobertura do território do estado e ocupação do terreno no menor tempo possível, em resposta ao sinistro que vier acontecer. Soluções, reorganizar e convocar os cursados que operam em outras unidades, oferecer-lhes um incentivo de pelo menos cinco diárias mensais, já que não temos gratificações. Revitalizar as bases avançadas em vez de extinguir todas, melhorias nas instalações para receber confortavelmente os integrantes da CIOE, incentivar os operadores a se especializar dentro das operações especiais, pagando as bolsas formações e não o contrário, o operador tendo de pagar do próprio bolso para fazer o curso. E o mais importante de todos o empregador no caso o Estado tem que dar condições e meios, para a tropa prestar um bom serviço para a sociedade, porque o operador já faz o mais difícil, que é abrir mão do convívio familiar, de seu lazer, e muitas das vezes de ter uma vida social, como existe em outras profissões. Dessa forma talvez não resolvesse todos os problemas, mas melhoraria pelo menos um pouco. Mas estas são aspirações, que dificilmente irão acontecer, do verbo praticamente impossível. (CAVEIRA 35, 2019).

O Caveira 35, aborda os problemas de efetivo e faz uma crítica àqueles que pensam que a solução para os problemas da CIOE, será a extinção das Bases Avançadas, sendo que no ponto de vista dele, deveriam fortalecê-las, investindo em instalações confortáveis para receber os integrantes da CIOE, além de incentivos financeiros e de especializações a esses operadores.

O Caveira 47 (2019), “A CIOE precisa de estrutura física e financeira para resolvê-las”.

As respostas são quase que um coro, clamando por socorro, pois todos falam da necessidade de efetivo, estrutura física e financeira. Fazem comentários

sobre alguns da “cúpula” que dizem que os problemas da CIOE só serão resolvidos com as extinções das bases avançadas no interior e a centralização na capital. Ou reclamam de um lugar adequado para a Unidade, pois a sede da CIOE ainda está instalada nos fundos do Quartel do Comando Geral (QCG), em condições limites de funcionamento, porém, fazem ressalvas de que estão finalizando a obra das futuras instalações da CIOE em Palmas. Ou seja, uma esperança de que em breve a CIOE terá instalações dignas para os seus operadores.

Na sequência foi perguntado qual a possibilidade de melhorar a qualidade de atendimento social deste grupo, visando um retorno positivo para a Polícia Militar do Tocantins e conseqüentemente para sociedade tocantinense?

O Caveira 47 (2019), “Precisamos do apoio da sociedade de bem para combater o mal”.

O Caveira 35 relatou:

Acho que o primeiro passo é colocar homens compromissados com a instituição e com a tropa, eliminando o viés político do meio da instituição outra coisa praticamente impossível, tratar os policiais como seres humanos e não como uma peça descartável, da, condições pra que estes policiais dê uma boa qualidade de vida para seus familiares. Com certeza o Policial melhor assistido, em todos os sentidos, (social, salarial, saúde e etc.) vai prestar um melhor serviço à sociedade, porquê sem ter essa assistência já fazem além de suas capacidades. Desta forma quem sabe a gente não deixa de perder irmãos de farda para o suicídio, muitos colocam a culpa na tal depressão, mais quais foram as circunstâncias e motivos que levaram este policial pai de família a ficar depressivo, será que foi problema salarial, ascensão na carreira, ou a falta de valorização profissional em todos os sentidos. Esta é minha opinião tem que se rever a política que trata dos profissionais de segurança pública, e melhorá-la em todos os sentidos, só assim todos sairão ganhando. (CAVEIRA 35, 2019).

O Caveira 01 (2019), “Solucionar as dificuldades citadas no item 19, bem como uma gratificação para os operadores daquela unidade, pois os mesmos gastam muito com equipamento e outros acessórios”. O Caveira 01, além de já ter exposto algumas soluções acima, também sugere uma gratificação a esses homens, até para suprir os gastos com equipamentos e acessórios. Equipamentos e acessórios esses, que a Polícia Militar do Tocantins até paga alguns, porém, não são os adequados para esses operadores da tropa de Elite. Sendo assim, esses agentes são obrigados a gastar de seu próprio pagamento para comprar equipamentos condizentes com a função que exercem.

Destacando sua resposta o Cateano 12 (2020), “Continuar com a doutrina de operações especiais; recrutar novos integrantes e manter o foco no serviço de

combate ao crime, conforme a legislação vigente. E sempre agir com força e hora! CAVEIRA!!!”.

O Caveira 47 respondeu:

Poderia melhorar a qualidade de atendimento social deste grupo com mais investimento em treinamento, capacitação e aquisição de mais equipamentos e soluções tecnológicas inovadoras na área de segurança. O militar que opera na CIOE deveria estar assistido constantemente por uma equipe multidisciplinar para identificar a fadiga e o stress causado pela atividade que ele exerce rotineiramente. Isto posto, poderíamos melhorar sobremaneira a qualidade de nossos policiais das operações Especiais. (CAVEIRA 74, 2019).

As respostas ao questionário estruturado daqueles que já fizeram parte da tropa de elite da Polícia Militar do Tocantins, é algo que deixa bem aparente os conceitos fundamentais de Pierre Bourdieu (2003, 2008, 2011, 2018) de *habitus*, *campo*, *capital simbólico*, ritos de instituição, particularidade do lugar de fala, linguagem autorizada. Mesmo naqueles que saíram recentemente ou há mais tempo da CIOE, percebe-se em suas narrativas os *habitus* adquiridos ao longo do tempo que operaram no campo das operações especiais e o capital simbólico que ainda levam consigo, ou seja, existindo aí uma permanência.

3.3 Integrantes da CIOE-PMTO

Após ouvir a fala dos ex-integrantes e constatar as permanências dos *habitus* que foram adquiridos enquanto atuavam na CIOE, ouvimos também a voz daqueles que ainda estão na Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins.

Pois, ouvindo a particularidade de fala destes que ainda integram a CIOE, iremos conhecer a construção dos *habitus* e como fazem para manterem vivas as suas crenças aos símbolos, ritos e mitos, responsáveis na construção institucional, cultural e territorial destes homens que ainda operam no campo das Operações Especiais.

Deste modo, as perguntas do questionário estruturado, foram as mesmas feitas aos ex-integrantes, para que assim pudessemos comparar suas respostas, ou seja, daqueles que já atuaram e dos que ainda atuam na CIOE. Verificando as

semelhanças em suas respostas. Agora, com a perspectiva de quem permanece operando nesta Unidade.

Ao todo, foram selecionados 20 integrantes da CIOE para responderem às perguntas do questionário estruturado, porém, somente 13 operadores contribuíram, sendo o suficiente, para compreendermos sobre a cultura, territorialização e a territorialidade da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins.

Portanto, apresento agora esses 13 operadores dos quais um é o atual comandante da CIOE, o Tenente-Coronel Fioravan, que fez o primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins em 2003 (I-COEsp-PMTO, 2003); o Capitão Elianeo, o atual subcomandante da CIOE, fez o Curso de Ações Táticas Especiais da Polícia Militar do estado de São Paulo em 2013 (CATE-PMESP, 2013). O Capitão Franklin, que fez o Curso de Ações Táticas Especiais na Polícia Militar do estado do Piauí em 2015 (CATE-PMPI, 2015); O Subtenente Claudomir, que fez o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Amazonas em 2018 (COEsp-PMAM, 2018); O Sargento Borges, fez o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins no ano de 2003 (I-COEsp-PMTO, 2003).

O Sargento Manoel, que fez o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins no ano de 2003 (I-COEsp-PMTO, 2003); o Sargento Pereira, do Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins no ano de 2003 (I-COEsp-PMTO, 2003); o Sargento Issan, que também fez o primeiro Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins no ano de 2003 (I-COEsp-PMTO, 2003). Sargento Danyllo, que fez o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado de Goiás no ano de 2015 (COEsp-PMGO, 2015); O Sargento Nilson, fez o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado de Roraima no ano de 2018 (COEsp-PMRR, 2018).

O Soldado Leandro, que fez o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Rio Grande do Norte no ano de 2019 (COEsp-PMRN, 2019); Soldado Barbosa, fez o Curso de Ações Táticas Especiais da Polícia Militar do estado do Maranhão no ano de 2017 (CATE-PMMA, 2017); Soldado Eliton, quando serviu o Exército brasileiro, fez o Curso de Comandos (Operações Especiais) no ano de 2005. Após, ingressou na Polícia Militar do Tocantins (2014), e fez o Curso de Ações Táticas

da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro em 2015. Ou seja, Comandos (CAVEIRA) do EB 2005 e Ações Táticas (CATEANO) da PMERJ 2015.

O Quadro 9 irá mostrar o posto (oficiais) e a graduação (praças), nomes, cursos e o tempo que esses agentes integram a CIOE.

Quadro 9: Curso dos Integrantes da CIOE

POST/GRAD	NOME	CURSO/ OPM	TEMPO/ CIOE	ANOS
TEN CEL QOPM	FIORAVAN	COEsp-PMTO	2018	3 ANOS
CAP QOPM	ELIANEO	CATE-PMESP	2013	8 ANOS
CAP QOPM	FRANKLIN	CATE-PMPI	2016	5 ANOS
SUB TEN QPPM	CLAUDOMIR	COEsp-PMAM	2017	4 ANOS
SGT QPPM	BORGES	COEsp- PMTO	2003	18 ANOS
SGT QPPM	MANOEL	COEsp-PMTO	2003	18 ANOS
SGT QPPM	PEREIRA	COEsp-PMTO	2003	18 ANOS
SGT QPPM	ISSAN	COEsp-PMTO	2003	18 ANOS
SGT QPPM	DANYLLO	COEsp-PMGO	2008	13 ANOS
SGT QPPM	NILSON	COEsp- PMRR	2018	3 ANOS
SD QPPM	LEANDRO	COEsp-PMRN	2019	2 ANOS
SD QPPM	BARBOSA	CATE-PMMA	2017	4 ANOS
SD QPPM	ELITON	COMANDOS-EB/ CAT-PMERJ	2014	7 ANOS

Fonte: Autor, 2020.

As respostas dadas ao questionário estruturado por esses 13 integrantes da CIOE, irão mostrar as diferenças e semelhanças em suas narrativas, pois fizeram seus cursos em épocas e instituições (coirmãs) distintas, ou seja, diferentes unidades federativas. Lembrando, que a doutrina das Operações Especiais pregada é a mesma em todas elas.

O que muda é a geografia (terreno), pois muitos fazem os seus cursos em regiões diversas das quais habitam, ou seja, algumas regiões montanhosas, planas e de biomas totalmente diferentes, como Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampa e Pantanal.

O que diferencia os cursos que estes homens têm, são os símbolos usados por eles em seus uniformes, ou mesmo tatuados em seus corpos, pois as Operações Especiais dos COEsp das PMs do Brasil, como também das Forças Armadas, usam a imagem do crânio em seus brevês, já os Ações Táticas Especiais, usam símbolos

diversos a exemplo da toca ninja, adaga, armas cruzadas e outros. Lembrando que os brevês, além de serem usados nos uniformes da CIOE, também poderão ser usados por esses cursados nos uniformes da tropa ordinária.

Esses brevês, têm significados simbólicos que vão além de estarem ou não na CIOE. Poder simbólico ao qual impõem uma força especial, tornando-os não melhores que os demais da tropa, mas diferentes, pois são formados em cursos que poucos conseguiriam suportar.

Assim, “Na vida, tudo que fazemos pode ser descrito como uma relação de causa e efeito, e cada evento marcante permite sua identificação ou associação com um elemento simbólico, que passa a representar aquele momento” (STORANI, 2018).

A Figura 12 mostra esses símbolos, os quais permitem as suas identificações.

Figura 12: Brevês dos Integrantes entrevistados



Fonte: Autor, 2020.

A Figura 12a é o brevê dos caveiras do sol, o qual é representado por cinco dos treze integrantes da CIOE, que responderam ao questionário estruturado. Sendo estes: o Ten Cel Fioravan (Caveira 58); SGT Borges (Caveira 71); SGT Manoel (Caveira 18); SGT Pereira (Caveira 21); SGT Issan (Caveira 14). Todos cursados no 1º COEsp da PMTO em 2003.

Já a Figura 12b, é o brevê dos cateanos da PMESP o qual o Capitão Elianel (Cateano 06), concluiu no ano de 2013. Na Figura 12c, é o brevê dos cateanos da PMPI, o qual o Capitão Franklin (Cateano 08), concluiu no ano de 2015. A Figura 12d, é o brevê dos caveiras da PMAM o qual o Subtenente Claudomir (Caveira 30), concluiu em 2018. A Figura 12e, é o brevê dos caveiras da PMGO o qual o SGT Danyllo (Caveira 23), concluiu em 2015.

Assim Figura 12f, é o brevê dos caveiras da PMRR o qual o SGT Nilson (Caveira 18), concluiu em 2018; o SGT Nilson, tem a mesma numérica do SGT Manoel que é o número 18, sendo que o SGT Manoel cursou o COEsp na PMTO em 2003 e o SGT Nilson cursou o COEsp na PMRR no ano de 2018. Portanto, na referência a este último, será chamado “CAV 18 RR”. Aqui a Figura 12g, traz o brevê dos caveiras da PMRN o qual o Soldado Leandro (Caveira 38) concluiu em 2019.

Já a Figura 12h, é o brevê dos cateanos da PMMA o qual o Soldado Barbosa (Cateano 32) concluiu em 2017. Portanto a Figura 12i, é o brevê dos Comandos do Exército brasileiro (EB), o comando 33, até então SGT Eliton concluiu em 2005. Este, saindo do EB, passou no concurso para soldado da Polícia Militar do estado do Tocantins, como já foi citado anteriormente, agora soldado (CFSD – 2014), fez o CAT na PMERJ em 2015, o qual a Figura 12j mostra o brevê dos cateanos da PMERJ. Porém, será chamado Caveira 33, pois os que concluem o Curso de Comandos do EB, também são chamados caveiras.

Iniciamos com a pergunta sobre quais são os símbolos utilizados pelos integrantes da CIOE para marcar a diferença em relação aos demais policiais da tropa?

Respondeu o Caveira 58 (2019), “O Símbolo maior da CIOE é a Caveira, mas há um brasão (escudo) para englobar toda a Companhia, além do que os integrantes que formam em outras escolas, utilizam seus respectivos brevês no fardamento”.

Ao responder essa pergunta, o Caveira 58 afirma que o brasão da CIOE representa todos aqueles que integram essa Unidade, porém, esses integrantes ostentam em seus uniformes o brevê da “escola” a qual cursaram. Assim, os brevês destes integrantes é algo implícito comparado ao brasão da CIOE, pois o brasão é o símbolo que impõe agora a força que estes agentes foram buscar em unidades coirmãs (outros Estados), qualificando-os para fazerem parte deste campo e da CIOE.

Ou seja, saem da tropa ordinária da PMTO em uma espécie de emigração (movimento de saída), depois retornam, agora legitimados a operarem na CIOE-PMTO, fazendo um movimento de imigração (entrada). Portanto: “as situações de ‘imigração’ impõem com uma força especial que se torne visível o horizonte de referência o qual nas situações correntes, pode permanecer em estado implícito”. (BOURDIEU, 2003, p.7). O brasão da CIOE é o poder simbólico que representa o todo, independentemente se é Caveira ou Cateano.

O Cateano 06 (2019) respondeu que: “Dentre os principais, a caveira cravada por uma faca, o gorro comandos e a adaga”.

Para o Cateano 08 (2020), “A CIOE usa um brasão específico da unidade, e só quem está nesta unidade pode usar tal brasão. Cada unidade especializada possui brasão específico”.

O Caveira 30 narrou que:

Brevê do curso de Operações Especiais, caveira, uniformes diferenciados: preto rip stop e camuflado rural, gorro comandos, manicacas e barretes de cursos de aperfeiçoamentos e especializações, além de símbolos não obrigatórios como; moeda, bandeira, tatuagem, anel, charutos, copos e camisetas personalizadas. (CAVEIRA 30, 2020).

O Caveira 71 (2019), “Fardamentos preto e camuflado rural, e a utilização da “caveira” e demais cursos da área em Operações Especiais, nos uniformes bem como a utilização de uma cobertura “gorro” comandos e adagas”.

O Caveira 18 (2019) falou que: “Brevê do curso de Operações Especiais: caveira; uniforme diferenciado como o preto *rip stop*, camuflado rural; manicacas; barretes de cursos de aperfeiçoamento”.

Para o Caveira 21 (2019), “São os nossos brevês do Curso de Operações Especiais ou Curso de Ações Táticas Especiais, as bandeiras dos cursos, a oração de Operações Especiais e as numéricas dos integrantes da CIOE”.

Já o Caveira 14 respondeu que:

Os símbolos utilizados pelos integrantes da CIOE, para os policiais que concluem o Curso de Operações Especiais é uma CAVEIRA, com alguns detalhes, dependendo do Estado onde formou, e para os policiais que concluem o Curso de Ações Táticas é uma FACA transpassada por um RAIÓ, sendo que em alguns Estados utilizam fuzis cruzados com a imagem de um operador com uma BALACLAVA tampando seu rosto. (CAVEIRA 14, 2019).

Caveira 23 (2019), “A caveira, faca (punhal)”. Para o Caveira 18RR (2020), “O fardamento, a caveira, armamentos”. O Caveira 38 (2020), “A utilização da imagem de um crânio cravado por um punhal; uso do fardamento preto, postura e compostura”. Já o Cateano 32 (2020), respondeu que: “São os brevês referente a cada curso que o policial fez (COESP e ou CATE) e também o brasão da companhia”. O Caveira 33 (2019), “A faca na caveira que os distingue das tropas ordinárias, o fardamento camuflado que se adapta muito bem tanto em meio urbano como rural”.

Percebe-se que o símbolo da caveira se sobrepõe, pois, para a maioria dos entrevistados a caveira é o símbolo que distingue realmente os operadores da CIOE dos demais da tropa ordinária. Provavelmente por esta Unidade levar um crânio estampado em seu brasão, o que é compreensivo, pois esses que integram a CIOE, são chamados assim, pelos demais da tropa e pela sociedade.

Ainda relacionado aos símbolos que os diferenciam dos demais militares da tropa, foi perguntado o que eles acham sobre a escolha destes e o que esses símbolos representam?

O Caveira 33 (2019) respondeu que: “Foram escolhidos devido às dificuldades que colocam cada aluno a provar-se diante dos 11 mandamentos, a caveira, o sino, o *shemagh*, todos são símbolo de homens que há milênios vem tendo como base a força e a honra”.

Aqui o Cav33, lembra das dificuldades que os alunos precisam superar ou provar diante de vários desafios, pois esses cursos não são fáceis e poucos conseguem esse feito. Ter contato com vários símbolos como os mandamentos, inculcados enquanto alunos e respeitados principalmente durante a conclusão do curso; o crânio, no caso daqueles que fizeram o COEsp sendo instituídos no momento que o brevê da caveira é pregado no peito; o sino, o qual o aluno não pode badalá-lo, pois se o fizer, confirma a desistência e a fraqueza diante das exigências do curso; o *shemagh*¹⁸, usado pelos operadores para protegê-los dos raios do sol e de outros.

¹⁸ É um tradicional cocar árabe. Usado ultimamente por operadores, servindo de proteção contra os raios solares e poeiras.

Símbolos, que segundo o Cav33 representam a força e a honra, inculcados nesses agentes que levarão consigo após concluírem com aproveitamento o COEsp ou o CATE. Pois, é durante esses cursos que são incorporados esses novos *habitus*, os quais são responsáveis em formar a cultura das Operações Especiais.

Respondeu o Caveira 18RR (2020), “Foram escolhidos pelas atribuições dos operadores da CIOE”.

O Caveira 14 respondeu que:

As escolhas dos símbolos não foram aleatórias, até mesmo por ter uma história, da mesma forma quanto á sua utilização, visto que não será utilizado o símbolo, mas sim suas técnicas aprendidas durante o curso que cada símbolo representa. (CAVEIRA 14, 2019).

Já o Caveira 58 (2019), “Há todo um histórico que explica a caveira como símbolo da maioria dos grupos de Operações Especiais existentes, que remontam a “Ações de Comando” em guerras do passado”.

Respondeu o Caveira 30 (2020), “Porque o próprio curso já é diferenciado, esses símbolos representam a sua perseverança diante das adversidades que a área requer, são utilizados pelo guerreiro em referência de sua vitória sobre a morte”. Para o Caveira 23 (2019), “Por nossa origem (COMANDOS EB), pela doutrina de Operações Especiais. Na identificação da nossa unidade, nossas viaturas e nos nossos fardamentos”.

Para o Caveira 38 (2020), “Pelos valores históricos que são originários das Operações Especiais. Utilizados nos uniformes, plotagem de viaturas e pintura das unidades”. O Caveira 18 (2019), “O porquê de cada símbolo desses ter sido escolhido é uma história merecedora de estudo/pesquisa mais sistematizado”. O Cateano 32 (2020), “Cada um tem sua simbologia, mas basicamente significam, vitória sobre a morte inteligência lealdade estratégia e espírito de corpo”.

Para o Caveira 71 (2019), “Por sua natureza diferenciada onde enaltece os policiais que a utilizam, mais na essência o caracteriza como homens treinados e sempre disposto onde não importa as circunstâncias eles sempre vão agir”. Respondeu o Cateano 08 (2020), “O símbolo utilizado no brasão foi idealizado após uma análise de um contexto histórico. São usados nas fardas dos militares como identificação de um integrante desta unidade”.

O Cateano 06 disse que:

Foram escolhidos historicamente para simbolizar as missões especiais realizadas por grupos militares e depois policiais representando a vitória sobre a força inimiga. Atualmente são utilizados de forma distorcida, pois alguns grupos que não são da área de operações especiais vêm usurpando esses símbolos, especialmente a caveira. (CATEANO 06, 2019).

As respostas foram bem subjetivas, a qual se complementam, pois, é bem aparente em seus relatos os *habitus* incorporados e a construção do *poder simbólico*, conforme é afirmado por Bourdieu (2003) que diz: “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Assim, essa cumplicidade em suas respostas sobre a escolha desses símbolos que os diferenciam dos comuns da tropa representa os *habitus* que foram incorporados nesses operadores da CIOE ao longo de todo o processo que eles passaram no COEsp ou no CATE, habilitando-os a esse novo campo que é as Operações Especiais.

Ao perguntar quais são os ritos e mitos que alimentam e garantem essa diferenciação no interior da corporação militar tocantinense?

O Cateano 06 (2019), respondeu: “A diferença está no ato do profissional ser caveira, na sua forma de agir e proceder, todos o veem como alguém que tem todas as respostas, de altíssimo nível técnico, com precisão cirúrgica nas ações e com o ofício de matar”.

O Cateano 06, diz que os ritos e mitos se devem ao fato de esses serem caveiras, os quais a tropa ordinária os vê como profissionais de altíssimo nível técnico, precisos em suas ações e com a missão de neutralizar a injusta agressão. Essa visão tem lógica, pois os integrantes da CIOE estão quase sempre envolvidos nas instruções para a tropa ordinária e para as demais especializadas.

Para o Caveira 14 (2019), “Quanto aos ritos e mitos que são costumes e cerimônias que se repete de forma variada, o que diferencia é a missão específica de cada um e a experiência do policial”.

Em resposta a essa pergunta o Cateano 08 disse:

No caso das Operações Especiais Policiais existe uma doutrina que rege as ações dos seus integrantes. Nesta temos 11 (onze) mandamentos e uma Oração das Operações Especiais. No caso da PMTO outras unidades especializadas influenciadas por esta doutrina, criaram as suas próprias doutrinas. (CATEANO 08, 2020).

Em sua resposta o Cateano 08 lembra que esses homens são regidos por uma doutrina própria que é a das Operações Especiais os quais seguem os 11 mandamentos, como também a oração das Forças Especiais. E que as outras unidades especializadas se influenciaram por essa doutrina dos OE, para assim criarem as suas próprias. Este afirma ainda que as Operações Especiais são uma referência não só para os demais militares da tropa, mas também para as demais especializadas da PMTO.

Na sequência o Caveira 18 respondeu:

Os ritos das Operações Especiais se traduzem de várias formas: oração, gestos, símbolos, linguagem e comportamento típicos dos OEs. Já quanto aos mitos posso citar: tropa preparada para tudo, homens preparados para matar, entre outros. Portanto, os ritos que nos diferenciam no dia a dia e em serviço são: postura, conduta tática, viaturas e armamentos diferenciados, entre outros. (CAVEIRA 18, 2019).

Já o Caveira 18, fala que os ritos estão associados aos seus símbolos e linguagens, como a oração, posturas, condutas táticas, viaturas e armamentos diferenciados dos demais policiais da corporação. No que tange aos mitos, ele fala de uma visão distorcida de que esses homens são preparados para matar e para tudo, como se estivessem acima da lei, ou mesmo serem detentores de superpoderes. Caracterizando assim esses homens de Operações Especiais.

O Caveira 23 (2019), relatou: “A caveira obrigatoriamente só pode ser ostentada por quem é possuidor do curso de Operações Especiais”.

O Caveira 30 respondeu que:

Os rituais são de respeito de um guerreiro para outro, bem como o compromisso de irmandade e zelo por nossa Oração. Ainda dentro dos rituais alguns gestos, contatos, e códigos de linguagem fazem parte dos rituais de encontros. Os mitos são de várias formas; que o Guerreiro não erra, sabe tudo sobre especialidades, tropa preparada para tudo, homens preparados para matar, entre outros. No entanto esses mitos são frutos da troca de muitas folgas em treinamentos, onde as Operações especiais desenvolvem uma postura e compostura diferenciada. (CAVEIRA 30, 2020).

O Caveira 58 disse que:

O rito atual é o militar ser submetido a um curso COESP ou CATE, para cumprir determinadas exigências de perfil e habilidades técnicas, e a partir daí compor os quadros da Companhia, utilizando toda a logística e tipo de atividade que nos diferencia do policiamento ordinário. (CAVEIRA 58, 2019).

O Caveira 71 (2019), respondeu: “As orações de operações especiais os mandamentos e o voluntariado incondicional de servi e proteger”. Para o Caveira 33 (2019), “A oração das operações especiais quando entoada, as canções quando puxadas em corredão fazem sustentar a força da CIOE”.

Respondeu o Caveira 18RR (2020), “O simbolismo da caveira e do uniforme preto, remetem as ações”. O Cateano 32 (2020), disse: “Não vejo tanto essa diferenciação o que nos tornas um pouco diferentes são os conhecimentos adquiridos e função nas missões”.

Ao responderem a essa questão, os integrantes da CIOE foram quase que unânimes em suas respostas, destacando que os ritos estão relacionados aos conhecimentos adquiridos no COEsp ou no CATE, cursos os quais os habilitam a vir operar na Companhia Independente de Operações Especiais; incorporando nesses agentes novos *habitus* como o culto a caveira, a oração, aos mandamentos e a doutrina de OE. Fazendo com que esses homens tenham uma postura e compostura diferenciadas dos demais da tropa.

Em seguida foi perguntado quais são as normas e valores que alimentam e garantem essa diferenciação no interior da corporação militar?

O Caveira 18RR (2020), respondeu: “O desapego as coisas mundanas e o dever de cumprir a missão”. Já o Caveira 33 (2019), “A ética, a confiança ombro a ombro são diferenciais no dia a dia”. O Caveira 71 respondeu que:

Conforme exposto acima a primeira norma é voluntariado, respeito e disciplina, no quesito a valores temos sempre como princípio resolver uma situação de grau elevado onde foge das ocorrências rotineiras que a PMTO desenvolve e o nível técnico alcançado onde é reconhecido pela corporação. (CAVEIRA 71, 2019).

O Caveira 58 (2019), respondeu: “A Doutrina diferenciada, os princípios de Operações Especiais e a irmandade entre os integrantes das forças especiais não só no Estado, como em todo o Brasil”. Respondeu o Caveira 30 (2020), “Temos uma conduta baseada em regulamentos, diretrizes e portaria. Que agregam valores, dentro e fora da caserna”. O Caveira 23 (2019) respondeu: “A doutrina de Operações Especiais”. Disse o Caveira 18 (2019), “Somos rodeados de normas como: diretrizes, regulamentos, portaria”.

O Caveira 14 (2019) respondeu: “As normas é de ter no mínimo de 01 ano de serviço operacional ou mais para ingressar na CIOE com os referidos cursos, e valores é o curso conquistado e a missão de cada policial componente da unidade”.

O Cateano 08 respondeu:

A doutrina de Operações Especiais Policiais rege as ações dos militares dentro desta unidade. Porém, em relação a PMTO essa doutrina não tem força de diferenciação e sim de respeito de outras unidades a essa doutrina, e desta forma, diferenciando pelo respeito. (CATEANO 08, 2020).

Respondeu o Cateano 06 (2019), “Através da peculiaridade e missão de cada grupo, sustentada pelas respectivas doutrinas ou procedimento operacional padrão das unidades operacionais”.

As normas e valores que alimentam e garantem essa diferenciação, estão relacionados ao desapego, ao dever de cumprir as missões dadas, a ética, a confiança, o voluntariado, o respeito, a irmandade e a disciplina que existe no grupo. Todas essas qualidades estão baseadas na doutrina das Operações Especiais a qual a missão é distinta dos demais grupos especializados e da tropa ordinária.

Em seguida foi perguntado se eles viam ou percebem diferenças em relação às unidades que atuam nas diferentes cidades tocantinenses?

Assim respondeu o Caveira 33 (2019), “A CIOE tem o diferencial na questão confiança da tropa ordinária para com seus operadores”. O Cateano 06 (2019), respondeu que: “Não se vislumbra nenhuma diferença entre elas”. Respondeu o Cateano 32 (2020), “Como já falei, o que nos diferenciam além dos fardamentos é a função específica. Pois, somos a tropa de elite da PMTO com missões específicas”.

O Caveira 14 (2019), respondeu que: “Sim!”. Já o Caveira 18 (2019), respondeu: “Praticamente não. Existe um Procedimento Operacional Padrão (POP) a ser seguido por todos os PMs do Tocantins. A diferenciação fica por conta das unidades especializadas como na CIOE, BPCHOQUE, por exemplo”. O Caveira 18RR (2020), “Sim, cada grupo com suas atribuições e deveres pertinentes a suas ações”.

Assim respondeu o Caveira 21:

Sim. Quando você separa grupos de pessoas, sempre haverá diferença entre eles. Hoje a CIOE só tem base em Palmas e Araguaína, mas já teve base em Gurupi, desativada este ano de 2019. Eu já trabalhei nessas três bases, e pude ver que as bases destacadas (Araguaína e Gurupi) se assemelham muito em diversos aspectos, são mais desenroladas, tem mais iniciativa e são mais organizados, talvez seja pelo motivo de que nossas áreas de abrangências acontecem mais ocorrências, e temos que nos esforçar pra atender a todas. Já a base da capital tem características diferentes do interior,

na capital está concentrado todo tipo de policiamento, inclusive o policiamento especializado. (CAVEIRA 21, 2019).

Em suas colocações o Caveira 21, diz que sim, fala também das bases avançadas de Araguaína e a extinta de Gurupi “são mais desenroladas”, ou seja, são mais atuantes segundo ele, talvez pelo fato de nessas regiões ocorrerem mais missões que requerem a atuação da CIOE, e que na capital devido ter uma concentração maior de policiamento, como as demais especializadas como ROTAM, GOC, GIRO e outras. Limitando, assim, a atuação da CIOE em certas missões na capital. Lembrando que a maioria das ocorrências atendidas por essa unidade começam na cidade e terminam na zona rural.

O Caveira 23 (2020), “Sim!”. Já o Caveira 30 (2020), respondeu que: “Negativo, mas existem adequações conforme as especialidades, o lugar, o tipo de serviço, a quantidade e os meios a serem empregados, bem como até que ponto vai ou lhes é permitido atuar como manda o regulamento próprio (POP)”.

O Caveira 38 (2020), respondeu: “Sim, em relação a padronização de procedimentos e rotina de atuação”.

Respondeu o Caveira 71:

O grande diferencial é o número de policiais disposto em uma viatura que dispomos que é sempre maior que as viaturas de área, outro viés a ser considerado é o nível técnico de cada componente onde em conjunto damos uma melhor resposta a sociedade tocantinense. (CAVEIRA 71, 2019).

Já o Cateano 08 respondeu:

As diferenças sempre existirão, até porque a especialização de uma determinada unidade em uma função específica faz com que se busque a excelência de atuação em determinadas necessidades operacionais existentes. (CATEANO 08, 2020).

O Caveira 58 disse:

Há uma dificuldade logística de se juntar os grupos para treinamento conjunto e atualizações, seja porque geram custos e assim não autorizam diárias para isso, ou pela ausência de uma estrutura mínima da Companhia para receber o efetivo oriundo do interior, assim a principal consequência, é a atuação de forma distinta das equipes por falta dessa integração. (CAVEIRA 58, 2019).

A essa questão, percebe-se uma divergência nas respostas, enquanto uns disseram que existe uma diferença, outros responderam que não veem diferença. E o que realmente existe, segundo os entrevistados é uma adequação no que tange aos

procedimentos das especializadas, até porque a PMTO disponibiliza um procedimento operacional padrão (POP), seguido por toda a tropa. Porém, a CIOE sempre procura a excelência em suas atuações, mesmo a Unidade não disponibilizando ainda de um POP específico.

Em seguida foi perguntado qual diferencial entre a CIOE e as forças semelhantes de outros estados da federação? O que você indicaria como diferencial tocantinense?

O Caveira 14 (2019), respondeu que: “Em se tratando de OPERAÇÕES ESPECIAIS nenhuma, até porque o objetivo de unidades de operações especiais é uma só”. Respondeu o Caveira 18RR (2020), “O bioma e clima diferencia as ações. Nosso estado tem um cercado amplo modulando assim nossas ações”. Assim respondeu o Caveira 33:

No efetivo tocantinense é muito reduzido e dividido em 3 cidades o que dificulta alinhar os treinamentos e o faz perder um pouco de força. O diferencial do Tocantins é a garra que seus combatentes têm em se manter na missão por mais duradoura que seja. (CAVEIRA 33, 2019).

Já o Caveira 58 respondeu que:

Não conheço todas as Unidades de OE, mas das que eu tive oportunidade de visitar, a principal diferença é que são únicas com sede própria, geralmente na capital e calendário de treinamento. A nossa diferença é justamente esse fracionamento das equipes em locais distintos. (CAVEIRA 58, 2019).

O Cateano 32 (2020), “Não vejo essa diferença entre grupos de operações especiais, pois na formação dos operadores independente em qual federação, segue um mesmo alinhamento. A honestidade e o compromisso com a missão”. O Caveira 21 respondeu:

Eu vejo que a maior diferença é a nossa falta de efetivo e de uma sede própria. Já o diferencial tocantinense é formação inicial da CIOE, com a Sede na capital e duas bases estratégicas nas maiores cidades de Estado, sendo uma base em Araguaína na região norte, e em Gurupi na região sul. Nos demais Estados da Federação o COE só existe nas Capitais. (CAVEIRA 21, 2019).

Já o Caveira 23 respondeu que:

Com relação aos outros estados atendemos muito pouco as ocorrências que necessitem a utilização das alternativas táticas, por causa da cultura criminal do nosso estado. Além dos caveiras pioneiros temos outros caveiras

formados em outras escolas de operações especiais, onde buscaram novos conhecimentos para evolução do nosso grupo diante das nossas ocorrências e também da CIOE que é uma unidade formadora de conhecimento na polícia militar do nosso estado. (CAVEIRA 23, 2019).

Ao responder essa questão, o Caveira 23, lembra que diferentemente de outros estados da federação, a CIOE atende poucas ocorrências que requer atuações táticas, o que ele vai chamar “cultura criminal”. Deixando subentendido de que ocorre interferência por parte das outras especializadas nas missões que seriam típicas dessa unidade. Já o diferencial, é que além de existir os Caveiras do Sol, formados na PMTO no I-COEsp em 2003, também têm Caveiras e Cateanos formados em outras unidades de Operações Especiais das Forças Militares coirmãs, fazendo com que a CIOE evolua, pois, além de ela ser a tropa de Elite, também é responsável na transmissão de conhecimento aos demais militares das especializadas e da tropa ordinária. Cumprindo assim com a sua tríade, treinar, operar e instruir.

O Caveira 30 disse:

Nenhuma! Apenas habitats e terrenos diferenciados. O diferencial no Tocantins é a desvalorização por parte dos comandantes, pois aqui não recebemos nenhuma gratificação, em que outros estados existem essas ajudas para custear os acessórios e equipamentos que o guerreiro precisa comprar para desempenhar um serviço de qualidade a população. (CAVEIRA 30, 2020).

Já o Caveira 30, respondeu que não existe diferença entre a CIOE e as forças semelhantes de outros estados da federação. Porém, fez uma crítica no que tange o diferencial tocantinense, principalmente a desvalorização a esses operadores, pois estes, não recebem nenhuma gratificação para exercerem esse ofício, e que nos demais estados recebem. Segundo o Cav30, essa gratificação serviria para custear os acessórios e equipamentos, os quais esses operadores precisam comprar, pois, o estado não disponibiliza equipamentos adequados para algumas missões que estes homens cumprem, fazendo com que eles tirem do próprio bolso para custear a compra desses acessórios.

O Caveira 38 (2020), respondeu: “A dedicação diante da precária valorização estatal e social. Fazemos muito, com muito pouco.” Assim respondeu o Caveira 71:

As mazelas são as mesmas o nível técnico também, porém temos um diferencial que a atuação em ambiente rural, onde combatemos com

armamento e equipamento de alto nível e onde somos capazes de perdurar por longos dias na busca e captura de assaltantes. (CAVEIRA 71, 2019).

Já o Caveira 71, fala que o diferencial tocantinense é a atuação em ambiente rural, o qual segundo ele conseguem passar muitos dias “na busca e captura de assaltantes”, lembrando que a maioria das ocorrências atendidas por esses integrantes da CIOE começam na cidade, ou seja, na zona urbana, terminando na zona rural, pois normalmente, os assaltantes, após efetuarem os assaltos, costumam fugir para as matas com o intuito de despistar os policiais.

Respondeu o Cateano 06:

Nenhuma diferença no que tange a ideia de operações especiais, porém considerando que todo estado faz uma adaptação para sua realidade, no Tocantins é importante ressaltar como diferente, além da Base sede em Palmas, a existência de uma Base Avançada da CIOE no extremo norte do Estado. (CATEANO 06, 2019).

O Cateano 08 respondeu que:

Vejo a CIOE da PMTO como uma unidade que está amadurecendo para as Operações Especiais Policiais, que está se reestruturando no modo puro de uma unidade de Operações Especiais Policiais. Hoje o foco da CIOE gira em torno de Operações Rurais, porém as funções de uma unidade de Operações Especiais Policiais são muito mais abrangentes. (CATEANO 08, 2020).

Para o cateano 08, a CIOE está passando por um processo de amadurecimento no que diz respeito a reestruturação pura das Operações Especiais, lembrando assim, dos demais grupos que até então faziam parte da CIOE e que agora, essa unidade só exerce funções de OE.

Assim respondeu o Caveira 18 (2019), “Em termos de disciplina e doutrina praticamente não existe diferença. Não indico nada de diferente em termos operacionais”.

Portanto, o diferencial entre a CIOE e as forças semelhantes de outros estados da federação, são quase que inexistentes, embora citadas algumas distinções, a missão fim são as mesmas nas Operações Especiais. Porém, esses integrantes fazem observações e até mesmo críticas subjetivas no que tange o diferencial tocantinense, como: “falta de efetivo e de uma sede própria¹⁹, fazemos muito, com muito pouco, a desvalorização por parte dos comandantes”, entre outras.

¹⁹ No decorrer da pesquisa a CIOE foi elevada a BOPE em 26/01/2021, realizando o 1º CATE,

Na sequência foi perguntado quais são os cursos, critérios e exigências para se fazer parte da CIOE?

O Caveira 33 (2019), “COESP, COMANDOS e CAT”. A resposta do Cateano 06 foi:

Os cursos que habilitam o operador a fazer parte do efetivo da CIOE é o Curso de Operações Especiais (COEsp) e o Curso de Ações Táticas Especiais (CATE). Ambos realizam uma seleção dos voluntários da PM, através de TAF e psicotécnico, depois iniciam o curso os selecionados, com duração de 4 meses e 45 dias, respectivamente. (CATEANO 06, 2019).

O Cateano 08 respondeu:

Hoje temos como cursos bases para operar na CIOE o COESP (Curso de Operações Especiais) e o CATE (Curso de Ações Táticas Especiais). O militar depois de formar em um desses dois cursos poderá operar na CIOE. Após formado em um destes cursos e operando na CIOE, poderá se especializar em outras áreas mais específicas das operações especiais policiais. (CATEANO 08, 2020).

Já o Caveira 18RR (2020), “COESP, CATE, Aplicações táticas”.

O Caveira 14 respondeu que:

Os cursos para fazer parte da CIOE são, Curso de Operações Especiais (COESP) e Curso de Ações Táticas Especiais (CATE), ambos os cursos requer do candidato uma excelente qualidade física e um comportamento pessoal e social no mínimo BOM. (CAVEIRA 14, 2019).

A resposta do Caveira 18:

COESP (Curso de Operações Especiais) e CATE (Curso de Ações Táticas Especiais), tanto um como outro. Como critério e exigência é possuir um desses cursos, e, também uma avaliação do comandante da unidade e/ou também da tropa quanto ao guerreiro que queira integrar a unidade. (CAVEIRA 18, 2019).

O Caveira 21 disse:

Os cursos que habilitam um policial militar a ingressar na CIOE são o COEsp- Curso de Operações Especiais e o CATE- Curso de Ações Táticas Especiais. E os critérios são ter no mínimo dois anos de trabalho como policial militar, ter boa condita, está no bom comportamento e não está respondendo a inquéritos Policiais. (CAVEIRA 21, 2019).

A resposta do Caveira 23 (2019), “Curso de Operações Especiais, Curso de Ações Táticas Especiais e o Curso de Aplicações Táticas”.

amenizando em partes a carência de efetivo.

O Caveira 23, além de citar os dois cursos que habilitam a integrar a CIOE, cita também o de aplicações táticas, porém, farão o EAT aqueles militares escolhidos na tropa ordinária, por terem o perfil que agrada aos integrantes da CIOE. Ou seja, irão fazer o estágio e aguardarão a oportunidade de cursarem o COEsp ou o CATE, assim legitimando a permanência na Companhia Independente de Operações Especiais.

Assim respondeu o Caveira 38:

COESP (Curso de Operações Especiais) e CATE (Curso de Ações Táticas Especiais), ou EATE (Estágio de Ações Táticas Especiais). Isso atendendo todos os critérios e exigências que o cargo requer. (CAVEIRA 30, 2020).
Curso de Aplicações Táticas, Curso de Ações Táticas Especiais, e Curso de Operações Especiais. Sendo o último o mais completo devido ao grau de padronização nacional que existe na formação dos operadores. (CAVEIRA 38, 2020).

O Caveira 58 (2019), respondeu que: “Para atuarem na atividade fim, COESP e CATE, além do recrutamento de Estagiários que permanecem nessa condição aguardando os referidos cursos, porém temos o efetivo administrativo do qual não há essa exigência”.

Aqui o Caveira 58, cita os cursos critérios para integrar a CIOE, como o COEsp e o CATE, além do estágio (EAT). Ele faz também uma observação pertinente, que para fazer parte do quadro administrativo da CIOE, não precisa ter um dos cursos exigidos, ou seja, não precisa ser Caveira ou Cateano. E complementando a fala do Cav58, também não é preciso ser homem para integrar esse quadro administrativo, pois embora a CIOE seja composta por 99% de homens, existe uma presença feminina que exerce a função administrativa, essa única mulher a integrar a CIOE é a Sargento Lusinete.

O Caveira 71 (2019), “Voluntariado, idoneidade moral, capacidade técnica individual, preparo físico e no mínimo dois anos de serviços de rádio patrulha RP”. O Cateano 32 (2020), respondeu: “Os cursos são COESP (curso de operações especiais) OU CATE (curso de ações táticas especiais). Mas para fazer parte da CIA basta ser voluntário e como estagiário para galgar no futuro um destes dois cursos”.

Ao responderem a essa questão, os integrantes da CIOE foram unanime em falar dos cursos exigidos para fazer parte da Companhia Independente de Operações Especiais, reforçando que esses cursos são o COEsp e o CATE, além dos estágios de aplicações táticas (EAT), para aqueles que são “pinçados²⁰” na tropa

²⁰ Esse processo ocorre quando observado que o militar tem perfil, ou seja, iniciativa, espírito de equipe

ordinária por demonstrarem perfil e voluntariado, permanecendo assim até fazerem os cursos que irão legitimá-los a permanecer na CIOE.

Sabendo dos critérios e dos rituais para ingresso e permanência na CIOE, foi perguntado se existem rituais para saída e/ou desligamento da CIOE?

O Cateano 32 (2020), respondeu: “NÃO!”. Assim respondeu o Caveira 18RR (2020), “Não. O voluntariado é o principal critério para permanecer na CIOE”. O Caveira 71 (2019), disse: “Rituais para saída não temos, porém, quem pertenceu os quadros da CIOE é sempre bem-vindo e é sempre lembrado”. A resposta do Caveira 33 (2019), “Para entrar são cursos operacionais, para sair só um ‘até breve’”.

O Caveira 33, comenta que para entrar na CIOE, basta ter os cursos operacionais como o COEsp e o CATE, mas para sair só um até breve, pois dependendo de como esse operador saiu da CIOE, ou seja, a pedido ou por interesse do serviço; poderá retornar a integrar a CIOE. Respondeu o Caveira 58 (2019), “Para desligamento não há”. Assim respondeu o Caveira 38 (2020), “Atualmente desconheço”.

O Caveira 30 respondeu:

A saída pode acontecer a pedido, de forma voluntária. Aqui na CIOE ninguém é obrigado a ficar. Já o desligamento pode acontecer por um desvio de conduta por parte do guerreiro ou até pelo fato do guerreiro está indo pra reserva. Mas todos que saem, sempre que possível faz uma homenagem ao guerreiro e o reconhecimento pelos serviços prestados permanece. (CAVEIRA 30, 2020).

Já o Caveira 30, lembra que ninguém é obrigado a ficar na CIOE, até porque para fazer parte dessa Unidade tem que ser voluntário. O desligamento poderá ocorrer quando o operador faltar com a conduta exigida pela CIOE, ou a pedido, no caso da ida deste agente para Reserva Remunerada (RR), neste último, costuma ter uma homenagem de reconhecimento pelos bons serviços prestados por este operador.

Para o Caveira 23 (2019), “Não. Mas deveria existir”. Já para o Caveira 21 (2019), “Na CIOE não existe nenhum ritual pra saída ou desligamento de alguém. Existe um ritual pra quem é desligado, mas isso só ocorre durante os cursos para ingresso na CIOE”.

e uma boa relação com os demais, esse militar é convidado a fazer parte da CIOE, após faz o EAT (Estágio de Aplicações Táticas), ficando como estagiário, o qual irá treinar e se preparar para que na primeira oportunidade possa cursar o COEsp ou o CATE.

O Caveira 18 (2019) disse: “Obrigatoriamente não. Porém, se o guerreiro sair pela porta da frente é de costume a tropa fazer uma despedida desse guerreiro em agradecimento ao tempo que esteve na unidade”.

O Caveira 14 relatou que:

Como foi respondido na questão (3-) sobre ritos e mitos que os candidatos passam durante os cursos, se caso algum componente da CIOE quiser sair da unidade visto que nem um componente é obrigado a ficar nela e sim voluntário, o ritual na maioria das vezes se faz uma confraternização de agradecimento aos bons serviços prestado pelo guerreiro que está saindo, agora se caso haver desvio de conduta de algum policial da CIOE ele é orientado pelo comandante e seus colegas, e permanecendo o erro o próprio CMT faz o documento de transferência do mesmo para outra unidade. (CAVEIRA 14, 2019).

O Cateano 08 (2020), “Não existem rituais de saída ou desligamento”. Disse o Cateano 06 (2019), “Atualmente não há nenhum ritual, porém normalmente se realiza um evento festivo”.

Nas respostas, é observado, que não existem critérios ou rituais para saída e/ou desligamento da CIOE. Porém, quando o operador sai a pedido ou quando vai para Reserva Remunerada, sem o desvio de conduta, é homenageado pelos bons serviços prestados, como um reconhecimento de honra para aqueles que estão saindo pela porta da frente da Companhia Independente de Operações Especiais.

Em seguida foi perguntado o que eles veem/identificam como vantagens e desvantagens em fazer parte da CIOE?

O Caveira 21 respondeu:

A primeira vantagem hoje é poder trabalhar na cidade onde moro, porque nem sempre isso é possível. Depois poder trabalhar com os melhores armamentos e equipamentos da PMTO, trabalhar com profissionais qualificados, já a desvantagem é a nossa total exclusividade a CIOE, porque estamos sempre atentos ao celular, a qualquer momento poderemos ser acionados, mesmo estando de folga. (CAVEIRA 21, 2019).

A resposta do Caveira 18:

A vantagem é de estar trabalhando ao lado de homens preparados e destemidos; equipamento e armamento diferenciado, etc. A desvantagem se traduz na compra de apetrechos para o guerreiro se equipar melhor, tendo em vista que o estado não banca parte desses apetrechos. (CAVEIRA 18, 2019).

Já para o Cateano 06 é:

Vantagem de treinar e operar com os profissionais mais preparados tecnicamente, psicologicamente e fisicamente; enquanto a desvantagem é que o operador pode ser acionado a qualquer momento para uma crise, mesmo no seu momento de folga. (CATEANO 06, 2019).

Já para o Cateano 08 é:

Vantagens: o militar que opera na CIOE terá ao seu lado outros militares com excelente qualificação técnica e psicológica. Opera sempre com um mínimo de 04 (quatro) homens. Possui a sua disposição o que há de melhor em armamento na PMTO. Trabalha com homens motivados. Desvantagens: Na atual conjuntura tocantinense são poucas ocorrências que a CIOE é chamada, principalmente pela falta de protocolo de atuação em Gerenciamento de Crises e pela falta de consciência organizacional, tática e operacional da maioria dos integrantes da PMTO. (CATEANO 08, 2020).

O Cateano 32 respondeu:

A vantagem é que um grupo menor existe uma aproximação melhor entre os operadores e por desempenhar um papel específico na PMTO temos desvantagens como falta de recurso por parte da PMTO para compra de matérias equipamento de boa qualidade. E as vezes muito tempo na missão longe de casa e família. (CATEANO 32, 2020).

O Caveira 33 (2019) respondeu: “Vantagem são as portas de outros cursos que se abrem agregando conhecimento, desvantagem vê na tropa toda, o guerreiro ter que tirar do bolso muitas vezes dinheiro para custear cursos, alimentação etc.”

Para o Caveira 18RR (2020), “O treinamento diferenciado e a união”.

Assim respondeu o Caveira 14 (2019), “Uma das vantagens em fazer parte da CIOE é que os policiais estão em constante treinamento e atualização técnica, as desvantagens é que na maioria das vezes os policiais para se qualificar tem que gastar do próprio salário”.

O Caveira 23 respondeu:

Vantagem: Acesso ao treinamento, conhecer intimamente os operadores que trabalham conosco, oportunidade de atualização de conhecimento. Desvantagem: Temos necessidade de armamentos, equipamentos e acessórios diferenciados, e muitos desses materiais temos que custear por gasto financeiro pessoal (próprio), pois a instituição na maioria das vezes não fornece e também pela dedicação integral a CIOE acabamos perdendo em partes a convivência familiar. (CAVEIRA 23, 2019).

A resposta do Caveira 30 foi:

A vantagem é de trabalhar com uma equipe bem adestrada isto cresce a confiança, além do sincronismo de trabalho em equipe ou individual, ainda porta equipamento e armamentos de qualidade. A desvantagem já foi citada

que é de o Guerreiro comprar do seu próprio orçamento alguns equipamentos e apetrechos, além de escalas sobrecarregadas e a diminuição de algumas vantagens pecuniárias como o não participação de horas extras. (CAVEIRA 30, 2020).

Em sequência o Caveira 38 respondeu que:

Vantagens: estar atuando na tropa mais especializada da Segurança Pública; Estilo de vida de dedicação técnica, física e mental. Desvantagens: Sacrifício financeiro devido à falta de investimento estatal em Segurança Pública; e o distanciamento familiar pois passamos muito tempo seguido empregado em missões e operações. (CAVEIRA 38, 2020).

O Caveira 38, como os demais operadores, reclama do sacrifício financeiro que estes fazem para comprar os acessórios, pois muitas das vezes os que são pagos pela PMTO, são inadequados para a função fim que eles exercem.

O Caveira 58 respondeu que:

Vantagens: fazer parte de um grupo que tem uma atividade diferenciada, horários, escalas e equipamento diferenciados. Desvantagens: atualmente não ter uma infraestrutura adequada para o treinamento necessário, não ter sido desenvolvido ainda uma atividade de inteligência e trânsito de informações, para emprego do grupo com mais frequência em operações, e assim aproveitar todo o seu potencial. (CAVEIRA 58, 2019).

A essa pergunta o Caveira 71 (2019), respondeu que: “Vantagem: Respeito e reconhecimento mútuo desde o comando ao soldado mais moderno público interno da unidade; Desvantagem: Dedicção exclusiva ao trabalho, pouco reconhecimento e/ou nenhum, pelos governos”.

As respostas são bem distintas, pois dependendo da função desempenhada por estes no interior da CIOE, mudam, a exemplo, daqueles que exercem as funções de *snipers*, gerenciamento de crise, do comandante da Unidade e dos demais operadores. Cada um com sua visão e alegações subjetivas de suas necessidades.

Porém, é notório, que para fazer parte da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins, requer uma entrega a mais por parte destes operadores, pois a maioria respondeu que uma das desvantagens é passar muito tempo longe da família e de serem acionados a qualquer momento; mesmo, quando estão em suas merecidas folgas.

Mas também, fica evidente a satisfação em trabalharem juntos, ou seja, homens altamente treinados e qualificados para cumprirem a missão. É perceptível também, o “espírito militar” existente entre esses operadores da CIOE-PMTO. Assim:

Os *espíritos das armas* compõem um sistema classificatório que estabelece uma homologia entre as características pessoais exigidas pelas diferentes “missões” (isto é, tarefas) de cada Arma numa situação de *combate* – as “atividades-fim” – e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidos na situação de não-combate, no cotidiano. [...]. Temos então uma espécie de “totemismo”²¹ no qual os membros de cada Arma compartilham entre si regras de conduta mais ou menos obrigatórias e um estoque de símbolos comuns (emblemas, canções, motes²², patrono etc.) relacionados ao espírito da Arma. (CASTRO, 2004, p. 59).

É com esse espírito militar que esses homens de preto se comportam no combate e em seus cotidianos. Os *habitus* adquiridos estarão sempre presentes nestes operadores que habitam o campo das Operações Especiais.

Foi perguntado quais as dificuldades enfrentadas por estes quando ingressaram na CIOE, se houve algum estranhamento por parte dos outros policiais em aceitar um grupo que usa uniformes, armamentos e concepções diferentes?

Respondeu o Caveira 71 (2019), “Nenhuma dificuldade, no mais sempre existiu os desrespeitosos de alguns policiais da PMTO por algum motivo que não sei qual é”. O Caveira 71 fala que não teve nenhuma dificuldade, porém, diz que existiu desrespeito por parte de alguns militares da tropa ordinária. Provavelmente por não terem conhecimento de qual seria a função deste novo grupo dentro da PMTO.

Já o Caveira 21 (2019) respondeu que: “A dificuldade em entrar foi concluir o COESP/2003, primeiro e único no Tocantins. Estranhamento houve sim, porém foi uma questão de tempo”. O Caveira 21 narra que a maior dificuldade foi concluir o Curso de Operações Especiais (COEsp - 2003), ele também lembra que foi o primeiro e único curso para integrar a CIOE até agora na PMTO, pois os demais integrantes fizeram os seus cursos em outros estados. “Estranhamento houve sim”. Porém, com o passar do tempo até pelo espaço que esse grupo foi conquistando, a tropa ordinária passou a conhecer e a respeitar essa Unidade que é a Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins.

²¹ Sinônimo masculino; Doutrina e rito totêmico; crença no totem. totemismo.

²² Sinônimo masculino; Legenda de brasão; conceito geralmente expresso num dístico ou numa quadra, para ser glosado, mote. Fonte: BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. Para o Ensino fundamental. São Paulo: FTD, 2000.

A resposta do Caveira 58 a essa pergunta foi que:

Todas as dificuldades que os pioneiros em qualquer atividade encontram, que vão desde buscar a infraestrutura mínima para realização do trabalho, até se fazer entender por aqueles que desconhecem as Operações Especiais, e toda sua simbologia e ritualística. (CAVEIRA 58, 2019).

Lembra o Caveira 58, que todo pioneiro é um desbravador, sendo normal passar por dificuldades, no caso da CIOE, conquistar a confiança da tropa ordinária, como também construir ou ter uma infraestrutura mínima para exercer as Operações Especiais, ou seja, ter uma sede própria e digna para esses operadores.

Para o Caveira 38 (2020), “Não tive dificuldades. Pelo contrário, devido à dificuldade em concluir um curso de Operações Especiais há uma grande admiração de toda a tropa. Ao formarmos somos exemplos”. No caso do Caveira 38, o mais novo a concluir o COEsp e a integrar a CIOE, já tem uma narrativa distinta dos demais, pois para ele não houve dificuldades, ao contrário, pois segundo o mesmo, passou a ser mais admirado, pois devido à dificuldade que é concluir o Curso de Operações Especiais, passou a ser admirado não só pelos demais operadores da CIOE, mas também pelo os demais da tropa ordinária.

O Caveira 30 respondeu que:

A dificuldade foi pra entrar e concluir o curso pois exige do guerreiro muita disponibilidade psicológica e física, já o estranhamento vem no natural por parte da tropa ordinária em não usar viaturas, equipamentos e armamentos diferenciados. (CAVEIRA 30, 2020).

A resposta do Caveira 23 (2019), “A preparação física para ingresso na unidade (COESP). Não”. O Caveira 18 (2019), respondeu: “A dificuldade em entrar foi concluir o COESP/2003, primeiro e único no Tocantins. Estranhamento houve sim, porém foi uma questão de tempo”. Já a resposta do Caveira 14 (2019), “Houve muita resistência por parte de alguns colegas em aceitar o grupo quando foi criado até mesmo por não entender o verdadeiro sentido de ter uma tropa de Operações Especiais na instituição”.

O Cateano 08 respondeu que:

A tropa ordinária tem um certo afastamento com a CIOE, mas muito por causa do comportamento de alguns militares que criaram esse distanciamento com posturas arrogantes de diferenciação. Porém, esse distanciamento vem sendo diminuído com uma nova cultura de aproximação da tropa, principalmente com instruções aos militares tocantinenses em geral. (CATEANO 08, 2020).

O Cateano 06 (2019), respondeu que: “Sim, desde missões repassadas incompatíveis com os atributos da CIOE, até ingerências de alguns policiais em aceitar a CIOE como diferente pela natureza da missão”. O Cateano 32 (2020), respondeu: “Não, fui bem recepcionado e até incentivado, a dificuldade maior foi a disciplina maior com os treinamentos para buscar ser cursado”. O discurso do Cateano 32 se parece muito com o do Caveira 38, pois ambos são soldados e foram os últimos a integrarem a CIOE. O Caveira 18RR (2020), respondeu: “O desconhecimento de outros colegas de farda com relação ao que fazemos, defendemos e somos”.

Já o Caveira 33 (2019) respondeu que: “Recursos escassos para equipamento e treinamento como fardamento ou tiro em estande são dificuldades dos operadores”. O Caveira 33, fala da dificuldade e da carência de materiais e acessórios, como fardamentos e equipamentos, pois muitas vezes esses operadores têm que tirar do próprio bolso para sanar essas necessidades. Portanto, o discurso da maioria ao responderem a essa questão, foi a de reconhecerem a dificuldades que tiveram em concluir os seus cursos, ou seja, COEsp ou CATE. E que o estranhamento está relacionado a falta de conhecimento de muitos para com a missão fim ao qual eles exercem.

Em seguida foi perguntado qual a diferença entre os policiais de Operações Especiais da CIOE em relação aos outros militares?

O Caveira 33 (2019), destacou que: “Seu foco é diferenciado assim como seus valores e ética no prezar com fardamento e equipamentos”. O Caveira 33 fala que o foco, a ética, os valores e o cuidado com o fardamento e os equipamentos são distintos dos demais da tropa ordinária, até porque a missão é outra.

Para o Caveira 18RR (2020), “Realizamos ações e operações de alto risco de maneiras sucinta e eficiente”. O Caveira 18RR, lembra que os integrantes da CIOE exercem ações de Operações Especiais. Ou seja, cumprem missões (ocorrências) que fogem da normalidade de maneira eficiente e eficaz.

O Cateano 06 (2019), destaca que: “Nenhuma diferença substancial, porém, os de Operações Especiais estão preparados fisicamente, psicologicamente, tecnicamente e belicamente para cumprir missões críticas em todos os cenários”. Para o Cateano 06, a diferença é normal, até porque eles passaram por cursos que os prepararam fisicamente, psicologicamente e taticamente para exercerem as

Operações Especiais, independentemente do ambiente a qual é a missão fim da CIOE.

Já para o Cateano 08 (2020), “Na verdade, todos os policiais militares têm igual valor, seja da CIOE ou não, o que muda é a preparação técnica, psicológica e de melhor equipamentos para atuarem em ocorrência de altíssima complexidade”. O Cateano 08 é mais cauteloso, pois diz que tanto a tropa ordinária e os operadores da CIOE têm o mesmo valor. Porém, os integrantes da CIOE são preparados para agir em ocorrências de alto risco e que para isso eles passaram por cursos que os habilitaram a essa função. Ou seja, as Operações Especiais.

Na sequência o Caveira 14 (2019), respondeu que: “A grande diferença do policial de Operações Especiais está em no constante treinamento e atualização técnica para o bom atendimento das ocorrências de alta complexidade”.

O Caveira 14 ao falar que a grande diferença entre os policiais da tropa ordinária e os operadores das Operações Especiais é o constante treinamento, lembrando de Sun Tzu (2002), quando diz: “[...] a configuração do poder estratégico daqueles que excelem na guerra é centrada, suas pressões precisas”. Ou seja, os homens de Operações Especiais são e estão preparados para cumprir qualquer missão.

O Caveira 18 respondeu que:

Os cursos de COESP e CATE nos dar uma gama de conhecimento muito grande e em várias áreas como: tiro de precisão, combate em ambiente fechado, resgate de reféns, técnicas de patrulha urbana e rural, técnicas verticais, entre outros. Conhecimentos esses que, via de regra, não são ministrados em um Curso de Formação de Soldado. (CAVEIRA 18, 2019).

Assim respondeu o Caveira 21:

A diferença está em nossas atribuições, é nossa missão atender as ocorrências de alta periculosidade, as ocorrências que não pode ser atendida pela tropa convencional porque requer um treinamento, armamento e táticas específicas para cada ocorrência, para isso usamos um uniforme diferente que tem como objetivo não só nos diferenciar como também causar efeito psicológico no infrator. (CAVEIRA 21, 2019).

Para o Caveira 23 (2019), “A busca incessante pelo conhecimento e respeito aos nossos 11 mandamentos”.

O Caveira 30 respondeu:

Tem a diferença do curso em si, que foi exigido uma etapa muito pesada, onde o Guerreiro foi testado em vários ambientes, passando por diversas baterias e oficinas, automaticamente o profissional é atribuído às ocorrências de maior complexibilidade na corporação. (CAVEIRA 30, 2020).

Para o Caveira 38 (2020), é: “O alto nível de conhecimento, onde estamos aptos a treinar, operar e instruir todas as demais tropas e atividades operacionais da corporação. A dedicação e abnegação para com o Serviço Policial Militar”.

Assim respondeu o Caveira 58 (2019), “Equipamento, fardamento, treinamento, escala, área de atuação e etc.” A resposta do Caveira 71 (2019), “Dedicação ao trabalho”. O Cateano 32 (2020), respondeu que: “Como já falei só o fardamento e o conhecimento específicos em determinadas missões”.

Ao responderem a essa questão, todos falaram que os cursos que habilitam a integrar na Companhia Independente de Operações Especiais, têm uma carga e exigências diferentes dos cursos de admissão da Polícia Militar do estado do Tocantins, o CFSD e o CFO. Ao fazerem e concluírem o COEsp e o CATE, esses homens passaram por várias situações extremas, os quais foram testados ao limite humano, treinando em meio líquido, sólido e no ar. Treinaram e operam com vários modelos e calibres de armas de fogo ou armas brancas. Adquiriram novos *habitus* sendo instituídos (BOURDIEU, 2003), a Operações Especiais, respeitando os mandamentos, a oração e a doutrina de OE.

Esses homens sabem que não são melhores que os demais militares da tropa ordinária, porém, se diferem, por suportarem tudo o que lhes foi exigido para cumprirem com excelência a missão dada, passando a habitar esse novo campo que é as Operações Especiais e integrar a CIOE que é a tropa de Elite da PMTO.

Em seguida foi perguntado como eles lidam com essas diferenças no cotidiano, enquanto policiais militares no Tocantins?

Respondeu o Caveira 38 (2020), “Creio que são características inerentes as missões das atividades exigidas pela CIOE”. A resposta do Caveira 18 (2019), “Estou há 16 anos nesta unidade (CIOE), portanto vejo essas diferenças da forma mais natural possível”. Já o Cateano 32 (2020), “Não tenho dificuldade”.

A resposta do Caveira 58 (2019), “Pela atividade diferenciada que praticamos, lido de forma natural na caserna, pois o uso de fardamento e equipamento distinto do restante da tropa está ligado as atribuições que a CIOE possui para poder executar suas missões”.

O Caveira 14 (2019), respondeu que: “Com o passar dos anos fomos acostumando com essas diferenças”. (CAVEIRA 14, 2019). Respondeu o Caveira 23 (2019), “Não tenho dificuldade com essa questão”. Já o Caveira 21 (2019), respondeu: “Naturalmente. Se eu voltar a trabalhar na tropa ordinária, apesar de ter treinamento e conhecimento eu não poderei mais atender as ocorrências que atendia antes, porque agora não é mais minha atribuição”.

O Caveira 71 (2019), “Normalmente. Há várias outras preocupações no cotidiano do ser humano, se formos lidar com cada uma, passaríamos a vida resolvendo esses picos”. O Cateano 06 (2019), respondeu: “Sobretudo com humildade”. A resposta do Cvaeira 18RR (2020), “Tento mostrar humildade e companheirismo a esses irmãos de fardas”. O Cateano 08 (2020), respondeu: “Procuro entender que sou igual a qualquer outro policial e que a minha missão enquanto operador da CIOE é muito importante para a PMTO e busco fazer o meu melhor no combate à criminalidade”.

A essa pergunta o Caveira 33 (2019), respondeu: “Sempre em busca da melhora”. O Caveira 30 (2020), “Com Humildade, aos poucos os outros militares vão adquirindo o respeito e o reconhecimento”.

Ao responderem a essa questão é perceptível que esses homens procuram entender essa diferença, não por se acharem melhores, mas pela atividade diferenciada que exercem, lidando de forma natural para com os demais policiais militares da tropa ordinária.

Em seguida foi perguntado se pelo fato de serem policiais, vocês sofrem algum tipo de preconceito por parte da sociedade tocantinense?

O Caveira 33 (2019), respondeu que: “Não, só gratidão”. A resposta do Caveira 14 (2019), “Particularmente não sofro preconceito por parte da sociedade, pelo contrário, percebo que a população gosta da Polícia Militar do Estado do Tocantins”. Já o Caveira 18RR (2020), respondeu: “No Tocantins a população é bem favorável aos policiais”. A resposta a essa pergunta o Caveira 58 (2019), disse que: “Nunca sentir nem presenciei esse tipo de situação”.

O Caveira 38 (2020), “Existe por parte da sociedade, mas trato de forma indiferente”. O Caveira 38 até admite que existe esse tipo de preconceito por parte de alguns da sociedade, porém, segundo ele, lida de forma imparcial com essa situação.

Para o Caveira 18 (2019), “Preconceito mesmo não. Porém, algum desdém ou algum descaso já aconteceu”. Já o Cateano 32 (2020), “Às vezes, mas a maioria só elogios”. A resposta do Cateano 06 (2019), “Não”.

O Caveira 30 respondeu que:

Sim, só o fato de você ser militar, muitas pessoas não gostam, ou até de familiares que tiveram problemas com a Polícia, passam a não ter uma boa impressão pelo profissional. Mas quero deixar claro que é uma pequena parcela da sociedade. (CAVEIRA 30, 2020).

Já o Caveira 30, diz que às vezes têm pessoas que não sabem diferenciar o atendimento por parte do policial, às vezes um parente foi abordado de maneira que o cidadão não concordou e passam a generalizar, agindo de forma preconceituosa para com os demais agentes, fazendo uma ressalva, diz ser uma pequena parcela da sociedade que costuma agir assim.

A resposta do Caveira 21 é que:

Quem me conhece sabe que eu evito ao máximo me identificar como policial militar, muito menos que trabalho em uma unidade especializada, não só pelo preconceito, mas por uma questão de segurança. Tem muita gente que ama a Polícia e apoia nosso trabalho, porém tem muita gente que nos detestam, rotulam e nos generalizam. (CAVEIRA 21, 2019).

O Caveira 21, ao responder essa questão diz, que por motivo de segurança costuma não se identificar como policial e nem falar que é da CIOE, pois tem muitos que admiram a Polícia, mas tem outros que não gostam, além de rotular e generalizar a Polícia, por ações isoladas praticadas por más profissionais.

Já o Cateano 08 (2020), “No Estado do Tocantins não percebo preconceito quanto a minha situação profissional ou pessoal”. O Cateano 08 deixa bem claro que no estado do Tocantins ele nunca percebeu nenhum tipo de preconceito, porém não disse se já sofreu algum fora do estado.

A resposta do Caveira 23 (2019), “Particularmente não sofri preconceito”.

O Caveira 17 disse que:

É incrível como a sociedade nos trata quando somos soldados, refiro literalmente pela graduação. Pois já existe um desrespeito por parte dos integrantes da corporação e isso excede aos muros do quartel, coisa que é bem diferente quando você é sargento por exemplo. (CAVEIRA 71, 2019).

Aqui o Caveira 71 faz uma observação interessante, destacando que existe preconceito até mesmo na instituição não pelo fato de ser policial militar, mas por ser soldado, o que segundo ele ultrapassa os muros da caserna atingindo a sociedade, mas quando está sargento que é a graduação do Caveira 71, ele diz não sofrer preconceitos e até admite ser mais respeitado.

Portanto, ao responderem a essa questão, ficou claro que existe um certo preconceito por parte de alguns da sociedade, mas que esses profissionais agem com imparcialidade diante dessa situação, procurando dar ênfase para aqueles que admiram e respeitam, valorizando a importância da Polícia para a defesa da sociedade. Lembrando que um dos objetivos dessa pesquisa é desconstruir o preconceito de alguns da sociedade para com a Polícia, principalmente com a Polícia Militar, sendo a responsável por fazer o policiamento preventivo e ostensivo.

Baseado nesta desconstrução de preconceitos para com a Polícia Militar, foi perguntado a estes integrantes da CIOE sobre o senso comum, praticado por algumas pessoas que pensam que eles só chegam para “matar”, por terem como símbolo uma caveira?

O Caveira 38 respondeu que:

As atribuições da CIOE conduzem a resultados mais relevantes pois somos instrumento de resolução definitiva, quando acionados iremos resolver a situação, e normalmente são em desfavor de elementos de alta periculosidade havendo a necessidade de combater de forma proporcional. Mas não há relação de ações da CIOE terem uma relação do símbolo da caveira com o resultado morte nas ocorrências. O resultado de uma ocorrência depende principalmente da conduta do autor. (CAVEIRA 38, 2020).

Em sua resposta o Caveira 38 deixa bem claro que a ação do perpetrador causará uma reação à altura por parte da Polícia. E que o símbolo da caveira não tem esse significado, pois para esses operadores a caveira simboliza a vitória da vida sobre a morte. Ou seja, esses homens são treinados para proteger o cidadão de bem e conduzir preso aqueles que estão à margem da lei.

Para o Cateano 32 (2020), “Só falam isso quem não conhece o que somos e o que fazemos e às vezes é necessário este mistério”. O Cateano 32 diz que quem fala isso, não sabe o que realmente eles exercem, mas acha interessante que alguns pensem assim, principalmente os infratores da lei.

Já o Caveira 71 (2019), respondeu que: “Fico tranquilo, pois não me importo com o pensar dos outros agimos em cima da lei”. O Cateano 06 (2019), “Visão

distorcida da realidade, pois a caveira com uma faca cravada nela significa historicamente vitória sobre a morte, que justifica bem nossa missão, salvar vidas e aplicar a lei”.

Assim respondeu o Caveira14 (2019), “A tropa de Operações Especiais ela é vista desta forma, mais a verdadeira função de um homem de OE, é salvar vidas e aplicar a lei”. Ao responder essa questão o Cateano 08 (2020), relatou assim: “Sociedade ainda enxerga no símbolo da caveira uma marca da morte, mas isso é mais pela falta de conhecimento da história deste símbolo e da doutrina que rege este grupo”.

O Caveira 18 (2019), respondeu: “Vejo que isso já diminuiu bastante. Minha percepção é serena e discreta quanto a isso. Acredito que isso seja fruto da falta de informação”. Já para o Caveira 18RR (2020), “Também podemos usar como fator psicológico para dissuadir ações criminosas”. O Caveira 18RR, ao responder, disse que essa desinformação social pode ser usada para reduzir a capacidade das ações daqueles que são inimigos da lei.

Para o Caveira 21 (2019), “Vejo isso como falta de conhecimento do que fazemos. Isso não é culpa de quem fala e sim uma falha nossa, desde o início a CIOE é muito reservada e quase não há divulgações do que somos e o que fazemos”. Já o Caveira 21, faz uma observação interessante, ele diz que de uma certa forma a culpa por essa desinformação é dos próprios integrantes da CIOE, pois desde a criação desta Unidade, não divulgam o que são e o que fazem, o que segundo ele, é o causador dessa falta de conhecimento.

Assim respondeu o Caveira 23 (2019), “Desconhecimento por parte dessas pessoas com relação a nossa unidade”. Para o Caveira 30 (2020), “Muitas pessoas desenvolvem este pensamento, até por falta de conhecimentos ou por acreditar em certos dogmas, trabalhamos de forma técnica a morte só virá se o perpetrador reagir, sempre oriento a sociedade sobre tal”.

O Caveira 33 (2019), relatou que: “Chegar para dar apoio aos irmãos em legitima defesa e em estrito cumprimento do dever legal”. O Caveira 33, lembra que a CIOE é a tropa de Elite da PMTO, ou seja, apoia o policiamento ordinário quando esses precisam, pois, esses operadores agem em defesa do estrito cumprimento do dever legal.

A resposta do Caveira 58 (2019), a essa pergunta é que: “No Estado do Tocantins a Polícia Militar como um todo, goza de grande prestígio junto à população,

eventuais casos de abusos são pontuais e recebem atenção especial pelos mecanismos de controle interno e externos”.

O Caveira 58 lembra que a PMTO tem um grande respaldo para com a sociedade tocantinense e que pensamentos como estes são irrelevantes, pois, além do desconhecimento, se caso venha ocorrer algo que não seja lícito, são ações isoladas e receberá atenção especial por quem de direito.

Portanto, ao responderem a essa questão, houve unanimidade ao dizerem que se trata de falta de conhecimento para com a história e a conduta dos homens de preto, que usam como símbolo uma caveira. Pois, raramente esses operadores cometem erros em suas ações.

Pensar que eles só chegam para matar, gera uma visão distorcida de que eles não prendem, matando mesmo quando o cidadão infrator se entrega, algo que não se coaduna com a missão fim destes agentes, que passaram por cursos dos quais exigiram muito do preparo psicológico e do controle emocional, o qual só irão neutralizar a injusta agressão quando o criminoso não obedecer e reagir colocando a vida destes ou de terceiros em risco.

Na sequência foi perguntado sobre as experiências ou ocorrências que mais marcaram esses homens de preto na CIOE, por quê?

Para o Caveira 33 (2019), “Capotamento de viatura na ocorrência de estouro a carro forte em Guaraí, ali mais uma vez beiramos a morte”. O Caveira 33, lembra que andam lado a lado com a morte, ao citar um capotamento que a equipe sofreu quando estavam em missão, lembrando que a CIOE-PMTO por ser a Elite da tropa, tem atuação em todo território tocantinense, tendo que se deslocar por diversas estradas e situações adversas, onde estiver ocorrendo crimes, principalmente assaltos a bancos e a carros fortes.

Já para o Caveira 18RR (2020), “Foram as Operações em Pequizeiro, pelo fato de um irmão de farda tombar em combate”. O Caveira 18RR, lembra da ocorrência na cidade de Pequizeiro o qual estavam à procura de assaltantes a bancos que estavam na mata da região e que infelizmente um integrante da ROTAM veio a óbito ao se confrontar com o grupo de criminosos. Assim:

O sargento Deusdete Américo Gama, de 53 anos, morreu após uma troca de tiros com uma quadrilha suspeita de explodir um posto de atendimento bancário na região de Pequizeiro. A explosão foi registrada na madrugada desta sexta-feira (1º), por volta das 3h. Os criminosos teriam usado explosivos para abrir um buraco na parede do prédio e depois para explodir

um cofre. A PM informou que o policial morreu durante uma operação realizada na região para prender os suspeitos desse crime, por volta das 11h30 desta manhã. O policial chegou a ser socorrido, mas morreu no hospital de Araguacema. (G1 TOCANTINS, 2019).

Assim respondeu o Caveira 38 (2020), “Ainda não operei em grandes ações, pois sou o mais recém formado”.

O Caveira 38, comenta que ainda não teve a oportunidade de participar de ocorrências marcantes, até porque ingressou recentemente na CIOE. Com certeza, futuramente se fizermos essa mesma pergunta para ele, teremos uma resposta diferente.

O Cateano 32 (2020), respondeu que: “A mais marcante com certeza foi ocorrência de assalto a carro forte na região da cidade de Pequizeiro a qual foi a maior do estado onde foi mobilizada centenas de polícias inclusive de cor-irmãs. Marcou principalmente pela morte de um companheiro de farda”.

O Caveira 21 respondeu que:

Na verdade, são duas ocorrências. Na primeira não vou entrar em detalhes, trata-se da ocorrência onde perdemos o cabo Calaça. Não participei diretamente, mas fui a apoio, e foi muito difícil ver um amigo com nossa farda preta ali sem vida enrolado em uma lona azul. A segunda ocorrência foi à operação Hórus Divisa ocorrida em novembro de 2019 onde uma quadrilha de roubo a bancos, muito procurada em todo o Nordeste tentou fazer um roubo ao carro forte no município de Pequizeiro -TO. Essa marcou não pela quantidade de dias ou efetivo utilizado, mas sim pelo reconhecimento e agradecimento da sociedade tocantinense. Foi a maior ocorrência da história da PMTO, começou como muitas outras e foi evoluindo. Nessa ocorrência perdemos o 1º SGT Américo Gama da Rotam durante o confronto com os assaltantes no mato. De imediato recebemos reforços de todo os batalhões do Estado, da polícia federal, da PRF da Polícia Civil e contou também com o apoio aéreo de início do nosso helicóptero da CIOPAER, a PMPA mandou um helicóptero e o governo de Goiás também mandou outro, o apoio dos moradores daquela região foi de grande importância, só tenho a agradecer. A operação durou 14 dias, e terminou com a extinção da “quadrilha das pipocas” aqui em solo tocantinense, seis integrantes da quadrilha foram mortos pela força policial. Quando a missão acabou foi muito emocionante e marcante, saímos direto da ocorrência em comboio até o pátio do Quartel do Comando Geral em Palmas, onde fomos recepcionados como heróis. Durante o trajeto fomos aplaudidos por onde passávamos, havia pessoas com cartazes, outras soltando fogos de artifício, por onde passávamos o policiamento local ia pra pista com as viaturas e prestavam continência pra nosso comboio. Pela primeira vez me senti valorizado e reconhecido, não foi nada fácil esses 14 dias, mas o reconhecimento da população tocantinense valeu cada esforço, e saímos com o sentimento de dever cumprido, de que a morte do nosso colega não foi em vão, foi uma vitória não só de quem participou, mas de toda a Polícia. (CAVEIRA 21, 2019).

O Caveira 21 começa a responder essa questão falando de uma lembrança marcante, o qual narra que viu pela primeira vez “um amigo com nossa farda preta ali

sem vida enrolado em uma lona azul”, caracterizando, assim, uma memória traumática, pois se percebe que ele ainda não esqueceu dessa imagem que marcou a sua vida. Também, fica nítido a emoção e a satisfação de ter cumprido a missão com êxito, após quatorze (14) dias embreado no mato a procura dos criminosos que mataram o sargento Gama da Rotam, fato ocorrido na região do município de Pequizeiro.

Segundo o Caveira 21, além de ter o apoio de várias UPM, também contou com apoio aéreo e de efetivo de forças federais, civis e de policiais militares de coirmãs, ainda contou, que todo esse esforço valeu a pena, quando viu e sentiu pela primeira vez o reconhecimento da sociedade tocantinense ao término dessa missão, a qual todos os criminosos da quadrilha dos “pipocas” foram neutralizados.

Não que um homem de Operações Especiais espera esse reconhecimento ao cumprirem as suas missões, mas é gratificante para qualquer profissional quando o seu trabalho é reconhecido por aqueles os quais você está incumbido em proteger, pois, a missão fim de todos os policiais militares, federais, civis, ou sejam convencionais, ou especializados, é cumprir a missão, mesmo com o sacrifício da própria vida.

Já o Caveira 23 (2019), “No ano de 2012 e 2019, onde a perseverança e com muitas dificuldades o conhecimento técnico dos militares da CIOE foi o diferencial para o êxito positivo da operação (missão)”. O Caveira 23 lembra de missões ocorridas nos anos de 2012 e 2019, a qual foram bem-sucedidas, devido ao profissionalismo e a perseverança dos operadores da CIOE-PMTO.

O Caveira 71 respondeu:

As mais marcantes são quando temos êxitos nas missões principalmente quando envolve o combate a roubos nas instituições financeiras. A mais marcante foi quando no interior combatemos contra um bando que roubou e manteve sobre cárcere uma família de um gerente dos correios, onde além da prisão de todos os envolvidos, prendemos na mesma ocorrência outras quadrilhas de roubo de veículos e de tráfico de drogas. Porque é gratificante ver a sociedade suspirar em paz após dias frustração e incapacidade diante de ladrões fortemente armados que assolam os moradores das cidades e principalmente os das zonas rurais. (CAVEIRA 71, 2019).

O Caveira 71 cita uma ocorrência de assalto a instituição financeira e que nessa mesma missão, prenderam outra quadrilha de roubo de veículo, na qual todos os envolvidos de ambos os crimes foram presos. Segundo ele, as missões que marcam são todas aquelas cumpridas com êxito, pois o que é gratificante é ver a sociedade segura.

Já o Caveira 58 (2019), respondeu que: “A retomada do presídio Barra da Grota durante rebelião no ano de 2009, pela magnitude da operação, quantidade de rebelados e reféns, sendo o desfecho favorável as forças de segurança”.

Já o Caveira 58, lembra de quando ocorreu uma rebelião no presídio Barra da Grota, no ano de 2009, na cidade de Araguaína, em que a intervenção dos operadores da CIOE e das demais forças de segurança foram fundamentais para o êxito da missão. Assim, demonstrando a importância da tropa de Elite da PMTO em cumprir qualquer tipo de missão a qual seja solicitada.

Para o Cateano 08:

Recentemente estive em uma ocorrência de assalto a banco onde um policial militar da ROTAM foi morto após troca de tiro com parte da quadrilha que estava dentro de área de mata. O que me marcou foi a falta de protocolo de atuação da PMTO, que fez com que grupos em situação fora da sua zona de especialização, no que aumentou a probabilidade de uma morte de um militar por não possuir especialização para tal. (CATEANO 08, 2020).

Aqui o Cateano 08 também cita a ocorrência de Pequizeiro, onde foi morto um sargento da ROTAM, fazendo uma crítica ao não cumprimento dos protocolos de atuação, ou seja, intervenção de outros grupos especializados que tem outras atribuições, no caso da Rondas Ostensivas Táticas Metropolitana (ROTAM), que tem como atuação a área urbana metropolitana, e, estavam atuando na zona rural, a qual é especialidade da CIOE. Assim, segundo ele, esse desrespeito ao protocolo aumentou a probabilidade de o militar morrer.

O Caveira 14 (2019), relatou: “Uma das missões que marcou foi uma ocorrência no Jalapão onde passamos dez dias na captura de assaltantes de Banco, por termos que utilizar as técnicas de sobrevivência e rastreamento aprendida durante o curso no ambiente”. O Caveira 14, lembra de uma ocorrência na região do Jalapão, o qual obtiveram êxito na missão, que resultou na captura de todos os assaltantes de banco, o qual utilizaram as técnicas e táticas de sobrevivência e rastreamento, técnicas das quais são especialidades destes operadores da CIOE.

Para o Cateano 06 (2019), “Roubo a banco na cidade de Aliança do Tocantins que os assaltantes vitimaram fatalmente uma mulher que passava pelo local, porém a CIOE foi a campo e conseguiu pegar todos os assaltantes envolvidos e ainda recuperou o dinheiro roubado e as armas do crime”. O Cateano 06 cita uma ocorrência que os assaltantes vitimaram fatalmente uma mulher durante o ato criminoso no município de Aliança do Tocantins. Tendo a intervenção da CIOE a qual recuperou os bens roubados e prendeu todos os assaltantes.

O Caveira 18 destaca:

Várias experiências boas como treinamentos, camaradagem dos companheiros. Ocorrências várias também. Cito uma em que fomos dar apoio à Polícia Federal em um cumprimento judicial para prender ladrões de banco e carro forte. Era ao nascer do sol e eu era o homem aríete (responsável por arrebentar portas e portões), e naquela ocasião o portão principal de acesso à residência parecia estar “endiabrado”, não quis ceder, a trinca não arrebentou. Cedeu em cima (corrediça), mas a trinca não quebrou. No final deu certo: prendemos os assaltantes, armas e munições. (CAVEIRA 18, 2019).

Já o Caveira 18 lembra de uma ocorrência em apoio a PF a qual ocorreu uma cena inusitada, mas ao final transcorreu tudo certo e a missão foi bem-sucedida, a qual ocasionou na prisão dos assaltantes de bancos e carros forte.

O Caveira 30 (2020), respondeu que: “A Vida do Guerreiro da CIOE é uma constante, cada dia um novo aprendizado e superações. Ocorrências, não vamos destacar, mais não posso deixar de citar a experiência de perder um colega de serviço, um irmão um pai de família como foi nosso irmão Caveira 10”.

O Caveira 30 faz a opção de não citar ocorrências marcantes, mas demonstra uma memória traumática ao citar a morte do Caveira 10. Percebe-se que esses integrantes da CIOE acumulam várias memórias traumáticas ao longo de suas vidas, pois além de serem cobrados, passam muito tempo longe de suas famílias, trabalham lado a lado com a morte, ainda tem que conviver com algumas perdas de amigos de farda que podem ocorrer durante as missões.

Ao ouvir as ocorrências que marcaram a vida desses operadores que integram a CIOE, a qual muitas se repetem, até porque na maioria das vezes estão operando na mesma equipe ou na mesma região, tendo em vista que existe a Base Avançada em Araguaína. Mas o que fica, além de algumas memórias traumáticas são a satisfação demonstrada por esses integrantes em cumprirem a missão com “destemor e honra” proporcionando a sensação de segurança a toda sociedade tocantinense.

Em seguida foi perguntado se quando eles ingressaram na Polícia Militar do Tocantins, pretendiam fazer parte de um grupo igual à Companhia Independente de Operações Especiais ou de outros grupos especializados, o que o levaram a isso?

Para o Cateano 32 (2020), “Sim desde o curso de formação de soldado já me interessava em fazer parte apesar de não saber bem como era”. O Cateano 32, fala de que desde quando fez o CFSD já tinha interesse de fazer parte da Elite da

tropa, embora não soubesse a missão fim desta Unidade. E hoje fazer parte da Companhia Independente de Operações Especiais deve ser um sonho realizado, agora sabendo qual é a sua missão.

Par o Caveira 18RR (2020), “Sim, entrei na Polícia Militar com intuito de fazer a diferença, sempre quis ter o conhecimento e treinamento para ações de altíssimo risco”. O Caveira 18 RR, já tinha o interesse em fazer parte da CIOE, pois sempre quis servir a sociedade tocantinense cumprindo as missões de alto risco o qual foi tentar o COEsp na PMRR e formou com louvor, se tornando caveira e integrando a Unidade de Elite da PMTO.

Já o Caveira 33 (2019), indicou: “Eu já era um combatente dessa área, nada melhor do que estar em casa”. O Caveira 33, antes de ser aprovado no CFSD da PMTO, já servira o Exército brasileiro, onde fez o curso de Comandos por isso já era caveira, mas mesmo após integrar a CIOE, fez o Curso de Ações Táticas da PMERJ, o primeiro colocado entre os demais militares que fizeram o curso. Motivo de ele responder estar de volta a sua casa que é as Operações Especiais.

O Cateano 06 (2019), “Não tinha essa intenção, porém depois que entrei na PM conheci alguns operadores da CIOE e a missão desse grupo, então comecei a ler sobre o assunto e despertou o interesse em fazer parte”. O Cateano 06, disse que não tinha pretensões de fazer parte da CIOE, porém ao conhecer a missão do grupo, despertou a vontade de fazer parte da tropa de Elite da PMTO, indo cursar o CATE na PMESP e ingressar na Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins.

O Cateano 08 (2020), disse que: “Quando entrei na PMTO já almejava entrar para o grupo de operações especiais. Acredito que vocação. Está dentro de mim combater a criminalidade em sua forma mais complexa”. O Cateano 08 confessas que sempre quis fazer parte da CIOE, o qual diz ter vocação para combater os crimes de alta complexidade, o que motivou com certeza ir fazer o CATE na PMPI e hoje realizar o seu sonho de integrar a tropa de Elite da PMTO.

Para o Caveira 14:

Ao ingressar na Polícia Militar do Tocantins não tinha a ideia de fazer parte de grupo algum, mais durante o curso de formação de soldado em 2001 o coordenador da turma na época TEN VALADARES comentou do curso que ele tinha feito no GOIÁS, e mostrou alguns vídeos dos treinamentos que ele tinha participado, isso me despertou interesse em fazer parte de uma tropa de Operações Especiais. (CAVEIRA 14, 2019).

O relato do Caveira 14 é interessante, pois em 2001 quando estava no Curso de Formação de Soldado (CFSD-2001), ainda não existia uma tropa de elite na PMTO e o mais extraordinário é que ele tinha como coordenador do curso de soldado o Tenente Valadares que já era caveira, pois fez o COEsp da PMGO e indiretamente fez com que o até então aluno soldado Issan, sonhasse em ser Operações Especiais.

Após dois anos, em 2003 a PMTO faz o seu primeiro Curso de Operações Especiais e mais uma vez, o agora soldado Issan estava tentando o primeiro COEsp e tinha novamente como coordenador o Caveira 09 Tenente Valadares. O hoje Sargento Issan, é o Caveira 14 e integra a CIOE, realizando o sonho de fazer parte da tropa de Operações Especiais. A resposta do Caveira Issan lembra o relato de um integrante do Seal que é a elite da Marinha norte-americana. Assim:

Quando eu estava nos primeiros anos do ensino médio, no Alasca, minha turma foi incumbida de fazer a resenha de um livro. Tínhamos de escolher um livro de que gostássemos. Percorrendo as estantes, me deparei com *Os homens de rosto verde*, de Gene Wentz, um ex-Seal. O romance falava de missões no delta do rio Mekong, no Vietnã. Cheio de emboscadas e tiroteios, tinha como núcleo a caça de um perigoso coronel norte-vietnamita. Desde a primeira página, eu soube que queria ser um Seal. Quanto mais lia, mais vontade tinha de me pôr à prova. Durante o treinamento, nas águas do oceano Pacífico, conheci outros homens como eu: homens avessos ao fracasso, motivados pela ânsia de serem os melhores. (OWEN, 2012, p. 9).

Assim respondeu o Caveira 18 (2019), “Na verdade, não. No começo o interesse era ir em busca de conhecimentos e técnicas mais apuradas no meio policial”. Portanto, o Caveira 18 assume que não tinha interesse, até porque ele ingressou na PMTO em 2001 quando ainda não existia a CIOE, mas diz que se interessava em buscar conhecimentos e técnicas para melhor atender a sociedade tocantinense. Provavelmente essa busca de conhecimento foi o que o fez tentar e concluir o COEsp da PMTO e hoje fazer parte da CIOE.

Já para o Caveira 21 (2019), “Sim. Sempre gostei de ação e fazer parte de uma tropa como COE foi como matar dois coelhos com uma só cajadada. Na época eu trabalhava em um destacamento e o COE foi meu passaporte pra sair de lá”. Em sua resposta o Caveira 21 confessa que mesmo tendo vontade de fazer parte de uma tropa operacional, fez o COEsp para também sair de um destacamento. Assim, deixando claro que realizou os dois sonhos, pois saiu do destacamento e hoje faz parte da Companhia Independente de Operações Especiais.

O Caveira 23 (2019) respondeu que: “Sim. O comportamento (postura) dos policiais que já faziam parte da unidade, me despertaram o interesse em fazer parte dessa unidade, de ser um Caveira”. Nessa forma o Caveira 23 confessa que já tinha uma admiração pela postura e conduta dos homens de preto, o qual os motivaram a tentar o COEsp na PMGO e legitimar a sua permanência na CIOE, pois este já integrava a Unidade como estagiário.

O Caveira 30 (2020), destaca: “O OE já nasce OE, quando ele descobre isto, ele vai à busca da consagração de sua missão. Entrei na corporação e assim que descobrir passei a estudar, pesquisar, treinar e buscar o curso, pois nada na vida é de graça, mesmo que esteja predestinado, mais tem que correr atrás”. Dessa forma o Caveira 30 fala com propriedade quando diz que “o Operações Especiais já nasce Operações Especiais”, porém, ele faz uma ressalva de que para isso, esse futuro OE tem que se descobrir e lutar para conquistar esse objetivo. Ele mesmo é exemplo de resiliência, pois tentou o I-COEsp da PMTO em 2003, tentou novamente o COEsp da PMAL em 2017 e “caveirou” em 2018 na PMAM, ou seja, se tornou caveira e Operações Especiais, integrando a CIOE que é a Elite da tropa.

Já o Caveira 38 (2020) respondeu: “Sequer conhecia essas atividades, embora o sonho de ser policial era algo de infância. O estilo de vida e a vontade constante de aprimoramento intelectual da CIOE me fez optar por esse nicho da Corporação”. O Caveira 38 é modesto, pois assume que só queria ser policial militar e que a admiração pelo constante aprimoramento dos integrantes da CIOE, foi o que motivou a buscar a caveira na PMRN e hoje integrar a Elite da tropa da PMTO.

O Caveira 58 (2019), “Quando se ingressa na PM, pela juventude e entusiasmo geralmente buscamos pertencer a grupos ou setores, dos quais acreditamos que poderemos contribuir ou aprender com habilidades diferentes, ter um ciclo de irmandade mais próximo”. A resposta do Caveira 58 reflete a vontade de contribuir para com a defesa da sociedade desde quando ingressou na PMTO, por isso tentou o COEsp e assim adquiriu irmãos e conhecimento.

Já o Caveira 71 respondeu que:

Quando eu entrei na PMTO não sabia que existia tais grupos, ao passar dos anos, quando houve uma seleção para a criação de um grupo com tais características pesquisei e me interessei pela forma de combater a criminalidade e o alto nível de conhecimento que poderíamos adquirir com tal curso. (CAVEIRA 71, 2019).

Ao responderem a essa questão, fica claro que os que hoje fazem parte da CIOE, embora alguns não tivessem noção se iria pertencer a um grupo de elite, são dignos de estarem atuando nessa Unidade de Operações especiais, pois usando das palavras do Caveira 30 que disse que “o OE já nasce OE”, confirma-se que esses homens nasceram para serem Operações Especiais e de fato, são Operações Especiais por suas resiliências em não desistirem do que almejavam, hoje exercem o que foram ‘forjados’ para fazer, enfrentar as ocorrências complexas.

Foi perguntado a esses operadores da CIOE, qual o sentimento por fazerem parte deste grupo?

O Caveira 58 respondeu:

O sentimento é de certa forma “antagônico”, por um lado temos o orgulho de pertencer a um grupo de elite, de outro uma certa tristeza por verificar que aqueles que passaram por aqui e tinham poder de mando, poderiam ter contribuído um pouco mais, de forma a estruturar a CIOE, como ela merece ser. (CAVEIRA 58,2019).

O Caveira 58 demonstra o orgulho de fazer parte da CIOE, porém, lamenta, porque muitos que poderiam ter feito mais por esta Unidade não o fizeram, pois, depois de tantos anos a CIOE não tem uma sede digna para seus integrantes, permanecendo aos fundos do Quartel do Comando-Geral (QCG).

A resposta do Caveira 71 foi que:

Como estamos desde o início da criação da unidade e ver o seu desenvolvimento ao longo dos anos e perceber que esta unidade está assim porque você deu o primeiro passo é sempre gratificante. As nossas contribuições a esta unidade serão sempre lembradas pelos futuros integrantes. (CAVEIRA 71, 2019).

Já o Caveira 71 demonstra muito orgulho de fazer parte desta Unidade desde o seu início, o qual tem a esperança de ser lembrado pelos futuros integrantes por tudo que somou e contribuiu para com a CIOE.

O Caveira 33 (2019), “Só orgulho em ombrear com homens de valor”. Assim respondeu o Caveira 18RR (2020), “Sentimento sem igual, sensação de dever cumprido a cada missão”. Já o Cateano 32 (2020), respondeu: “Muito bom e o melhor que as pessoas te respeitam por isso. A resposta do Caveira 21 foi que:

Apesar de todas as dificuldades ao longo desses 16 anos na CIOE eu posso dizer que me orgulho muito de estar entre os melhores, de ser um dos pioneiros. Quando um dia alguém for pesquisar a origem da CIOE ou de quando ela se tornar BOPE, verá que com suor e determinação dei a minha contribuição. (CAVEIRA 21, 2019).

Já o Caveira 23 (2019), “Tenho muito orgulho de servir nessa unidade que considero minha segunda casa, o sentimento de irmandade entre nós homens de operações especiais faz com que nos doamos muito mais uns aos outros no nosso dia a dia diante dos treinamentos das ocorrências e na convivência”.

O Caveira 38 (2020), respondeu que: “Sentimento de extrema satisfação pois, muitos querem, mas poucos conseguem concluir essa jornada. Até hoje foi a maior honraria que conquistei. (CAVEIRA 38, 2020).

Sinto muita satisfação em fazer parte deste grupo, principalmente por ser um lugar onde me traz muito prazer em trabalhar. Por mais difícil e arriscada que a missão pareça, me sinto agraciado em participar de tal missão. E que se um dia a morte chegar, em combate, que minha família saiba que morri tentando trazer paz e tranquilidade as pessoas deste mundo, no combate ao mal. (CATEANO 08, 2020).

O Cateano 06 (2019), “Sinto honrado em fazer parte de uma unidade tão conceituada e preparada para as diversas situações”. Já o Caveira 14 (2019), respondeu: “Me sinto orgulhoso em fazer parte desta Companhia, por ter profissionais qualificados e dedicados no que fazem”. A resposta do Caveira 18 (2019), “Sinto-me felizado e realizado por fazer parte dessa unidade. Concluir um COESP exige muito preparo físico e psicológico do militar. Está na unidade exige muito conhecimento e capacidade técnica”.

Para o Caveira 30 (2020), é: “Melhor dos sentimentos, você olha para trás, e ver as conquistas, ao mesmo tempo, você sente satisfeito, a missão foi cumprida com dignidade, é uma honra poder servir nesta companhia, onde vejo irmãos destemidos a proteger a sociedade, mesmo com o sacrifício da própria vida”.

Os integrantes da CIOE são unânimes ao falar do orgulho que sentem em fazerem parte da tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins. Em seguida foi perguntado se eles poderiam indicar alguma desvantagem ou elementos negativos em fazerem parte da CIOE?

O Caveira 58 (2019), respondeu que: “A princípio seria o lado financeiro, pois nem todos os “insumos” de fardamento e equipamentos são contemplados pela organização, o que faz com que o operador faça por conta própria, para poder vestir ou utilizar um equipamento melhor e mais moderno”. Segundo o Caveira 58, é o lado financeiro que mais pesa, pois o agente tem que tirar do próprio bolso para comprar materiais melhores para operar. Assim, uma desvantagem ou um ponto negativo em fazer parte da CIOE no momento.

O Cateano 32 (2020), respondeu: “Só o que foi citado na questão 10”.

Já o Caveira 30 (2020), “Sim! Em nosso estado não se valoriza o Operações Especiais como deveria ser tratado, em outros Estados os Guerreiros são valorizados e reconhecidos pelo esforço e dedicação”.

O Caveira 30 lembra que em outros Estados da federação, as Operações Especiais são valorizadas por sua dedicação e empenho. Porém, ele não deixou claro qual a forma de reconhecimento, se pecuniário ou folgas extras para os que exercem a atividade de OE.

O Caveira 18 (2019), respondeu que: “Da minha parte não. Como já disse antes existe uma desvantagem econômica, tendo em vista que temos que comprar parte de nossos acessórios/apetrechos”.

Já o Caveira 33 (2019), “Normalmente em unidade como Bope da PMERJ se tem um adicional financeiro devido os autos gastos dos operadores. O que não acontece no Tocantins”. O Caveira 33, relata que no BOPE da PMERJ, os seus operadores ganham uma gratificação por exercerem a função de OE, o que não existe na PMTO, o que no seu ponto de vista, é uma desvantagem de integrar a CIOE. Como citado anteriormente, esses militares tiram do próprio pagamento para comprar equipamentos e acessórios melhores para operar.

Respondeu assim o Caveira 18RR (2020), “Um certo olhar atravessado por parte de colegas de farda e comentários, tipo eles se acham”.

O Caveira 21 (2019), “Hoje em 2019, eu vejo como negativo a nossa falta de efetivo. Durante esses 16 anos só tivemos um curso de Operações Especiais, isso acarreta em escalas de trabalhos apertadas nos privando de muitos momentos de lazer”. Já o Caveira 21 cita a escassez de efetivo, pois segundo ele só teve um COEsp em 16 anos de existência da CIOE, o que gera uma sobrecarga profissional nesses operadores, o qual priva-os do tempo para com a família e o lazer.

Para o Caveira 38 (2020), “Stress cumulativo devido à rotina de trabalho”.

O Caveira 71 respondeu:

O ponto negativo é quando tentamos fazer um curso superior na matriz curricular nacional sempre temos um pouco mais de dificuldades no quesito faltas na academia, pois há períodos que temos muito trabalho a desenvolver principalmente no interior do estado, sendo assim perdemos muitos conteúdos e corriqueiramente truncamos ou adiamos o sonho de concluir tais cursos de nível superior. (CAVEIRA 71, 2019).

O Caveira 71 vê como ponto negativo o pouco tempo que esses têm para concluir uma faculdade, pois devido ao acúmulo de trabalho e ao período de duração das missões, fica complicado para os integrantes da CIOE que ainda não tem uma faculdade concluir um curso superior.

O Cateano 06 (2029), “Ser acionado a qualquer momento, especialmente de madrugada ou finais de semana durante a folga, e ainda a incompreensão de outros operadores da PM quanto a missão e atuação diferenciada da CIOE, muita das vezes gerando inimizades”.

Já os pontos negativos para o Cateano 06 é a dedicação integral para CIOE, pois quando acionados tem que comparecer, independentemente se estejam de folga, se é final de semana ou não. E ainda, a falta de conhecimento por parte de alguns militares da tropa ordinária.

Para o Cateano 08 (2020), “A CIOE é mal usada e reconhecida pelos integrantes da PMTO, principalmente pelo alto escalão”. Já na opinião do Cateano 08 é o desvio de funções e o reconhecimento, pois muitas vezes os integrantes da CIOE são empregados em outras frentes de serviço que fogem de suas atribuições fim. E que muitas das vezes, esses desvios de função são praticados por aqueles que deveriam saber da missão a qual a CIOE foi instituída.

O Caveira 14 (2019), respondeu: “Na CIOE não existe desvantagem e muito menos elemento negativo em fazer parte dela”. Portanto, o Caveira 14 prefere não citar pontos negativos ou desvantagens em integrar a CIOE.

Para o Caveira 23 (2019), “Investimento financeiro próprio na aquisição de alguns equipamentos e pouca convivência familiar”.

Ao responderem a essa questão, é perceptivo algumas desvantagens ou pontos negativos nas narrativas desses integrantes da CIOE, o qual alguns alegam o pouco tempo para com a família e para si, o número reduzido do efetivo, gastos do próprio salário para compras de acessórios e outros. Percebe-se que a CIOE-PMTO ainda tem muito que ajustar, para que os seus integrantes tenham uma melhor condições de trabalho e conseqüentemente melhorar ainda mais o atendimento a sociedade tocantinense.

Em seguida foi perguntado o ponto de vista deles sobre quais as dificuldades que a CIOE enfrenta e quais seriam as soluções para resolvê-las? Assim respondeu o Caveira 18 (2019), “A CIOE enfrenta sim dificuldades: sufua (orçamento) insuficiente, não possuir, pelo menos no momento, uma base própria,

efetivo reduzido”. O Caveira 18 procura mostrar as dificuldades enfrentadas pela CIOE, sendo: a falta de recursos, de efetivo e de uma sede própria. Assim, citando as dificuldades, ele mostra indiretamente quais seriam as soluções para reverter essa situação.

O Caveira 23 (2019), “Estrutura física, pouco efetivo policial. Construção de uma BASE ideal com todas as características de uma unidade de operações especiais e a formação de novos operadores especiais”. As dificuldades apontadas pelo Caveira 23 é a falta de contingente, cuja solução seria a construção de uma sede própria e a formação de novos operadores para resolver a carência de efetivo, pois toda essa dificuldade atual acarreta numa sobrecarga gradualmente para os que estão atuando na CIOE.

O Caveira 30 respondeu que:

Um dos principais problemas hoje seria a falta de efetivo, mais investimento em cursos, uma sede própria com meios de treinamento, a falta de pagamento de horas extra e diárias que desmotiva os guerreiros sem falar no momento de transição em recolher as bases do interior do Estado. Creio que se resolvesse esses problemas supracitados seria a solução dos problemas. (CAVEIRA 30, 2020).

A resposta do Caveira 33 (2019), “Efetivo, a CIOE e a PM sofrem com a falta disto”. O Caveira 21 relatou que:

A CIOE ainda não tem uma sede própria, e no dia que ela solucionar esse problema vai esbarrar em outro que é a falta de efetivo pra manter uma base como deveria ser. Outra dificuldade da CIOE diz respeito a centralização de todo o efetivo seu na capital. Há anos que a CIOE vem tentando a centralização, porém até o momento ela só tá conseguindo extinguir as bases, porque o efetivo não está indo pra capital. Quanto as soluções isso não depende só do comandante da CIOE, nem tão pouco do comandante geral. Tudo gira em torno da política. A CIOE leva seu pedido ao comandante geral e o mesmo leva as dificuldades ao Governador. (CAVEIRA 21, 2019).

As dificuldades apresentadas pelo Caveira 21 são muitas, começando pela falta de uma sede própria, porém segundo ele, quando esse problema for solucionado, outros surgirão, sendo a falta de efetivo para compor essa sede. Pois, hoje a CIOE está operando no limite, sobrecarregando os seus poucos operadores. Outras dificuldades são a tentativa de centralização das bases avançadas para a capital, pois ao tentar fazer essa centralização, a CIOE está perdendo não só as bases, mas também o efetivo, pois por não terem vantagens, como uma gratificação ou diárias para custear seus gastos caso irem para Palmas, preferem sair da CIOE e irem para

outras especializadas ou retornarem para a tropa ordinária em suas cidades. Quanto a solução, este diz que independe do comandante da CIOE e do comandante geral da PMTO e sim do governador, pois somente o poder executivo pode fazer concurso público e suprir a necessidade de efetivo na PMTO e conseqüentemente o da CIOE.

O Cateano 32 (2020), respondeu que: “A principal além dos recursos como melhor equipamentos e armamentos e como na PMTO em geral a falta de efetivo”.

A resposta do Caveira 18 RR (2020), é: “A falta de efetivo é a maior dificuldade, juntamente com a necessidade de equipamentos inerentes as funções especiais da CIOE”.

O Caveira 38 (2020), “A formação continuada de novos operadores, mantendo o alto padrão da qualidade e renovando constantemente a tropa de OE. Aumento do efetivo institucional para que possamos selecionar e preparar novos profissionais capazes de concluir um curso de OPESP”.

Essa foi a resposta do Caveira 71 (2019), “Efetivo é o gargalo neste momento, e o que resolveria é criação de curso no estado para formação de outros policiais”.

Já o Cateano 06 respondeu que:

Dentre várias, as primordiais são a carência de recursos humanos habilitados para operar na Unidade, a falta de equipamentos e a logística para treinamento. A saída será a realização de cursos internos, elaboração de projetos e a sensibilização do comando da PM no que tange a aquisição desses recursos, bem como buscar parcerias com outras Unidades visando as especializações. (CATEANO 06, 2019).

A resposta do Cateano 08 é:

Esse é um assunto longo, mas vou fazer um breve comentário. A CIOE passa por um momento onde vários grupos acham que podem fazer o mesmo. Assim muitos conflitos por ciúmes estão gerando confusões operacionais. Com essas confusões a CIOE está precisando de muitos equipamentos e estrutura para crescer. Com a criação de protocolos de ação no nível de comando geral, pode-se acabar com conflitos operacionais em campo. Com a conscientização do alto escalão da PMTO da forma correta de atuação e função de existência da CIOE com certeza daria maior entendimento e apoio a esta tão necessária unidade. (CATEANO 08, 2020).

O Cateano 08 faz vários apontamentos no que tange as dificuldades enfrentadas pela CIOE, o que vai da falta de equipamentos até ciúmes de outros grupos, o que segundo ele gera todo um transtorno operacional. E que a solução seria a conscientização de todos no que diz respeito a missão fim da CIOE.

O Caveira 14 respondeu que:

A CIOE foi a primeira unidade Especializada a ser criada no estado em 2003, hoje ela passa por um processo de reestruturação devido as três bases destacadas, que tem como objetivo centralizar a unidade na Capital Palmas, uma das soluções seria o aumento do efetivo, construção de uma sede própria, além de uma gratificação específica para essa unidade, visto que os componentes mesmo em suas folgas de serviço constantemente são acionados para missões específicas. (CAVEIRA 14, 2019).

Aqui o Caveira 14 lembra de que a CIOE foi criada em 2003 e não tem uma sede própria e nem efetivo, essas são algumas das dificuldades apontadas por ele. A solução seria o aumento do efetivo, uma gratificação e uma sede própria.

Para o Caveira 58 (2019), “Atualmente os principais problemas são de efetivo e infraestrutura, as soluções são investimentos nessas áreas, embora agora no mês de dezembro termos início da tão sonhada Base (quartel) da CIOE, na capital Palmas”. O Caveira 58 cita como uma das principais dificuldades a falta de efetivo e a infraestrutura, porém faz uma ressalva, dizendo que terá início a construção da tão sonhada sede própria da CIOE na capital. Assim, demonstrando o que seria o início da solução de algumas dificuldades apontadas.

As respostas dos integrantes da CIOE a essa questão é uma só, tanto no apontamento das dificuldades como também nas soluções. As dificuldades apontadas por estes integrantes começam a partir da falta de efetivo, de recursos, de uma infraestrutura como uma sede própria para abrigar com dignidade o seu efetivo, gratificação, equipamentos e logística para treinamento e outros.

A solução para todas essas dificuldades enfrentadas pela CIOE, seria uma maior atenção por parte do poder executivo e do comandante geral da PMTO, dando importância a esta Unidade de Elite, a qual é fundamental não só para a instituição, mas também para toda a sociedade tocantinense.

Pois, a CIOE é a tropa preparada para enfrentar vários crimes que fujam à normalidade, entre eles os assaltos a instituições financeiras, a carros fortes, sequestros, atentados a bombas e outros..., os quais esses criminosos colocam em risco não só a vida dos que trabalham com valores, mas também a sociedade civil, pois usam de *modus operandi* diferentes, agindo de maneira violenta e utilizando armamentos de grosso calibres causando terror e destruição.

Em seguida foi perguntado as opiniões desses integrantes de como é possível melhorar a qualidade de atendimento social deste grupo, visando um retorno

positivo para a Polícia Militar do Tocantins e para sociedade tocantinense como um todo?

O Caveira 23 respondeu:

Condições de salubridade dentro da unidade, qualificação dos operadores, oportunizar treinamentos físicos e técnicos específicos similar a atividade fim, gratificação financeira devido a dedicação integral a unidade e pelos gastos pessoais com equipamentos e acessórios necessários para o bom cumprimento das nossas missões. (CAVEIRA 23, 2019).

O Caveira 23 fala sobre o cuidado com a saúde e a qualificação dos operadores, dando condições básicas para estes agentes treinar especificamente as atividades as quais a CIOE foi criada. Uma gratificação para suprir os gastos que estes homens têm com equipamentos e acessórios para o bom cumprimento das missões. Com isso, o retorno com certeza será positivo para Polícia Militar e para sociedade tocantinense.

Já o Caveira 21 respondeu que:

Já fazemos o nosso melhor desde o início. E agora fazemos ainda mais, porque temos que nos desdobrar pra atender as escalas e as ordens de serviços. Pra atender com uma melhor qualidade, dependemos de investimentos pra tal retorno, tudo o que fazemos são para o benefício da nossa sociedade, quando estamos atuando nas ruas, nas áreas rurais, dentro dos presídios não importando o lugar nem a hora, são pra trazer a tranquilidade e a segurança que nosso povo tanto precisa. Pra isso sacrificamos nossos momentos com a família, sacrificamos nosso lazer e muitas vezes sacrificamos até mesmo a própria vida. (CAVEIRA 21, 2019).

O Caveira 21 aqui fala como um pioneiro que estar na CIOE há mais de 17 anos, quando diz que fizeram sempre o melhor e que agora ainda mais, pois com um efetivo reduzido por vários motivos, esses homens têm que se desdobrarem em vários para atender a diversas ocorrências que foram surgindo desde que foi criada essa Unidade. Ele faz uma observação de que para continuar atendendo a sociedade com excelência, a CIOE necessita de investimentos, tanto humano, proporcionando cursos para qualificar mais operadores e aumentar o seu efetivo e, também, com equipamentos e acessórios para os cumprimentos das missões.

A resposta do Caveira 33 (2019), “Precisamos de efetivo”. O Caveira 33 resume a sua resposta em simplesmente em resolver a carência de seu efetivo. Assim, o retorno positivo virá para a sociedade e para PMTO.

Já o Caveira 18RR (2020) comenta que: “Uma reestruturação interna com uma política voltada a população, corações e mentes. Aproximando essas pessoas e

colegas de farda, mostrando que essa proximidade é possível e vantajosa para ambos”. O Caveira 18RR responde a essa questão falando de uma reestruturação a qual a procura de aliados através de aproximação entre os demais militares da tropa ordinária e a população, irão além de conhecer, também respeitar a missão fim da CIOE, o qual essa conquista de coração e mente terá um retorno positivo para todos.

O Cateano 32 (2020), “O principal é o investimento em cursos, treinamento e materiais de boa qualidade como viaturas armamentos entre outros”. Portanto, o Cateano 32 diz que se houver investimentos em cursos para resolver o problema de efetivo e de equipamentos de “boa” qualidade, o retorno nos atendimentos das missões será positivo.

O Caveira 38 (2020), respondeu: “Constância no treinamento e melhor valorização institucional”. Dessa forma, o Caveira 38 resume a sua resposta no que tange um retorno positivo para a Polícia Militar e para sociedade tocantinense, a valorização profissional e a continuação dos treinamentos desses operadores da CIOE.

O Caveira 17 (2019), “Temos que mudar nossa concepção de parcerias junto aos governos, políticos e empresários. Com parceria certa e projetos concretos podemos melhor servir a sociedade”.

O Caveira 58 respondeu que:

A Companhia, futuro BOPE, tem que aproveitar as “boas práticas” feitas por outras unidades de OE pelo País, uma delas é, aproximar segmentos da sociedade civil, empresarial, promotorias e juizados, firmando parcerias solidas, em que todos tenham ganhos em todos os aspectos, pois temos o conhecimento e as habilidades para retransmiti-lo, nos falta os meios, e essa, com certeza é uma boa forma de obtê-los. (CAVEIRA 58, 2019).

Já o Caveira 58 fala que baseado nas boas práticas executadas por unidades de Operações Especiais mais antigas e uma aproximação com os demais segmentos da sociedade e órgãos de segurança, irão gerar frutos positivos, pois conhecimentos estratégicos, táticos e técnicos para cumprir as missões a CIOE já tem.

O interessante, é quando ele fala “futuro BOPE”, talvez visando maiores recursos que um Batalhão possa ter ou adquirir, o qual é limitado a uma Companhia de Operações Especiais. Portanto, percebe-se na fala do Caveira 58 uma perspectiva positiva para o futuro das Operações Especiais da PMTO e conseqüentemente um retorno positivo para a instituição e a sociedade como um todo.

O Cateano 06 (2019), respondeu: “Criação do BOPE, fomentar o serviço de inteligência na Unidade, mapear rotas de fuga em todo estado do Tocantins e realizar patrulhamento nos extremos do Estado”. Novamente o nome BOPE aparece, agora na resposta do Cateano 06, o qual fala de uma estrutura de inteligência na CIOE, pois o sucesso das Operações Especiais está associado as informações repassadas pelos levantamentos feitos anteriormente pela inteligência, ou seja, saber antecipadamente e se preparar para atender/cumprir as missões dadas.

Assim respondeu o Cateano 08 (2020), “Criando protocolos de atuação. Estruturando o grupo com equipamentos e armamentos necessários para as diversas formas de atuação. Aumentando seu efetivo. Entendimento das formas de atuação deste grupo por parte do alto escalão da PMTO”. O Cateano 08 mais uma vez fala sobre o entendimento daqueles que poderiam fazer algo para contribuir com a missão fim da CIOE, deixando subentendido que existe aí o emprego desnecessário desta Unidade e de seus operadores. Lembra também que para um retorno positivo para a sociedade e a PMTO, precisa-se estruturar a CIOE com efetivo e equipamentos.

O Caveira 14 (2019), respondeu: “Uma das melhorias para a unidade seria a realização do 2º Curso de Operações Especiais isso contaria com a qualidade no atendimento nas ocorrências bem como na segurança da sociedade”. Já o Caveira 18 (2019), “Acredito que tem várias formas da instituição (Polícia Militar/governo do estado) oferecer um atendimento social a todos os PMs, como: ampla assistência social, academia, piscina, esportes e lazer em geral”.

O Caveira 30 (2020), respondeu que: “Acredito que se o governo apenas cumprisse com o que manda a lei, e respeitasse nosso plano de carreira e outras vantagens em nosso regulamento, no mínimo seria interessante, pois o militar já não pode gozar de muitos benefícios como um trabalhador civil pode gozar”.

Ao responderem a essa última questão do questionário estruturado os integrantes da CIOE, demonstraram pensamentos positivos sobre um futuro incerto, pois mesmo com a falta de efetivo, sem recursos, sem uma sede própria e digna desses homens de Operações Especiais dos quais se desdobram para atender as ordens de serviços nas áreas urbanas, rurais e em presídios, para proporcionar maior segurança a sociedade tocantinense.

Acreditam que resolvendo as dificuldades apontadas em suas respostas e dando condições como uma sede digna, aumentando o efetivo, adquirindo melhores equipamentos e acessórios necessários para melhor cumprirem suas missões, tendo

também uma gratificação em reconhecimento pelo que exercem, esses operadores teriam melhor condições e mais motivações para cumprirem suas atribuições.

Assim, o enfrentamento contra os inimigos da lei será mais contundente, tendo como retorno uma maior segurança para a sociedade, pois este é objetivo desses homens de Operações Especiais que têm como valores a força e honra, e o compromisso de defender a sociedade mesmo com o sacrifício de suas próprias vidas.

Portanto, as respostas ao questionário estruturado destes agentes que fazem parte da CIOE, a elite da PMTO, deixam aparente os conceitos fundamentais de *habitus*, *campo* e *capital simbólico* de Pierre Bourdieu (2018). Conceitos dos quais são utilizados para demonstrar a construção da identidade e da cultura destes homens de preto. Percebe-se em suas narrativas, os *habitus* e o *capital simbólico* que vão sendo inculcados ao longo do tempo nestes integrantes da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Tocantins. Demarcando também a territorialidade destes operadores.

Contudo, no decorrer da pesquisa a Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Tocantins, passou por um processo de elevação, a qual deixou de ser uma Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE) e se tornou Batalhão de Operações Especiais (BOPE), conforme:

DECRETO Nº 6.208, DE 26 DE JANEIRO DE 2021. Dispõe sobre a transformação da Companhia Independente de Operações Especiais-CIOE em Batalhão de Operações Especiais-BOPE. O GOVERNADOR DO ESTADO DO TOCANTINS, no uso da atribuição que lhe confere o art. 40. Inciso II, da Constituição do Estado e na conformidade do disposto no art. 47 da Lei Complementar 79, de 27 de abril de 2012, DECRETA: Art. 1º A Companhia Independente de Operações Especiais-CIOE, instituída pelo Decreto 1.723, de 14 março de 2003, é transformada em Batalhão de Operações Especiais-BOPE, com sede administrativa em Palmas e atuação conforme Plano de Articulação da PMTO. (ESTADO DO TOCANTINS, 2021).

O que irá trazer para esses integrantes e aos ex-integrantes a esperança de mais recursos humanos e financeiros. Pois, o BOPE, já começa com uma sede própria e fora do Quartel do Comando - Geral, com a perspectiva de aumentar o seu efetivo, pois já lançou o edital para o primeiro Curso de Ações Táticas Especiais da Polícia Militar do Tocantins. Vislumbra-se, com essa mudança, uma perspectiva positiva de melhorias em algumas das reivindicações feitas por nossos entrevistados. Assim:

A Polícia Militar do Tocantins, por meio do Batalhão de Operações Especiais – BOPE, torna público nesta terça-feira, 02, o Edital nº 001/2021-P/3-BOPE, que trata da abertura das inscrições para seleção ao “I Curso de Ações Táticas Especiais – CATE”, que será realizado pela Unidade. As inscrições acontecem no período de 02 a 10/02/2021, das 07h às 13h, exceto na sexta-feira em que as inscrições ocorrerão das 08h às 12h, na P/3 de cada unidade. Serão oferecidas 40 vagas, sendo cinco vagas para oficiais do quadro QOPM da PMTO (duas para major e três para capitão), vinte vagas para praças do quadro QPPM da PMTO (10 vagas para sargento ou subtenente, outras 10 para cabo ou soldado), 10 vagas para policiais militares lotados no BOPE, do quadro de praças QPPM (sargento, cabo ou soldado). Além de cinco vagas para outras instituições policiais ou coirmãs. O curso será realizado na Academia de Polícia Militar Tiradentes (APMT), e na sede do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), na cidade de Palmas -TO. A previsão é que o curso inicie no dia 12 de abril, e finalize em 01 de junho de 2021. (PMTO. 2021).

A Figura 13 traz uma nova perspectiva para todos os integrantes e ex-integrantes da CIOE, pois o futuro BOPE já vem com uma sede própria, a qual irá proporcionar melhores condições de trabalho para esses operadores e com a realização do 1º CATE também irá aumentar o seu efetivo.

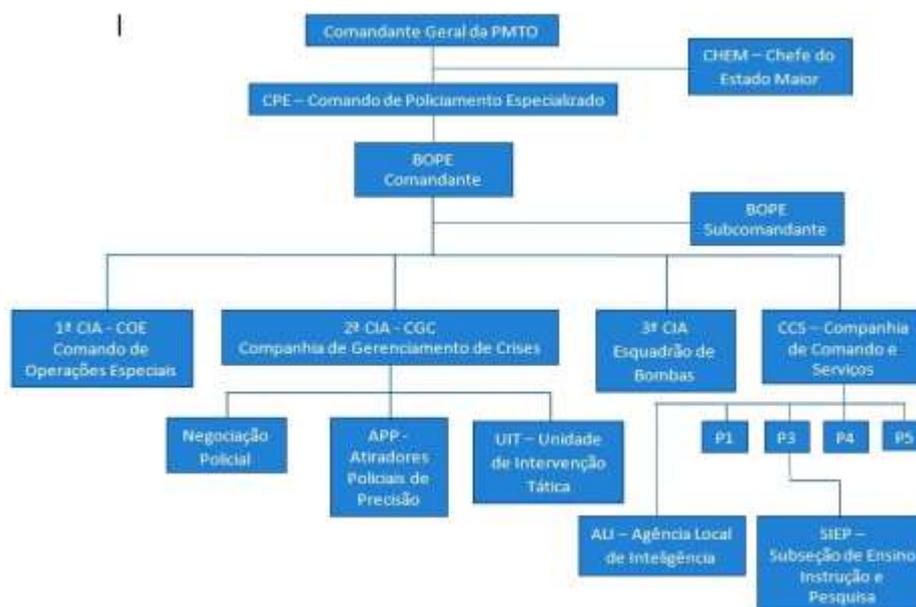
Figura 13: Brevê do CATE e Sede Própria do BOPE-PMTO



Fonte: Autor, 2021.

A estrutura organizacional do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), criado aos 26 dias de janeiro de 2021, durante o trabalho de pesquisa desta dissertação, tem uma configuração organizacional diferente do que era a Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE), conforme visto no Quadro 10.

Quadro 10: Organograma da Organização do BOPE-PMTO



Fonte: BOPE, 2021

O agora BOPE, continua sendo a reserva tática e técnica do Comandante Geral da PMTO. Pois, a função é a mesma da então CIOE. Ou seja, deixa de ser uma Companhia Independente de Operações Especiais e passa a ser Batalhão de Operações Especiais, com essa elevação, aumenta-se a probabilidade de maiores recursos financeiros e de pessoal, pois sendo agora um Batalhão terá no mínimo um efetivo de 400 homens, o que irá proporcionar um melhor atendimento a sociedade tocantinense no enfrentamento contra os crimes (ocorrências) mais complexos.

Com a mudança de CIOE para BOPE, a Base Avançada de Araguaína permanece, passando a ser Base Avançada BOPE. No que tange melhorias ou aumento de efetivo não ocorreram até o momento que esta pesquisa foi finalizada. Porém, as perspectivas são positivas para o futuro, pois, a PMTO irá abrir inscrições para curso de formação de soldado. Logo, uma esperança de que em breve esses militares serão voluntários a fazerem parte da elite da tropa.

Portanto, através da pesquisa da Cultura, Territorialização e Territorialidade da Companhia Independente de Operações Especiais, percebemos que a Polícia Militar do Tocantins, sempre esteve preocupada em preparar seus militares para melhor atender a sociedade tocantinense.

Pois, desde a criação em 1 de janeiro de 1989, a PMTO vem buscando a excelência no atendimento a sociedade, com a criação de vários projetos sociais a exemplo da Polícia comunitária, PROERD e outros. Na preparação e qualificação de militares para o enfrentamento de diversas ocorrências, mesmo aquelas mais complexas que fogem da normalidade, a exemplo a criação da CIOE em 2003, sendo a sua tropa de elite, e as demais especializadas no decorrer de sua existência.

Ao firmar parceria com o Instituto Federal do Tocantins (IFTO), a Polícia Militar do Tocantins, mais uma vez demonstra essa busca pela qualificação de sua tropa, o que proporciona um retorno positivo no atendimento a sociedade, pois irá garantir a formação ao nível superior aos futuros militares que ingressarão na instituição. Assim:

A Polícia Militar do Tocantins, por meio do comandante-geral, Julio Manoel da Silva Neto, e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, por meio do reitor da instituição, Antônio da Luz Júnior, assinaram na manhã desta quinta-feira, 12, um Acordo de Cooperação Técnica entre as duas instituições, com o objetivo de estabelecer uma cooperação mútua e de ampla extensão, visando o Ensino, Pesquisa e Extensão para a formação, habilitação, aperfeiçoamento e qualificação continuada profissional dos policiais militares do estado do Tocantins.

O evento aconteceu no gabinete do comando, no Quartel do Comando Geral da Polícia Militar em Palmas, e contou ainda com a presença de representantes da PM e do IFTO, que celebraram a parceria e os futuros projetos a serem desenvolvidos pelas instituições. Dentre as ações garantidas inicialmente com a parceria está a formação em nível superior para os candidatos aprovados no concurso da PMTO em andamento, que realizarão o curso de formação e receberão a graduação de Tecnólogo em Segurança Pública e Policiamento Ostensivo. Os policiais militares que ainda não possuem um curso superior também serão beneficiados posteriormente com a medida, que visa garantir também o acesso desses profissionais a uma graduação.

O comandante-geral, coronel Silva Neto, agradeceu o apoio do IFTO em mais esta parceria de sucesso, e a equipe da Diretoria de Ensino, Instrução e Pesquisa (DEIP) da PMTO, que se empenhou ao máximo para que o próximo curso oferecido aos novos soldados da instituição seja uma graduação de nível superior. “Tenho certeza que esse é apenas o primeiro passo nessa parceria que visa beneficiar os profissionais da instituição, nossa preocupação é garantir que nossos policiais militares estejam devidamente qualificados para exercerem da melhor forma sua função, sendo a sociedade maior beneficiada com essas ações”.

Já a coronel Wélere Gomes Barbosa Silveira, Diretora de Ensino, Instrução e Pesquisa (DEIP) da PMTO, destacou: A parceria com o IFTO é um salto de qualidade e melhoria na formação do policial militar. O nosso soldado será “Tecnólogo em Segurança Pública e Policiamento Ostensivo”, uma inovação que oportunizará uma melhor prestação de serviço à sociedade tocantinense. Estamos trabalhando com afinco para que todo policial tenha acesso a graduação e pós-graduação. (PMTO, 2021).

Parceria essa confirmada também no site do IFTO, algo que vem para revolucionar a formação destes profissionais, pois ao término do curso de formação

de soldado (CFSD), estes sairão Tecnólogos em Segurança Pública e Policiamento Ostensivos. Deste modo:

Na manhã desta quinta-feira, 12, o reitor do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Antonio da Luz Júnior e o comandante geral da Polícia Militar do Tocantins, coronel Silva Neto, assinaram convênio entre as instituições. A parceria objetiva a oferta de cursos de formação de nível superior para novos cabos, integrantes do último concurso realizado.

Trata-se da oferta do curso superior tecnólogo em Segurança Pública e Policiamento Ostensivo, na modalidade EaD, com previsão de início em fevereiro de 2022. A ação também prevê pagamento de bolsa para servidores participantes do projeto.

Na ocasião, também estiveram presentes a pró-reitora de Ensino, Nayara Pajeú, a pró-reitora de Extensão, Gabriela Medeiros, o diretor de cursos superiores, Daniel Marra, o coronel chefe de Estado-Maior, Wesley Borges e a diretora de ensino da PM, coronel Welere Gomes.

"Essa parceria é muito importante porque, além de fortalecer o vínculo entre ambas instituições, vai trazer também a oportunidade para todos os cabos ingressantes de ter a sua formação reconhecida em nível superior. Isso é uma inovação dentro da Polícia Militar e, o IFTO se sente muito honrado em participar desse momento histórico", disse o reitor, acrescentando que, além desta ação, está sendo planejada também a oferta de cursos de extensão que venham a auxiliar nos desafios da corporação.

Durante a reunião, os representantes da PM ressaltaram a importância da parceria. "O objetivo é de qualificar a corporação, buscando a excelência do serviço policial para a sociedade. A educação não é gasto, mas sim um investimento", disse o coronel Silva Neto.

"A oferta de curso superior para o quadro de praças é importante para a melhoria da instituição Polícia Militar, mas também para dar mais oportunidade a estes profissionais", declarou o coronel Wesley Borges.

A coronel Welere Gomes enfatizou o empenho do IFTO. "Ficamos muito felizes com a recepção e rapidez do IFTO em fazer a parceria. E destacamos que a estrutura do IFTO coincide onde são os batalhões e companhias independentes da PM, facilitando a oferta do curso descentralizada", afirmou. (IFTO, 2021).

Esse acordo entre essas duas instituições, além de proporcionar uma melhor formação a esses profissionais da segurança pública, também será de suma importância na aproximação entre a sociedade e a Polícia Militar. Um avanço na construção de uma imagem positiva e uma relevância social desses profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo analisar a cultura, territorialização e territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins-CIOE-PMTO. A qual, mesmo sendo parte da instituição Polícia Militar, se distingue nas cores de seus uniformes, viaturas, prédios e treinamentos diferenciados dos demais militares da tropa ordinária, dentre outros aspectos, marcando assim a sua territorialidade.

A investigação se fundamentou metodologicamente numa abordagem qualitativa e quantitativa. Utilizei metodologias e técnicas como revisão de literatura e pesquisa bibliográfica, pesquisa e análise de fontes como os boletins gerais, boletins internos; entrevistas; questionários estruturados; técnicas de história oral temática e observação *in loco*.

Todas essas fontes dialogaram a partir da interdisciplinaridade bibliográfica advinda da Antropologia, da Sociologia, da Geografia e da História que nos proporcionou informações importantes quanto a criação e ação deste grupo no território tocantinense, pois a riqueza de informações delas extraídas, resgatam e justificam o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, pois possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

O Tocantins, a exemplo de outros Estados da federação tem a Polícia Militar como a responsável pelo serviço preventivo e ostensivo na preservação da ordem pública e como muitos outros Estados a Polícia Militar do Tocantins tem a sua tropa de Elite. Essa unidade é a CIOE, a qual passou a ser BOPE em 26 de janeiro de 2021 durante essa pesquisa.

A CIOE foi criada em 2003 e compõe-se de homens altamente treinados e preparados para enfrentar quaisquer ações criminosas, sejam elas urbanas ou rurais, atuando em ações complexas que fujam das normalidades como: resgate de reféns; assaltos a instituições financeiras; uso de explosivos; várias outras ocorrências não convencionais.

Portanto, embasados nos conceitos de *habitus*, *campo* e *capital simbólico* de Pierre Bourdieu (2003, 2018), compreendem-se as razões de criação, organização e constituição simbólica da Companhia Independente de Operações Especiais a partir de cultura e processo de territorialização e a construção de novos *habitus* em seus integrantes que anteriormente faziam parte da tropa ordinária e a permanência desses

habitus nos seus ex-integrantes. Estes *habitus*, como definido por Bourdieu (2018) estão presentes nas falas, gestos, comportamentos e valores do grupo, formando assim a identidade desta Unidade.

Essa Unidade é composta por militares distintos dos demais militares da tropa, compartilham dos mesmos objetivos que é enfrentar a criminalidade, porém atendendo ocorrências não rotineiras, como criminosos que utilizam de *modus operandi* não convencionais, em ações chamadas pelas autoridades de segurança pública de “novo cangaço”. Ou seja, assaltos praticados por uma quantidade maior de criminosos que causam medo e terror.

Portanto, vale aqui lembrar que em todo ano de 2020, até o momento, 2021, não ocorreram assaltos a instituições financeiras e nem a carros fortes no estado do Tocantins. Refletindo positivamente para a Polícia Militar do estado que pode contar com a CIOE, no caso o agora BOPE e as demais unidades especializadas. Assim, proporcionando maior segurança a sociedade tocantinense.

Conseqüentemente, esse trabalho procurou mostrar a cultura, territorialização e territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins-CIOE-PMTO, suas peculiaridades distintas, preparo, importância na resolução de operações complexas e funções constitucionais, nos conceitos de treinamento e emprego. Além de todo o preparo físico e psicológico, unidos ao um conjunto de ações simbólicas as quais são colocadas em movimento, entre os membros desse grupo para garantir a sua distinção.

A construção de novos *habitus* faz parte desta estrutura a qual forma a trajetória desses operadores que já integraram e integram essa Unidade, pois é por meio desses *habitus* adquiridos que os modos de pensar destes agentes, que até então exerciam outras atividades na Polícia Militar, passam a ser moldados e orientados em suas formas de pensar sobre o mundo social, o campo das Operações Especiais.

A construção desse “sistema de crenças e normas” está ligada à necessidade de legitimar o grupo e de justificar sua existência. Demarcando assim os seus espaços, tornando-os em territórios exclusivos representados nas cores de seus uniformes, viaturas, prédios e linguagem própria. Essas demarcações territoriais são visíveis em seus corpos, treinamentos e condutas.

Deste modo, dando origem a uma representação simbólica em torno desses “homens de preto” que tem como símbolo uma caveira, que os definem e

possui como lemas a “Vitória sobre a morte” e “Força e Honra”. Lemas nascidos dos ritos de instituição que celebram mudanças que marcam os *status* de uma pessoa no seio de um grupo e é responsável pela construção cultural da tropa de Elite da PMTO.

Contudo, essa construção simbólica começa pela aprovação no COEsp ou no CATE, critérios para integrar a CIOE. Ou seja, ao passarem por várias provas e concluírem com aproveitamento um dos respectivos cursos, terão o reconhecimento de uma vivência comum que unifica o grupo. Agora, os anteriormente convencionais, assim chamados em muitas outras instituições, mas que na PMTO são chamados tropa ordinária, passam a possuir outras características, com procedimentos não convencionais que identificam como um grupo especial porque são portadores de saberes distintos dos demais integrantes da tropa, pois são agora titulados, Caveiras e Cateanos.

Agora sendo BOPE, essa Unidade de Elite da PMTO, passa a ter uma sede própria, o que irá proporcionar melhores condições de trabalho a esses operadores. Pois, durante o relato dos entrevistados foi uma das principais preocupações observadas. Desde a criação da CIOE em 2003, foram 18 anos sem uma sede própria para a tropa de Elite da PMTO, o que dificultava a acomodação, treinamento e condições de trabalho de seus agentes.

O BOPE, já nasceu com uma sede própria, entregue no dia de sua inauguração em 26 de janeiro de 2021. Após a sua criação o Batalhão de Operações Especiais abriu o Edital nº 001/2021-P/3-BOPE, ao primeiro Curso de Ações Táticas Especiais no dia 2 de fevereiro de 2021, sendo oferecidas 40 vagas aos voluntários. Com isso, amenizando a carência no efetivo, o que também foi observado pelos entrevistados.

Agora, a Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins passa a ser conhecida por BOPE e não mais por CIOE, porém, a missão continua a mesma, o enfrentamento das ocorrências complexas para proteger a sociedade tocantinense. Mantendo a cultura, territorialização e territorialidade, embasados nos conceitos de *habitus*, *campo* e *capital simbólico*, responsáveis na formação da identidade desse grupo.

Logo, a criação do BOPE-PMTO, gera expectativas positivas para um futuro próximo, pois tendo agora uma sede própria podem abrir a visitasões e outras atividades, conquistando ainda mais o respeito por interagir com a sociedade, especialmente ao promover eventos como corridas, rapel e outros. A exemplo dos

demais BOPEs das Polícias coirmãs. Portanto, com esse reflexo positivo, podem angariar mais apoio junto ao governo na obtenção de equipamentos e treinamentos, qualificando ainda mais esses operadores de Elite.

Portanto, o intuito desta pesquisa, além de analisar a cultura, territorialização e territorialidade da Tropa de Elite da Polícia Militar do Tocantins-CIOE-PMTO a qual passou a ser BOPE, foi chamar atenção para relevância social não somente desta Unidade, mas também a todos os homens e mulheres de farda da instituição Polícia Militar, ressaltando questões de diferença entre presente e passado. E assim, procurar reduzir essa lacuna quanto a esses sujeitos sociais encarregados de estabelecer a segurança pública e respeitar os direitos humanos, dando visibilidade sociocultural e historiográfica não somente a Polícia Militar do Tocantins, mas também a todos os policiais militares do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Jania. P. D. **Príncipes e Castelos de Areia: Performance e liminaridade no Universo dos grandes roubos**. 2009. 230f. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11022010-104155/publico/JANIA_PERLA_DIOGENES_AQUINO.pdf. Acesso em: 16 jan. 2020.
- _____. **Violência e performance no chamado ‘novo cangaço’**: Cidades sitiadas, uso de explosivos e ataques a polícias em assaltos contra bancos no Brasil, (2020). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/31668>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- ARAÚJO, Alberto Gomes de. **A criação da Companhia Independente de Operações Especiais - CIOE e a construção de suas marcas simbólicas como grupo da Polícia Militar do Tocantins (2003-2017)**. 2017. 60f. Monografia – (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Tocantins - UFT, Araguaína, TO, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **A Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. 7. ed. Perspectiva, 2011.
- _____. **Conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRETAS, Marcos Luiz., ROSEMBERG, André. **A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas**. Ensaio bibliográfico, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v14n26/1518-3319-topoi-14-26-00162.pdf> . Acesso em: 21 jan. 2021.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRETAS, Marcos Luiz. Observações sobre a falência dos modelos policiais. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 79- 94, maio de 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v9n1/v09n1a05.pdf>
- BULOS, Uadi Lammêngo. **Curso de Direito Constitucional**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.
- CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2. ed. revisada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

COSTA, Carlos André Viana da. **Novo Cangaço no Pará: a regionalização dos assaltos e seus fatores de incidência**. 2016. 66f. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

COTTA, Francis Albert. **Breves reflexões sobre a simbologia do crânio transpassado pelo punhal de Comandos nas Forças Especiais de Polícia no Brasil**. Belo Horizonte, MG, 2007.

_____. **Breve História da Polícia Militar de Minas Gerais**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

DENÉCÉ, Éric. **A História secreta das Forças Especiais: de 1939 a nossos dias**. Trad. Carolina Massuia de Paula. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

ESTADO DO TOCANTINS. **Diário Oficial**. Disponível em: <https://diariooficial.to.gov.br/busca/?por=edicao&edicao>. Acesso em 04 mar. 2021.

FRANÇA, Fábio Gomes de. **“Nunca serão!” O BOPE e a caveira totêmica**. João Pessoa: Ideia, 2020.

FREITAS, Marcelo Gomes de., COSTA, Vinicius Rodrigues da. **A Relação do Bope com a Polícia Militar de Goiás**: Rio Verde – GO, julho de 2018. 11f. Disponível em: <https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/1191/1/Marcelo%20Gomes%20De%20Freitas.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.

G1 TOCANTINS. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/11/01/pm-morre-apos-troca-de-tiros-com-quadriha-suspeita-de-explodir-banco.ghtml>. Acesso em 25 fev. 2021.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. 2. Ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUERRA DOS BÔERES. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/guerra-dos-boeres/>. Acesso em 30 set. 2021.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/.html>? Acesso em 2 out. 2021.

_____. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/>. Acesso em 2 out. 2021.

IFTO – Instituto Federal do Tocantins. Disponível em: <http://portal.ifto.edu.br/noticias/ifto-e-pm-to-firmam-parceria-para-oferta-de-cursos-de-formacao>. Acesso em 29 set. 2021.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 525-541.

LUNCKES, Mariseti C. Soares. **A 4ª Companhia isolada de Pedro Afonso e o cotidiano dos policiais militares**: um projeto de policiamento e “ordem” para os sertões do antigo norte goiano (1930-1964). Tese (Doutorado) IFCS, UFRJ. Rio de Janeiro, 2011.

PMTO – Polícia Militar do Tocantins. Disponível em:

<https://www.pm.to.gov.br/institucional/a-corporacao/historico/>. Acesso em 14 jan. 2020.

_____. <https://www.pm.to.gov.br/noticia/2021/1/7/operacoes-da-policia-militar-em-2020-reduzem-a-criminalidade-e-causam-prejuizos-milionarios-ao-crime-organizado/>. Acesso em 29 jan. 2021.

_____. <https://www.pm.to.gov.br/noticia/2017/4/18/policia-militar-lanca-sistemas-tecnologicos-que-melhoram-o-fluxo-de-informacoes-da-corporacao-em-todo-estado/>. Acesso em 08 jan. 2021.

_____. <https://www.pm.to.gov.br/noticia/2021/2/2/policia-militar-abre-inscricoes-para-selecao-ao-i-curso-de-acoes-taticas-especiais--cate/>. Acesso em 04 mar. 2021.

_____. <https://www.to.gov.br/pm/noticias/parceria-entre-pm-e-ifto-garante-formacao-em-nivel-superior-para-nova-turma-de-soldados-aprovados-no-concurso-em-andamento/33hie8qzrxqs> . Acesso em 29 set. 2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROSEMBERG, André. **De Chumbo e Festim: Uma História da Polícia Paulista no final do Império**. São Paulo: Fapesp, 2010.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Ano I - Número I - julho de 2009. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Rio Grande do Sul: UFRGS-2009.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

STORANI, Paulo. **Vá e vença**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

TOCOIN. Disponível em: <https://www.tocoin.com.br/tradicao-americana-das-challenge-coins/>. Acesso em 03 fev. 2021.

ÚLTIMO SEGUNDO. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2017-02-09/batalhao-choque-coe.html>. Acesso em 12 jul. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO AOS EX-INTEGRANTES E INTEGRANTES DA CIOE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA
E TERRITÓRIO – PPGCULT

Av. Paraguai esq com Rua Uxiramas – Setor Címbia | 77.824.838 | Araguaína/TO
Coord.(63) 2112-2295 | Secret. (63) 2112-2253 | 2112-2286 | www.uft.edu.br/ppgcult|
secretariappgcult@mail.uft.edu.br



QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

- 1- Quais são os símbolos utilizados pelos integrantes da CIOE para marcar a diferença em relação aos demais policiais da tropa no Tocantins?
- 2- Por que você acha que estes símbolos foram escolhidos e como eles são utilizados?
- 3- Quais são os ritos e mitos que alimentam e garantem essa diferenciação no interior da corporação militar tocantinense?
- 4- Quais são as normas e valores que alimentam e garantem essa diferenciação no interior da corporação militar?
- 5- Você vê ou percebe diferenças em relação as unidades que atuam nas diferentes cidades tocantinenses?
- 6- Qual diferencial entre a CIOE e as forças semelhantes de outros estados da federação? O que você indicaria como diferencial tocantinense?
- 7- Quais são os cursos, critérios e exigências para se fazer parte da CIOE?
- 8- Além dos rituais para ingresso e permanência na CIOE, existem rituais para saída e/ou desligamento da CIOE? Comente.
- 9- O que você vê/identifica como vantagens e desvantagens em fazer parte da CIOE?
- 10- Quais as dificuldades enfrentadas por você quando ingressou ou fez parte da CIOE. Houve algum estranhamento por parte dos outros policiais em aceitar um grupo que usa uniformes, armamentos e concepção diferenciada?
- 11- Qual a diferença entre os policiais de Operações Especiais da CIOE em relação aos outros militares?
- 12- Como você lida com essas diferenças no seu cotidiano, enquanto policial militar no Tocantins?
- 13- O fato de ser policial, você sofre algum tipo de preconceito por parte da sociedade tocantinense?
- 14- Qual a sua impressão ou percepção em relação ao senso comum de que vocês só chegam para “matar”, por terem como símbolo uma caveira?
- 15- Qual foi sua experiência ou ocorrência mais marcante na CIOE ou quando você fez parte dela? Porquê?
- 16- Quando você ingressou na Polícia Militar do Tocantins, pretendia fazer parte de um grupo igual a Companhia Independente de Operações Especiais - CIOE ou de outros grupos especializados? O que o levou a isso?
- 17- A Companhia Independente de Operações Especiais – CIOE é a tropa de elite da Polícia Militar do Tocantins. Qual seu sentimento por fazer ou de já ter feito parte deste grupo? Comente.
- 18- Você poderia indicar alguma desvantagem ou elemento negativo em fazer parte da CIOE?
- 19- No seu ponto de vista quais as dificuldades, se é que tem alguma, que a CIOE enfrenta, e quais seriam as soluções para resolvê-las?
- 20- Na sua opinião, como é possível melhorar a qualidade de atendimento social deste grupo visando um retorno positivo para a Polícia Militar do Tocantins e para sociedade tocantinense como um todo?

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cultura e Territorialização da CIOE-PMTO

Pesquisador: ALBERTO GOMES DE ARAUJO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 29824820.0.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.580.856

Apresentação do Projeto:

A pesquisa visa compreender as razões para a territorialização da Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE) da Polícia Militar do Tocantins (PM-TO). A questão que orientará a investigação está relacionada com os símbolos e ritos que constroem e se constituem em elementos de distinção da CIOE na Polícia Militar do Tocantins, no seu processo de cultura e territorialização, ou seja, em sua circunscrição. Como instrumento de pesquisa o pesquisador utilizará um questionário estruturado de 20 questões. A pesquisa utilizará áudio e vídeo.

Objetivo da Pesquisa:

Estudar e compreender os símbolos, ritos e práticas que fomentam a cultura e a territorialização da Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE) da Polícia Militar do Tocantins (PM-TO).
Objetivo Secundário:

Compreender os símbolos, ritos e práticas que constroem a distinção da CIOE no interior da PMTO;

Comparar as diferenças entre as formas de acesso, instrução, finalidades e de ocupação territorial entre a tropa ordinária e os integrantes da CIOE dentro da PMTO;

Analisar a forma de organização e ação institucional da CIOE no território tocantinense.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador apresentou os riscos da pesquisa que são: Apesar de a pesquisa não ser vinculada

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.580.656

a procedimentos de origem física e orgânica, mas sim de origem psicológica, intelectual e emocional. Compreende-se que oferece baixo risco aos envolvidos, visto que durante a entrevista pode ocorrer possibilidade de desconforto, cansaço, constrangimento ou alterações comportamentais ao responder o questionário pela evocação de memórias. Caso a aplicação do questionário desperte alguma questão de ordem emocional, acionaremos os serviços de assistência psicológica da PMTO para o devido acompanhamento. Esclarecemos que nesta pesquisa as gravações de áudios ou vídeos, serão realizadas apenas a depender das necessidades da pesquisa, levando em consideração a autorização dos participantes. Para minimizar estes riscos, utilizaremos questionários estruturados possibilitando total liberdade aos pesquisados, os quais poderão interromper ou responder o questionário sem a presença do entrevistador; ou recusar gravar áudio ou vídeo. Dentre os benefícios desta pesquisa, destacamos a possibilidade de a sociedade conhecer, através das narrativas, este setor da sociedade, construir conhecimento mais aprofundado, sem romantismo ou preconceito, sobre uma instituição do Estado responsável pela segurança pública dos cidadãos tocaninenses. Os resultados decorrentes da pesquisa também servirão para compor e subsidiar reflexões acerca de questões relacionadas a segurança pública, políticas de segurança pública e como suporte a produção e divulgação

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa foi bem escrita e os critérios éticos da pesquisa foram contemplados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi solicitado dispensa do termo de fiel depositário já que a plataforma a ser utilizada na pesquisa de domínio público

Foi inserido o termo de autorização de vídeo, áudio e imagem.

Foram realizadas as alterações requeridas no TCLE e no PBinformações

Recomendações:

Evitar citação de número de leis e resoluções no TCLE, o TCLE é um documento que deve ser claro e o mais simples possível para que qualquer pessoa leiga possa interpretá-lo corretamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Concluímos que o trabalho segue os padrões éticos estabelecidos em lei e que a pesquisa pode prosseguir cumprindo os critérios técnicos apresentados.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado
 Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-090
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3232-8023 E-mail: cep_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.656

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1503643.pdf	10/01/2021 22:55:42		Aceito
Outros	CartaResposta.pdf	10/01/2021 22:54:59	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Outros	termodeautorizacao.pdf	10/01/2021 22:54:27	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/01/2021 22:52:38	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Outros	Cartareajuste.pdf	07/11/2020 21:36:49	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projctobrocura.pdf	07/11/2020 21:35:55	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	14/02/2020 19:34:32	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Outros	Formulario.pdf	14/02/2020 19:25:19	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Coorientadora.pdf	14/02/2020 19:14:31	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Orientador.pdf	14/02/2020 19:12:59	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pesquisador.pdf	14/02/2020 19:10:30	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CPE.pdf	14/02/2020 19:06:41	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CIOE.pdf	14/02/2020 19:06:24	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	PMTO.pdf	14/02/2020 19:05:45	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	14/02/2020 18:55:35	ALBERTO GOMES DE ARAUJO	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norle Prédio do Almoarifado
 Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-090
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3232-8023 E-mail: cep_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.656

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 09 de Março de 2021

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** cep_uf@uf.edu.br

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1/3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa CULTURA E TERRITORIALIZAÇÃO DA CIOE-PMTO. Esta pesquisa será realizada pelo pesquisador ALBERTO GOMES DE ARAÚJO, do Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) da Universidade Federal do Tocantins do Campus de Araguaína, sob orientação do Prof. Dr. BRAZ BATISTA VAS e coorientação da Profa. Dra. MARTHA VICTOR VIEIRA. Nesta pesquisa pretendemos estudar e compreender os símbolos, ritos e práticas que fomentam a cultura e a territorialização da Companhia Independente de Operações Especiais (CIOE) da Polícia Militar do Tocantins (PM-TO). Pretendemos analisar e comparar as diferenças entre as formas de acesso, instrução, finalidades e de ocupação territorial entre a tropa ordinária e os integrantes da CIOE dentro da PMTO e a forma de organização e ação institucional da CIOE no território tocantinense. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: revisão de literatura e pesquisa bibliográfica; pesquisa documental, com análise de conteúdo; entrevistas, a partir de questionários estruturados e de técnicas de história oral temática, caso seja necessário complementar as informações dos questionários; observação *in locu*, com registros em caderno de campo e fotográficos. A sua participação consistirá em responder aos questionários estruturados e contribuir com as demais informações necessárias a pesquisa. Os riscos envolvidos na pesquisa são mínimos e, em caso a aplicação do questionário desperte alguma questão de ordem emocional, acionaremos os serviços de assistência psicológica da PMTO para o devido acompanhamento.

A sua participação neste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, ou qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou qualquer dado, material ou registro que indique sua participação no estudo não será liberado ou divulgado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar qualquer dano, salvo com sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal do Tocantins – Campus Araguaína, e a outra será fornecida ao Sr(a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos na sala do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO – PPGCULT da UFT e, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Para a realização desta pesquisa, como Pesquisador Responsável, assumo o compromisso de que serão cumpridas todas as exigências éticas estabelecidas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, contidas no item IV.3 e

IV.4. se for o caso), bem como nas contidas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016, contidas especialmente em seu Art. 17. Esta pesquisa tem seu acompanhamento ético feito pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins - Campus Palmas-TO. O CEP é um colegiado independente de qualquer instituição, mesmo daquela em que se instala, e que reúne especialistas de várias áreas para conjuntamente analisar as pesquisas que lhe são apresentadas por força da legislação, visando principalmente defender os interesses, a integridade e a dignidade dos participantes de pesquisas, como é o caso do sr.(a). O CEP- Universidade Federal do Tocantins poderá ser contatado ou pessoalmente, em seu endereço na Av. NS 15. 106 Norte Prédio do Almojarifado em Palmas – TO, ou por meio de contato telefônico, (63) 3232 8023 ou 63 3229 4023, ou ainda, via e-mail, cep_uft@uft.edu.br. Caso deseje esclarecer qualquer dúvida ou mesmo obter informação sobre resultados parciais da pesquisa que possa ser repassada sem o comprometimento do sigilo de outro(a) participante. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - CEP, é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participantes de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma que você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, poderá entrar em contato pelo CEP da Universidade Federal do Tocantins, pelo telefone 63 3229 4023, pelo E-mail: cep_uft@uft.edu.br ou pelo endereço físico acima descrito. O senhor (a) pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. Horário de atendimento do CEP, de segunda e terça feira das 14:00 as 17:00 horas e quarta e quinta feira das 09:00 as 12:00 horas. Poderá ainda entrar em contato com o Pesquisador responsável, ALBERTO GOMES DE ARAÚJO, pelo telefone 63 99209-5556 ou pelo E-mail <agaskull08@gmail.com>. Mesmo após o término da pesquisa para tirar dúvidas ou reclamações.

DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa CULTURA E TERRITORIALIZAÇÃO DA CIOE-PMTO, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. O pesquisador e o professor orientador certificam-me de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar o Pesquisador: ALBERTO GOMES DE ARAÚJO, pelo telefone 63 99209-5556 ou pelo E-mail <agaskull08@gmail.com>., o professor orientador. Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.



 ASSINATURA DO PESQUISADOR



 ASSINATURA DO ORIENTADOR

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Nome do Pesquisador Responsável: Alberto Gomes De Araújo

Endereço: Rua dos Carpinteiros N. 576

Bairro: Jardim Paulista

CEP: 77809 490

Cidade: Araguaína-TO

Telefone Celular (63) 99209-5556

E-mail: agaskull08@gmail.com

Local, (Data) ____/____/____.

Assinatura do Participante da Pesquisa

ANEXO D – JORNAL DO TOCANTINS - 2003



ANEXO E – DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

X
 Ciente
 06.08.04
 PLANEJAMENTO
 DE REGISTRO DE OCORRÊNCIAS DO 2º PEL/CIOE QUE ENVOLVEU BAIXA OU ALVEJAMENTO DE MILITARES, OU APENAS TROCA DE TIROS CONTRA MILITARES DO 2º PELOTAO DA CIOE

Nº	DATA	HORÁRIO	LOCAL	NATUREZA	SÍNTESE DO FATO	EQUIPE
005	07/05/2004	10hs30	Proximidades da Cerâmica Nossa Srª da Guia no município de Nova Olinda-To.	Roubo	Cerco a assaltantes da Agência dos Correios de Nova Olinda em um matacão, onde, a equipe de serviço ao determinar que um dos mesmos se entregasse houve resistência, com disparos de arma de fogo contra a equipe de serviço, tendo a mesma que revidá-la.	COE
011	14/11/2004	21hs00	Posto de combustível Santa Fé - cidade de Santa Fé do Araguaia - To.	Roubo	Cerco a assaltantes do Posto Santa Fé, nas proximidades da Fazenda Catú no município de Santa Fé-To, onde, ao determinar que os indivíduos se rendessem, os meliantes ignoraram e efetuaram disparos contra a equipe de serviço. No mesmo ocorrido, os indivíduos alvejaram uma Vtr Gol do destacamento local, porém não houve vítimas militares.	COE
012	17/12/2004	12hs50	Agência do Banco do Brasil da cidade de Xambioá-To.	Roubo	Oito elementos fortemente armados efetuaram disparos contra a Agência e os PMs que faziam a guarda da Ag. do BB local e contra os PMs que estavam na sede do Pelotão. Foram alvejados os seguintes PMs do 2ºBPM: Sd PM Antônio Jefferson Batista Ferreira, Sd PM Moreira e Sd PM Edson Pereira Rodrigues. Apesar de ficarem gravemente feridos nenhum militar veio a óbito	COE



**RELATÓRIO DE OCORRÊNCIA Nº 000006
DO BARRAMUNDO PRODUÇÃO DURANTE**

1. FINALIDADE:

O presente relatório tem por finalidade informar o Senhor Comandante da Companhia Independente de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado do Tocantins, anexo da ocorrência de Apoio à PM/GO, DO n.º 236/2016 registrada por equipe de COE no âmbito da GUARUJÁ no período diário.

2. EXECUÇÃO:

1. FISCAL DE DIA:

2. COMANDANTE DA EQUIPE:

3. EFEITO EMPREGADO:

Atuação COE

4. DESENVOLVIMENTO:

- a) Data e horário:
Guarujá (quarta-feira) 07h30min.
- b) Local: Rodovia GO-114, KM 48, Foz de Goiás - GO.
- c) Endereço:
Operadora Pneu
- d) Atendimento e Equipamento:
Pneu em 40, Pneu 7,30, coveiro britânico, argema.
- e) Legitimidade:
OI - Vistoria.

5. RESULTADOS:

- a. Pessoas Apreendidas e encaminhadas a Delegacia de Polícia:
 - Nenhum
- b. Armas de Fogo e Outras Apreendidas:
 - Nenhum
- c. Veículos Apreendidos:
 - Nenhum
- d. Veículos Abandonados:
 - Nenhum
- e. Pessoas Abandonadas:

- Nenhum
- f. Outros Apreendidos:
- Nenhum
- g. Outros Materiais Apreendidos:
- Nenhum

6. ASPECTOS POSITIVOS:

Proficiência e profissionalismo da equipe empregada.

7. ASPECTOS NEGATIVOS:

Nenhum.

8. APOIO:

PM/GO

9. RESUMO:

Estado de serviço no dia 04/08/2016 na região de Foz de Goiás/TO, em cumprimento a Operação Pneu Brasil Controlado, tendo atuado para acompanhar no município de TALAÍDITO, onde juntamente com a equipe de RÔPE e COE PM/GO, fazemos conhecimento de um roubo a três estações, Itambé, Durco de Brasil, Sui e Comercio da cidade de Alto Paraíso/GO (município de Novo Campesin), deslocamos ao local da ocorrência. Logo após tivemos conhecimento que as vítimas de município de Foz de Goiás/GO relataram roubo no posto de Rio Foz de Goiás, sendo uma possível rota de fuga e ao perceberem o bloqueio, os suspeitos de roubo abandonaram o veículo abandonando a mala margem do rio. Chegando ao local, procedemos buscas e vistorias e foi no período de tarde do dia 05/08/2016, com o apoio do C/OPC e GPT continuamos as diligências. O COE/ON de Vila Rica/GO informou que um trabalhador rural teria visto quatro indivíduos andando na mata próximo a rodovia GO 114 no atual do KM 48. De imediato deslocamos para investigar a informação, e as equipes na operação deslocaram com os suspeitos, havendo confronto e em respeito à vida e à integridade, considerando ser parte dos componentes, os quais foram encaminhados ao hospital da cidade de Foz de Goiás/GO, posteriormente vindo a sério informo ainda que foi localizado junto aos indivíduos, uma mala com um prêmio contendo parte do dinheiro proveniente do roubo e armas de fogo. Em tempo, informo que até o momento em que permanecemos na ocorrência, de acordo com as informações qualificadas. Depois do ocorrido, retornamos ao Estado do Tocantins e as equipes envolvidas na operação aguardam os outros dois suspeitos, havendo novo contato.

10. COMUNICAÇÃO:

Rede Telefônica:
C/OE – (63) 3218-2799
FISCAL DE DIA (C/OE)
3.º PEL/C/OE – 3312-1983
C/OE –
C/OE –
Rede de Rádio: Via SIOF

Sede do 3.º PEL/C/OE em Gurupi – TO, 08 de Agosto de 2016.

Respeitosamente,

CMT DA EQUIPE COE



DATA E HORA DA IMPRESSÃO DESTES RELATÓRIO: 13/07/2021 22:53:16

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO TOCANTINS**EXTRATO DE ATENDIMENTO POLICIAL - Nº ATENDIMENTO: 152897****DADOS PRINCIPAIS DO FATO**

Nº de Atendimento: 152897	Unidade de Atendimento: BOPE - BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS	Nº B.A.: 119838
Natureza Principal: APOIO A OUTROS ORGÃOS		
Data do Fato: 07/07/2020	Hora do Registro: 10:00:00	
Endereço: AV. NS, 04 - LOTE 2 - PLANO DIRETOR SUL, PALMAS - TO, 77021-024		
Ponto de Referência: INSTITUTO MÉDICO LEGAL		
Local: AV 304 S	Cidade: PALMAS	
Tipo de Via: NÃO INFORMADO	Sentido da Via: NÃO INFORMADO	Rodovia: NÃO INFORMADO
		KM: NÃO INFORMADO

Relatório Policial

A EQUIPE DO ESQUADRÃO DE BOMBAS, DA COMPANHIA INDEPENDENTE DE OPERAÇÕES ESPECIAIS - CIOE, FOI ACIONADA PARA DAR APOIO AO INSTITUTO MÉDICO LEGAL, TENDO EM VISTA A NECESSIDADE DE DESCARTE DE MATERIAIS EXPLOSIVOS QUE SE ENCONTRAVA EM SUAS DEPENDÊNCIAS. NO LOCAL FOI RECOLHIDO O MATERIAL EXPLOSIVO, QUE FOI LEVADO PARA DESTRUIÇÃO DE FORMA SEGURA E CONTROLADA.

ANÁLISE E VALIDAÇÃO

Consolidada por 2º SARGENTO GUTENNERG CARVALHO SETUBAL

